**O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO
DE CRISTO RESSUSCITADO COMO NOVIDADE ECLESIOLÓGICA DE UMA
AUTÊNTICA VIVÊNCIA MISSIONÁRIA CRISTÃ E ECLESIAL**

PAULO TADEU BARAUSSE

**UNIVERSIDAD PONTIFICIA BOLIVARIANA – UPB -
CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO – CELAM -
INSTITUTO TEOLÓGICO PASTORAL PARA AMÉRICA LATINA - ITEPAL
BOGOTÁ, D. C.**

2012

**O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO
DE CRISTO RESSUSCITADO COMO NOVIDADE ECLESIOLÓGICA DE UMA
AUTÊNTICA VIVÊNCIA MISSIONÁRIA CRISTÃ E ECLESIAL**

PAULO TADEU BARAUSSE

**Trabalho de graduação para obter o título de Licenciatura Canônica em
Teologia com ênfase em Teologia Pastoral**

Assessor

RICARDO ANTONCICH

Doutor em Teologia

**UNIVERSIDAD PONTIFICIA BOLIVARIANA – UPB -
CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO – CELAM -
INSTITUTO TEOLÓGICO PASTORAL PARA AMÉRICA LATINA - ITEPAL
BOGOTÁ, D. C.**

2012

Nota de aceptación

Presidente del Jurado

Jurado

Jurado

Bogotá, D.C., Maio 2012

AGRADECIMENTOS

Meu profundo agradecimento a todas as pessoas que com seu apoio e sua oração incentivaram a realização deste trabalho de pesquisa.

A meus pais: Caetano (+) e Maria de Lourdes, familiares e amigos que têm me acompanhado em minha caminhada e peregrinação por esta vida.

A toda Companhia de Jesus, à Província do Brasil Meridional e à Província da Colômbia por sua confiança e pelo total apoio para a realização deste trabalho de pesquisa.

A meu diretor de tese, Pe. Ricardo Antoncich, Sj., que com sua experiência acadêmica e acompanhamento, motivou, orientou e dirigiu esta pesquisa.

À família ITEPAL-CELAM, por oferecer este espaço de formação e convivência latino-americana.

A meus companheiros de estudo e todos os funcionários do ITEPAL com os quais compartilhei esta experiência de estudos teológicos e com quem me senti unido pela amizade e a comunhão fraterna.

A todas as pessoas com as quais convivi e pude partilhar a vida missionária, em nossas paróquias e conjuntos habitacionais, onde contribuí celebrando nos finais de semana.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AD	Ad Gentes
CCE	Catecismo da Igreja Católica
CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CIV	Caritas in Veritate
DA	Documento de Aparecida
DCE	Deus Caritas est
DI	Discurso Inaugural de S.S. Bento XVI na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano
DM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
DSD	Documento de Santo Domingo
DV	Dei Verbum
EN	Evangelii Nuntiandi
GS	Gaudium et Spes
LE	Loborem Exercens
LG	Lumen Gentium
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul. Em espanhol: Mercado Común del Sur, Mercosur
NMI	Novo millennio ineunte
OT	Optatam Totius
PC	Perfectae Caritatis
PP	Populorum Progressio

RM	Redemptoris Missio
RN	Rerum Novarum
SC	Sacrosanctum Concilium
TMA	Tertio millennio adveniente
VD	Verbum Domini

CONTEÚDOS

	Pág
RESUMO	9
INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I: O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO DO CRISTO RESSUSCITADO NA SAGRADA ESCRITURA	14
1.1. O mandato de Cristo e a missão confiada aos apóstolos	22
1.2. O sentido fundamental do seguimento	28
1.3. O encontro pessoal e a nova fé que renasce no Cristo ressuscitado	32
1.4. Discipulado como fundamento de ser Igreja hoje	36
CAPITULO II: O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO DO CRISTO RESSUSCITADO COMO NOVIDADE ECLESIOLOGICA	43
2.1. Contexto sócio-cultural e religioso mudado	47
2.2. O discipulado e o seguimento do Cristo Ressuscitado no Concílio Vat. II	57
2.3. O discipulado e o seguimento do Cristo Ressuscitado no Magistério latino- americano e caribenho	62
2.3.1. Medellín	66
2.3.2. Puebla	71
2.3.3. Santo Domingo	76
2.4. O discipulado e o seguimento do Cristo Ressuscitado em Aparecida	83
CAPITULO III: PROPOSTAS E LINHAS DE AÇÕES NA VIVÊNCIA DO DISCIPULADO E DO SEGUIMENTO DO CRISTO RESSUSCITADO NA AÇÃO PASTORAL DA IGREJA, RESSALTANDO OS LUGARES DO ENCONTRO COM O MESTRE: (Cf. DA 245-257)	90
3.1. O encontro com o Mestre na Sagrada Escritura	94
3.2. O encontro com o Mestre na Sagrada Liturgia e nos Sacramentos	97

3.3. O encontro com o Mestre na oração pessoal e comunitária	102
3.4. O encontro com o Mestre de modo especial nos pobres	104
3.5. Discipulado-missionário: Levar a mensagem de Jesus além das fronteiras da Igreja	111
3.6. O projeto de Aparecida: Interrogantes e desafios para a ação missionária	115
CONCLUSÃO	119
BIBLIOGRAFIA	124

RESUMO

O sentido exato do discipulado-seguimento não é algo abstrato ou intelectual, mas de vivências que surgem da comunhão de vida. No primeiro capítulo, através de uma compreensão das Sagradas Escrituras do seguimento de Jesus e do discipulado, mostramos a origem do cristianismo, a prática das primeiras comunidades, o testemunho dado pelos homens e mulheres que viveram seu discipulado e o seguimento Cristo Ressuscitado. No segundo capítulo, fazendo uma leitura reflexiva e compreensiva, se ressalta o discipulado e o seguimento do Cristo Ressuscitado no Concílio Vaticano II e no Magistério Latino-Americano nos documentos: de Medellín, Puebla, Santo Domingo e o chamado de Aparecida. Finalmente, apresentamos os lugares de encontros com o Cristo Ressuscitado (cf. DA 246-257) e linhas de ação pastorais. A V Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida nos especifica o modo de entender a Igreja como “comunidade de discípulos e missionários” para levar a Vida de Cristo aos Povos da América Latina. Estas perspectivas e sua colaboração fundamental são a melhor expressão do discipulado como seguimento de Jesus e colocam os cimentos da vitalidade da Igreja nos “encontros” da Igreja com Jesus Ressuscitado.

PALAVRAS CHAVES: DISCIPULADO, HISTÓRIA, ESCATOLOGIA, CRISTOLOGIA, ESPERANÇA, SEGUIMENTO, ECLESIOLOGIA, COMPROMISSO SOCIAL, ECUMENISMO, REINO DE DEUS.

INTRODUÇÃO

Faz vários anos que venho trabalhando nas Pastorais Sociais e na promoção dos Direitos Humanos, procurando como resposta concreta a mudança possível a partir de um trabalho através das bases. Isto é, procuro a mudança que cada um de nós pode realizar de maneira comum, assumindo o discipulado-seguimento-missão, sem limitar-se a invocar mudança de cima, pela intervenção das instituições políticas, econômicas, socioculturais, tanto em nível nacional como internacional. Acreditamos que pela vivência autêntica do discipulado-seguimento-missão, formando cristãos e cidadãos ativos e protagonistas, é possível influenciar positivamente as comunidades locais, influenciando as instituições competentes para transformar este mundo tão desigual, e assim frear este modelo tão injusto promovido pela economia de mercado de matriz neoliberal.

Para atingir estes objetivos procuramos neste trabalho fundamentar, aprofundar sobre o discipulado-seguimento-missão, tentando fornecer elementos para uma vivência autêntica dos valores evangélicos, promovendo e ajudando a reforçar as Pastorais Sociais, os muitos movimentos eclesiais e grupos e movimentos da sociedade civil organizada, que estão empenhados na construção de um mundo mais justo, solidário e fraterno. A mudança que propomos, justamente porque deseja ser possível, está na forma do processo e não do evento. A verdadeira transformação acontece deslanchando um processo que leva gradualmente a concretizar novos estilos de vida, começando do pequeno cotidiano, passando pelo envolvimento de toda a comunidade cristã, até comprometer as instituições eclesiásticas.

No primeiro capítulo procuramos fundamentar o discipulado-seguimento-missão, tomando elementos da Sagrada Escritura. Devido à amplitude do tema, nosso método foi percorrer de forma sintética pontos nucleares do texto bíblico que explicitam o discipulado-seguimento-missão, começando pelo Antigo Testamento e chegando à novidade de Jesus Cristo e sua Boa Notícia. Atualizando o discipulado-seguimento à pessoa de Jesus, tomamos conhecimento de muitos elementos semelhantes ao do Antigo Testamento.

A grande lição do Antigo Testamento é que todo ele está inspirado na esperança de um futuro melhor, o futuro prometido por Deus. Até certo ponto se pode com razão definir “a abertura radical ao futuro” como o característico da existência tanto do Antigo como do Novo Testamento. Outro elemento que verificamos, seja no Antigo como no Novo Testamento, é o seguinte: não há fé onde não existe seguimento e não há seguimento onde não existe fé.

A Bíblia é luz que ilumina nossa caminhada; é sinônimo de vitalidade, de dinamismo e novidade. O Espírito animou a missão de Jesus e se encontra também na raiz da missão da Igreja. O evento de Pentecostes nos devolve ao coração uma experiência de vida cristã: uma experiência de vida nova com dimensões universais.

No segundo capítulo buscamos aprofundar o discipulado-seguimento-missão de Cristo Ressuscitado no Concílio Vaticano II e nas Conferências Episcopais Latinoamericanas. Nosso propósito foi visitar a cada evento, limitando-nos a destacar o que está relacionado à missão evangelizadora. Tentamos mostrar como o uso da categoria “discipulado-seguimento-missão” no Concílio Vaticano II e no magistério pastoral dos bispos latino-americanos e caribenhos foi sendo insinuado levemente desde as primeiras Conferências. Outro objetivo do nosso estudo foi identificar pontos de relevância de cada conferência, que continuam sendo atuais e servem de orientação para o seguimento, discipulado e missão em tempos atuais, como a convocação que nos fez Aparecida.

O Concílio Vaticano II, superando o eclesiocentrismo, bem com o dualismo entre o sagrado e o profano, temporal e espiritual, corpo e espírito, afirma que a Igreja, embora sem ser deste mundo, está no mundo, existe para ser mediação de salvação do mundo. Para isso precisa encarnar-se nele, assumi-lo, para tranfigurá-lo e redimi-lo.

O Documento de Medellín foi uma espécie de laboratório que buscava por em prática o Concílio Vaticano II. Estabeleceu que a evangelização – que devia estar sempre na relação com os “sinais dos tempos”, já que não poderia ser atemporal nem ahistórica – se devia realizar através do testemunho, tanto pessoal como comunitário, que se expressa

de uma maneira especial no contexto do compromisso temporal (Cf. DM, Pastoral de Élités 13; Laicos 11).

De maneira semelhante a Medellín, Puebla se expressa, quando afirma que o testemunho das obras, realizadas no contexto da vida latino-americana, é um “sinal” que conduz ao desejo de conhecer a Boa Nova e testemunha a presença do Senhor entre nós (DP 97, 967-968, 970). Por isso, certifica o mesmo documento conclusivo que o primeiro elemento da evangelização é o testemunho, sendo condição essencial para a eficácia real da pregação (Cf. DP 971). Tal testemunho se manifesta principalmente em relação com os mais pobres, humildes e excluídos.

O Documento de Santo Domingo insiste em que “nossa fé no Deus de Jesus Cristo e o clamor aos irmãos tem que traduzir-se em obras concretas” (DSD 160). E, por esta razão, convida a todos os cristãos à realização de obras específicas e definidas que expressem e objetivem a mesma fé. Neste contexto se pode afirmar, seguindo Santo Domingo, que a evangelização é vida que se testemunha e testemunho que se faz anúncio em favor dos homens, sobretudo dos mais pobres e suas culturas (Cf. DSD 160, 178, 251).

Igualmente, o Documento de Aparecida abunda em textos em que a fé é concebida primordialmente em seu caráter testemunhalmente prático, como realização de ações concretas que faz visível o reino e o amor de Deus entre os homens, já que, como afirma o mesmo documento, é em nossas obras que nosso povo sabe que compreendemos sua dor (DA 386).

Acreditamos que a leitura atenta destes documentos ajuda a educar e formar o coração dos discípulos para serem cristãos mais ativos e protagonistas, e assim colaborar com a Igreja para que seja mais missionária e possa colocar em prática novos estilos de vida pastorais e eclesiais.

No terceiro capítulo apresentamos a proposta e linhas de ações na vivência do discipulado, seguimento e missão do Cristo Ressuscitado na ação pastoral da Igreja,

ressaltando lugares de encontro com o mestre (cf. DA 246-257). Recolhemos o impulso que oferece o documento de Aparecida, enfocando a perspectiva do discipulado-missionário. Esta perspectiva destaca fortemente a presença de Jesus na vida eclesial como obra do Espírito Santo que orienta a pastoral e anima por uma espiritualidade. Os cinco temas fundamentais com os quais o documento de Aparecida nos interpela são: 1) repensar a teologia pastoral a partir do encontro dos discípulos-missionários com Jesus Cristo presente na vida da Igreja; 2) dimensão bíblica da pastoral: propiciar o encontro dos discípulos com o Mestre a partir da Palavra de Deus; 3) dimensão litúrgica da pastoral: encontro dos discípulos com o Mestre na Eucaristia; 4) dimensão social da pastoral: encontro dos discípulos com o Mestre nos pobres; 5) e, a partir da missão, repensar o discipulado.

Para que se torne mais concreta nossa prática, oferecemos um breve resumo das diretrizes do documento de Aparecida que nos ajudam a iluminar nossa ação missionária em nível eclesial e extra-eclesial (além fronteiras). Aqui está o segredo da fecundidade apostólica da ação missionária, que ultrapassa as fronteiras e as culturas, alcança os povos e se espalha até os extremos e confins do mundo.

CAPITULO I:

O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO DE CRISTO RESSUSCITADO NAS SAGRADAS ESCRITURAS

Primeiramente é necessário explicitar que, devido à amplitude do tema, nosso método será percorrer de forma sintética pontos nucleares do texto bíblico que explicitam o discipulado e a missão, começando pelo Antigo Testamento e chegando à novidade de Jesus Cristo e sua Boa Notícia.

Uns dos primeiros elementos que podemos constatar é que o povo de Israel sempre procurou estar atento à Palavra de Deus. A teóloga Maria Clara Bingemer, (2007), assinala que:

Desde muito cedo, o povo de Israel se compreende a si mesmo a partir da escuta do que Deus lhe diz. O escutar a Palavra de Deus e pô-la em prática foi que fez Israel, amada com loucura por Javé, conseguiu seguir adiante na dinâmica da Aliança. Apesar de suas inúmeras infidelidades, o povo eleito foi, como noiva querida, uma e outra vez chamada e desposada, convidada a entrar de novo no caminho do amor. Assim o fazia respondendo à eleição e à chamada de Deus com todo o seu coração, todo seu entendimento, todas as suas forças (p. 74).

O teólogo Castillo (1996) ressalta a existência de uma tensão, no que se refere ao seguimento:

O seguimento leva consigo uma abertura ao futuro, uma tensão que leva para frente, sem condições nem restrições que, de alguma maneira, podem retardar a caminhada. Porque seguir a Jesus e abrir-se ao novo é um caminhar, em tensão para o futuro. Sendo assim, o Antigo Testamento é a lição mais magistral que se pode dar nesta direção. Porque ele todo está inspirado na esperança de um futuro melhor, o futuro prometido por Deus. Até certo ponto se pode com razão definir “a abertura radical ao futuro” como o característico da existência tanto do Antigo como do Novo Testamento (pp. 29-30).

E mais, se a religião de Israel sobreviveu através dos séculos, entre enormes crises, foi sobre tudo devido a esta característica, pois sempre viveu, de maneira ou de outra, nesta abertura radical ao futuro (Castillo, 1996, p. 30).

Rad (1984), afirma com toda razão: “mais do que ninguém foram os profetas que mantiveram os elementos característicos da religião de Javé. O principal motivo está principalmente em sua orientação para o futuro” (p. 466).

A partir da última observação, queremos dizer algo a respeito dos grandes ensinamentos do Antigo Testamento sobre o seguimento. Tais ensinamentos foram formando e plasmando a mentalidade e o coração do povo:

Para entender como foi a fé de Israel em seu Deus, é necessário ter presente a natureza e a maneira de viver daquele povo em suas origens. Israel foi originalmente um povo de nômades, quer dizer, um clã ou uma tribo de pastores; viviam no mundo da migração e a religião de Israel em suas origens é própria dos nômades (Castillo, 1996, p. 32).

Os deuses agrários são bem distintos. Eles estão sempre vinculados a um determinado lugar, a um monte, um santuário, um templo. Por conseguinte, a religião de Israel em suas origens é própria dos nômades (Castillo, 1996, p. 32).

Moltmann, (1981), escreve: “O Deus itinerante dos nômades não está atado a nenhum território, nenhum lugar. É um Deus que sempre avança, que peregrina como os nômades, que está sempre a caminho” (p. 125). Foi assim que aconteceu, na história dos patriarcas, que foram clãs nômades de pastores, cuja religião consistia na veneração em direção a Deus Pai, uma divindade nômade, que guiava, acompanhava e defendia no caminho o grupo que lhe era fiel (Vaux, 1975, p. 272). Percebemos como Deus conduzia e decidia o destino de seus fiéis. Por isso, Iahweh disse a Abraão: “Sai de sua terra, da tua parentela, e da casa de seu pai, e vai à terra que te mostrarei” (Gn 12,1). Dá-se o início da peregrinação, da marcha, do caminho.

Podemos constatar que a partir deste momento passa a acontecer um seguimento mais profundo. Vaux, (1975), assinala que:

Nos finais dos séculos, quando Deus volta a revelar-se a Israel, se revela um clã nômade de pastores (Moisés), que durante anos peregrinam pelo deserto. Trata-se do Deus do Êxodo, que não está vinculado nem no Monte Sinai, a nenhum outro lugar ou santuário, porque sempre está a caminho acompanhando os seus, inspirando, guiando e protegendo (p. 43).

Constatamos, como um sinal inequívoco, que mesmo o povo passando da condição de nômade à condição de sedentário, conservou sempre sua fé original, a fé no Deus dos nômades, o Deus que peregrina, avança e caminha com seu povo (Castillo, 1996, p. 33). (...) “Tudo isto tem uma importância singular para a teologia do seguimento. Porque vem confirmar, antes de tudo, que a fé bíblica é fundamentada em uma promessa e é garantida nesta promessa” (1996, p. 33).

Com tudo que foi assinalado até aqui, constatamos a importância e a valorização que se devem dar aos fatos históricos. Não encontramos Deus fora, à margem da história, mas vemos um Deus que se revela na história. Cito três consequências de máxima importância para o estudo do seguimento: 1) A primeira se refere ao nosso conhecimento de Deus. Porque, a partir do que temos visto, se conhece o sentido profundo de Deus, sua essência mesma. “Sua divindade consiste na constância de sua fidelidade” (Moltmann, 1981, p. 186); 2) a segunda nos destaca o valor essencial que a história tem para os fiéis. Por conseguinte os acontecimentos históricos são os meios pelo quais Deus se revela em promessa e esperança; 3) a terceira se refere à significação do seguimento. Mediante o seguimento e no seguimento podemos “conhecer”¹ verdadeiramente a Deus. “Não é possível o seguimento à margem da história, menos ainda contra a história, assim como não é possível a fidelidade a Deus à margem do seguimento” (Castillo, 1996, pp. 34-35).

À medida que observamos todo este processo, vale a pena ressaltar que o seguimento, antes de tudo, é uma práxis, uma forma concreta de vida. Rad (1984) nos lembra: “somente assim, quer dizer, de um modo totalmente contrário ao especulativo, Israel tem tido um conhecimento de Deus” (p. 462). Desta verdadeira relação com Deus e

¹ “Biblicamente, o verbo “conhecer” não fica meramente num plano intelectual, mas sim um conhecimento que cria comunhão de vida, relação pessoal, ativa, amorosa, recíproca. No caso de Jesus com os seus é tão profunda, que a compara ao mútuo conhecimento com o Pai” (Caballero, 1990, p. 212).

seu autêntico conhecimento, a partir da prática histórica e concreta se concretiza o seguimento.

Agora que adquirimos um maior conhecimento sobre o seguimento no Antigo Testamento, será oportuno fazer uma distinção entre a imitação e o seguimento. Imitação corresponde a uma idéia pagã e responde ao sentimento de ser parecer com os deuses, com sua força, seu poder, sua grandeza, seu domínio e sua dignidade. Pelo contrário, quando o Antigo Testamento fala de “seguir a Deus”, não se refere à idéia de imitação, mas idéia de pertença (Dt 13,5; 1 Rs 14, 8; 18,21; 2 Rs 23,3; Cr 34,31; Jer 2, 2-3). A permanente fidelidade a Deus faz com o povo se sinta pertencente a Deus. “Mesmo sendo verdade que mais tarde, na literatura rabínica, se insiste na idéia de imitação”,² no entanto, podemos recorrer a textos fundamentais do Antigo Testamento que vão pela linha da fidelidade. Assim nos recorda o texto magistral de Jeremias: Vai e grita aos ouvidos de Jerusalém: Assim disse o Iahweh: “Eu me lembro, em teu favor, do amor de tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado, quando me seguias pelo deserto, em uma terra não cultivada” (Jer 2,2). Trata-se de uma fidelidade do deserto. Fidelidade quando falta tudo e tudo falha, quando todas as esperanças humanas chegam ao limite de suas possibilidades e quando tudo parece desmoronar (Castillo, 1996, p. 36).

O seguimento leva sempre consigo a exigência da prontidão na resposta. Há um texto que, com sua força, é um famoso relato do seguimento que nos legou o Antigo Testamento. Mesmo sendo extenso, vale pena citar o texto completo. Trata-se da vocação do profeta Elizeu, a quem Elias chama para que o siga:

Partindo dali e encontrou a Elizeu, filho de Safat enquanto trabalhava doze arepenes de terra, ele próprio no décimo segundo. Elias passou perto dele e lançou sobre ele seu manto. Elizeu abandonou os bois, correu atrás de Elias e disse: ‘Deixa-me abraçar meu pai e a minha mãe, depois te seguirei’. Elias respondeu: ‘Vai e volta, pois que te fiz eu?’ Elizeu, afastou-se de Elias e, tomando a junta de bois, a imolou. Serviu-se a lenha para cozinhar a carne e deu-a ao pessoal para comer. Depois se levantou e seguiu na qualidade de servo (1 Rs 19, 19-21).

² G. Kittel. Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament I, p. 213; Helfmeyer, J. Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament I, p. 212.

A chamada ao seguimento exige uma opção radical. Esta opção consiste em deixar imediatamente os bens que se tem e, sem maiores interrogações, empreender um novo caminho que tem por finalidade a missão.

Nosso interesse é enfatizar como estes homens em uma justa dimensão entenderam e viveram o seguimento: em sua dimensão histórica, como seguimento do Deus da história, a quem se encontra na mesma história e a partir dela se vive e se realiza a exata relação com Ele. “Aqui está à profunda significação do seguimento, tal como se nos revela no Antigo Testamento” (Castillo, 1996, p. 38). O concílio Vaticano II nos convida a estarmos atentos aos “sinais dos tempos”, mais explicitamente nos chama a viver uma “ética de identidade cristã, com espírito dialogante”.³

Os profetas souberam compreender e discernir este mistério, o pacto entre Deus e o povo. Foram porta-vozes do povo, vivendo em suas vidas, muitas vezes com dor e dilaceramento interior. Constantemente e pacientemente foram ensinados por Deus. Neste aprendizado compreenderam sua vocação como discipulado (Bingemer, 2007, p. 74). Chamados a escutar Sua Palavra e possuídos por Seu Espírito, levaram essa Palavra que lhes queimava a boca e as vísceras e transmitiam por sua vez ao povo, a fim de que voltasse para o amor primeiro de seu Deus.⁴ Fica claro que o seguimento que os profetas viveram está intimamente relacionado com a missão que tiveram que cumprir.

Constatamos assim que, ao longo de todos os livros proféticos, vemos esses discípulos como porta-vozes do Senhor Deus de Israel denunciando injustiças de todo tipo: Salário injusto, desprezo aos pobres, agressão à justiça e ao direito, denúncia de segmentos

³ “É próprio de todo o povo de Deus, porém principalmente dos pastores e teólogos, auscultar, discernir e interpretar, com ajuda do Espírito Santo, as múltiplas vozes de nosso tempo e valorizar-las à luz da palavra divina a fim de que a verdade revelada possa ser mais percebida, melhor entendida e expressada em forma mais adequada” (GS 7).

⁴ Cf. o que clama o profeta Isaías após ver o trono de Deus ao redor do qual voam serafins proclamando que Deus é Santo: “Ai de mim, gritava eu. Estou perdido porque sou um homem de lábios impuros e habito com um povo (também) de lábios impuros e, entretanto, meus olhos viram o rei, o Senhor dos exércitos”.

inteiros da sociedade mancomunados com o poder que exploravam o povo indecentemente.⁵

Bingemer, (2007), enfatiza que:

O chamado ao discipulado era, portanto, na chave do profetismo, bíblico, inseparável de uma missão. Ensinado pelo Senhor do qual devia aprender em humilde atitude de escuta e acolhimento, o profeta era compelido a transmitir e proclamar a palavra ouvida que transfigurava em todo seu ser. Ao fazê-lo se tornava sinal de contradição e conflito, devendo suportar em seu corpo e sua vida as conseqüências do discipulado e da missão (p.74).

Citando o Segundo Isaías, a autora explicita a situação de extremo sofrimento e dor em que o profeta tem que profetizar. Em um texto onde o profeta fala ao mesmo tempo de si mesmo e do resto fiel dos exilados na Babilônia, pode-se sentir toda a profunda e misteriosa vocação do discípulo: “O Senhor Iahweh me deu uma língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que ouça como os discípulos”. (Is 50,4) (Bingemer, 2007, p. 74).

Castillo, (1996), assinala a missão do Servo Sofredor: o mistério de Jesus de Nazaré, no Novo Testamento, se realiza e é compreendido a partir da figura do Servo Sofredor. Recordemos nas palavras que Deus Pai do céu disse no momento em que este era batizado por João Batista: “Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1,11 par), (pp. 61-62). “O pai do céu com estas palavras estava dizendo a Jesus que ele teria que realizar a tarefa e a missão do ‘Servo Sofredor’, que havia dito coisas impressionantes ao profeta Isaías (Is 42, 1ss) e cujo destino consistiria em solidarizar-se com os miseráveis e pecadores, como todos os malvados da terra, para sofrer por eles e em lugar deles já que isto se refere expressamente ao famoso personagem do profeta Isaías” (Is 53,12) (Castillo, 1996, p. 62).

Depois deste percorrido pelo Antigo Testamento passamos a alguns elementos chaves do discipulado e seguimento no Novo Testamento. Em Marcos, a partir de 8,31, ele começa de modo particular a instruir seus discípulos nos valores fundamentais, prepara aos seus discípulos para que pudessem ser capazes de continuar sua obra e seu projeto depois da

⁵ Cf. por exemplos as invectivas de Amós, Jeremias, e do próprio Isaías.

morte, em fidelidade ao que devia ter sido sua vida e seu projeto. Xavier Alegre (2003) descreve os pontos fundamentais do discipulado e seguimento: a) “um grupo de seguidores radicais de seu estilo de vida e de seu ensinamento, b) que vivam em comunidade, c) dentro de um mundo injusto, d) viviam os valores alternativos do reino de Deus” (p. 177). Organiza o projeto que possa ser um sinal eficaz do amor gratuito e sem limites de Deus e dos homens. Um povo em que todos vivam com irmãos (cf. At 2,44-45; 4,32-35). Todos os evangelistas situam o início da vida pública de Jesus no seu chamado aos primeiros discípulos a que o sigam (cf. Mc. 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11. Em Marcos e Mateus este convite ao discipulado-missão é tão pragmático que marca toda a obra de Jesus, formando uma inclusão com a obra de Jesus ressuscitado (cf. Mc. 1,16-20 com 16,7 e Mt 4, 18-22; Mt 28, 16-20 e também Jo 1, 35-51; Mt 21, 19-22).

A ressurreição de Jesus traz uma nova luz. Essa nova iluminação para interpretar a verdade dos acontecimentos históricos que tiveram a Jesus de Nazaré como sujeito e protagonista é apresentada como “um fenômeno extraordinário que teve lugar no momento em que os judeus celebravam a festa de Pentecostes” (Espeja, 2010, p. 28). (...) O acontecimento pascal – encontro com o Ressuscitado e intervenção do Espírito Santo – outorga aos discípulos uma nova inteligência mais profunda dos ditos e fatos realizados por Jesus enquanto viveu na Palestina (2010, p. 29). (...) “Como os outros evangelistas também João pensa que, mesmo vivendo com Jesus e acompanhando-o em sua atividade profética, os discípulos eram torpes e lentos para entender” (2010, p. 29). Cristo ressuscitado torna-se fonte de inspiração para seus discípulos, e a fé em sua ressurreição é o fundamento de toda a pregação.

Queremos enfatizar a importância de uma leitura integral dos evangelhos para adquirir uma visão de conjunto, onde estão intimamente interconectados o Jesus histórico e a experiência do encontro com o Jesus Ressuscitado. “Com Jesus histórico enlaça o testemunho dos primeiros discípulos, que desde o principio foram testemunhos oculares. Porque a Igreja se mantém fiel a esse testemunho dos apóstolos, também é apostólico” (Espeja, 2010, pp. 30-31). A ressurreição de Jesus é a nova criação que faz Deus, o novo nascimento, a nova pessoa e o novo mundo. Deus reafirma que a vida de Jesus tem sentido,

que seu Reino, o amor, o serviço e todo seu ensinamento são a nova forma de viver conforme ao plano de Deus. No próximo ponto vamos tratar deste tema com mais profundidade.

Encontramos em vários relatos evangélicos os sinais do projeto de Jesus e que aponta o testemunho comunitário. Em primeiro lugar vemos que muitas das vocações dos discípulos se dão de dois em dois (M 1, 16-20 e Lc 5, 1-11 e por testemunho direto de uns e outros (Jo 1, 35-51). Em segundo lugar nos encontramos com que para Jesus o sinal fundamental e profético da eleição dos doze (Mc 3, 13-19), aponta a reconstituição do povo de Israel formando uma comunidade que não possui uma estrutura hierárquica. O quarto evangelho não nega a função de pastor que pode ter Pedro na comunidade, se de verdade ama mais a Jesus que aos demais (Mc 21, 17-17); (ver também Mc 20, 3-10). Pedro com todos os discípulos devem exercer o serviço de Jesus que se humilha até lavar os pés de seus discípulos como sinal de serviço radical que o levará a dar sua vida pelos outros (Jo 13, 1-20). Em terceiro lugar vemos que a comunidade cristã nasce da ação do dom do Espírito Santo, que se recebe fundamentalmente na comunidade (Jo 20, 22 e At 2).

Constatamos, a exemplo do Antigo Testamento, que todos os que são convidados a seguir a Jesus em seu caminho em um mundo injusto, como o que vivemos, levam a cruz: “Chamando a multidão juntamente com seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir a após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e seguia-me. Pois aquele que salvar sua vida, a perderá; mas o que perder sua vida por causa de mim e do evangelho, a salvará” (Mc 8, 34-35). “É o Espírito Santo que dá forças aos seus discípulos para continuar o projeto de Jesus, em palavras e obras, libertando o indivíduo e a comunidade para a construção de uma sociedade nova, simbolizada já pelos exorcismos e as curas de Jesus nos sinóticos” (Espeja, 2010, p. 181).

Atualizando o discipulado à pessoa de Jesus, tomamos conhecimento de muitos elementos semelhantes ao do Antigo Testamento. “Por conseguinte, o seguimento é, por sua vez, aproximação a ele e movimento com ele. E estas duas de tal maneira que a aproximação a Jesus depende do movimento” (Espeja, 2010, p. 20). A pessoa que para ou

que fica quieta deixa, por si mesmo de estar perto dele. Porque durante sua vida, Jesus nunca aparece instalado, sedentário e quieto: “Jesus foi um missionário itinerante” (Léon-Dufour, 1965, pp. 390-391), que sempre está a caminho, sempre para adiante, cumpre o destino que o Pai do céu traçou, que termina em Jerusalém onde morre pelo amor a humanidade. Seguir é converter-se à condição de aliado. Seguir alguém significa um modo de ser, de viver, existir. O discipulado-seguimento leva ao cristão assumir as interrogantes que surgem sobre a índole e sobre a missão histórica da comunidade em que vive.

Concluindo tudo que foi dito até aqui, é muito claro. Verificamos, seja no Antigo como no Novo Testamento, que não há fé onde não existe seguimento e não há seguimento onde não existe fé. Nos próximos pontos, vamos nos deter mais minuciosamente sobre o discipulado e seguimento de Jesus nos evangelhos.

1.1. O MANDATO DE CRISTO E A MISSÃO CONFIADA AOS APÓSTOLOS

Faz-se necessário salientar que nosso objetivo é prestar atenção nos textos mais importantes, em que podemos constatar a formação da comunidade mais restringida dos discípulos de Jesus. Não vamos nos deter sobre as questões tão discutidas sobre a evolução que teve o uso da palavra “apóstolo”.

Lenaers (2010) assinala que:

Hoje dependemos quase totalmente do testemunho dos discípulos quanto ao que admiraram em Jesus, pois o viram com seus próprios olhos. Ademais, são testemunhos de segunda mão e distantes de nós quase dois mil anos. (...) Na mesma forma se encontra a história dos imperadores romanos, e mesmo assim todas as nossas certezas a respeito daquele período não diminuem. Nesse caso, contudo, são fatos acontecidos no mundo, e, portanto, históricos (p. 102).

O documento da Aparecida⁶ relata como Jesus é um ato de obediência e amor ao Pai: “Ele entrega por todos seus irmãos, mediante o qual o Messias entrega plenamente aquela vida oferecida nos caminhos e aldeias da Palestina. Por sacrifício voluntário, o Cordeiro de Deus põe sua vida oferecida nas mãos do Pai (cf. Lc 23,46), que se faz “salvação para todos” (1 Cor 1,30). Pelo mistério pascal, o Pai sela nova aliança e gera um novo povo, que tem por fundamento seu amor gratuito do Pai que salva” (DA 143). É o mesmo Jesus que chama e anima os discípulos para que sejam fiéis e possam dar continuidade em sua missão. “Desta maneira, como Ele é testemunho do mistério do Pai, assim os discípulos são testemunhas da morte e ressurreição do Senhor até que Ele volte. Cumprir esta missão não é uma tarefa opcional, porque é a extensão testemunhal da mesma vocação” (DA 144).

A ação do Espírito é um acontecimento muito presente na vida de Jesus, e posteriormente na vida dos discípulos e nas primeiras comunidades cristãs. Onôro e Ramirez (2006) escrevem que:

O Espírito Santo é a mesma vida de Deus. Na Bíblia é sinônimo de vitalidade, de dinamismo e novidade; o Espírito animou a missão de Jesus e se encontra também na raiz da missão da Igreja; o evento de Pentecostes nos devolve ao coração uma experiência de vida cristã: uma experiência de vida nova com dimensões universais (p. 149).

Estes autores nos lembram como a tradição originária apresenta a ressurreição de Jesus como exaltação:

A tradição originária comum apresenta a ressurreição de Jesus como exaltação (Rom 1,4; Fil 2, 6-11; Jo 20-21). Lucas separa ambos os eventos (ressurreição e ascensão) para sublinhar sua importância histórica. Jesus ressuscitado, antes de sua ascensão-exaltação-glorificação, convive com os discípulos: come com eles e os instrui. Em At 1,3 fala-se inclusive de 40 dias com eles, para acentuar a convivência histórica do ressuscitado com seus discípulos. Segundo Lucas, a ressurreição tem assim um caráter histórico: Jesus ressuscita em nossa história (isto significa ter um corpo) (Onôro et al., 2006, p. 144).

⁶ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano 2007. Ao longo do texto vamos usar a sigla DA. A tradução do documento em espanhol para o português foi feita por mim.

Depois de todo este período de instrução, “Jesus ressuscitado envia o Espírito Santo à nascente comunidade, capacitando-a para uma missão com horizontes universais. O relato de algumas indicações relativas ao tempo, ao lugar e às pessoas implicadas no evento. Tudo ocorre “ao chegar o dia de Pentecostes” (At 2,1), (Onôro et al., 2006, p. 149).

Segundo Espeja, (2001, p. 228), “a experiência pascal que tiveram os primeiros cristãos suscitou neles a vontade de viver, impulsionou ao compromisso pela vida lutando contra os ídolos de morte, e abriu um horizonte novo para olhar confiadamente para o futuro”.

De maneira confiante, as primeiras comunidades foram compreendendo e respondendo ao seguimento, de maneira dinâmica e avançando sempre em uma perspectiva ao futuro: “Os seguidores de Jesus (Ef 1, 18-19), ao final do século I, perceberam em suas ações que não havia força alguma superior ao ressuscitado, que estava por cima de tudo, era sua inteira fascinação na pessoa, pois no campesino da Galiléia Deus aproximou-se até ao limite dos seres humanos” (Onôro et al., 2006, p. 146).

Precisamente a partir da última observação, queremos enfatizar a importância do envio missionário. O evangelista Lucas em seus escritos traça com bastante objetividade o núcleo deste anúncio: “na despedida Jesus entrega aos discípulos o Kerigma missionário⁷ (Lc 24, 46-48); prometeu-lhes o dom do Pai (Lc 24,49); os abençoa (Lc 24, 50-51). Logo o autor fecha com um tom festivo o Evangelho (Lc 24, 52-53). O Kerigma, núcleo do anúncio cristão, o recebeu a Igreja de Jesus. Trata-se de uma palavra capaz de transformar pessoas e comunidades. O caminho salvífico de Jesus foi percorrido em sua totalidade, por sua vida “entrou em sua glória (Lc 24,26). “Todo o amor do crucificado se esvazia no coração, quando a Ele abre espaço a esta poderosa semente semeada pelo Ressuscitado como o dom do Espírito. A partir de Jerusalém irradia-se esta nova Palavra de Deus para as nações do mundo; Jesus atrai as pessoas para entrar em comunhão com Deus, para gerar um

⁷ O núcleo central do Kerigma ou anúncio apostólico, como encontramos no livro dos Atos dos Apóstolos, é sempre o testemunho da morte, ressurreição e exaltação de Cristo por Deus como Senhor e Salvador para todo o que crê em Ele. Este núcleo, seguindo um padrão comum, se compreende em estes elementos: a) a pessoa histórica de Jesus, o Messias; b) sua morte e ressurreição; c) testemunho apostólico da ressurreição; d) salvação e perdão dos pecados para todo aquele que se converte e crê em Jesus (Caballero, 1990, p. 181).

projeto de fraternidade capaz de uma nova orientação para o mundo” (Caballero, 1990, p. 146).

Na passagem de Lc 24,48, Jesus afirma: “Vós sois testemunha disso”. Caballero (1990, p.147) ressalta que: “Todo anúncio deve partir de testemunhas, por isso Jesus Ressuscitado, faz de seus discípulos testemunhas qualificadas; a boa nova não se funda em teorias, em idéias ou opiniões pessoais, mas em fatos-históricos documentados, gravados na memória das primeiras comunidades. O testemunho provém de quem fez o caminho com Jesus e assume seu destino”. Apesar de todo o empenho de Jesus, os discípulos ainda não estavam preparados, capacitados, diante da imensa tarefa do evangelho, não estavam à altura para levar avante a missão. Para fortalecê-los, Jesus promete um dom a partir do Pai. Como sucedeu com Jesus (Lc 3, 22; 4,18) eles foram “revestidos do poder a partir do alto”. Segundo Lucas, este “poder”, a força do Espírito Santo, ungiu Jesus (Lc 3,22; 4,18) permitiu Jesus lutar contra Satanás (Lc 4,1-2) e doar sua misericórdia (Lc 4,14-15). Este mesmo Espírito fortalecerá e habilitará aos evangelizadores para anunciar com valentia a morte e ressurreição de Jesus, na qual se alcança o perdão do pecado (At 2,22-36).

A missão de Jesus deve ser levada adiante por seus discípulos. A bênção com a última ação de Jesus diante dos discípulos se reveste de um colorido. Jesus se despede com os braços abertos ao alto (gesto próprio da oração: 1 Tm 2,8. Lv 8,22), na atitude de bênção. Jesus sintetiza sua obra por seus discípulos e pela humanidade, em uma “bênção”. Assim sela o grande “amém” de sua práxis no mundo. A bênção de Jesus persistirá com os discípulos, os animará ao longo de suas vidas e sustentará em suas labutas. Jesus, ao final se separa de seus discípulos. Para Lucas, Jesus: é “levado” ou “conduzido” ao céu.

Bento XVI, (2007), referindo-se ao sentido universal da missão, escreve: “No futuro, o decisivo será a escuta e o seguimento, não a procedência. Qualquer pessoa pode chegar a ser discípulo, todos estão chamados a sê-lo, assim, a atitude de colocar-se à escuta da Palavra dá lugar a um Israel mais amplo, um Israel renovado que não exclui ou anula o antigo, mas que o supera, abrindo-se ao universal” (p. 97). Ressaltando esta abertura ao universal podemos afirmar que os apóstolos e, em geral, aqueles que seguiram a Jesus eram

o germe da nova humanidade: a experiência que eles viveram estava destinada a todos. O cristianismo teve sua origem no seio do povo judeu e se expandiu no mundo grego-romano. Seu marco externo foi a diversidade dos contextos.⁸

Ampliando nossa reflexão, vamos tomando consciência como o Espírito vai conduzindo à inculturação da comunidade eclesial, para levar o Evangelho a todas as raças, espaços e tempo. Antoncich (2003) ressalta: “Que o caminho de Jesus acolhe a todos, é universal. Os valores do reino devem ser vividos com flexibilidade e criatividade, permitindo misturar-se com todos os elementos culturais sadios” (p. 28). E a *Gaudium et Spes* convida-nos a aprimorarmos nossa sensibilidade, reconhecendo as sementes do Verbo presente em nosso mundo. “Somos chamados constantemente a reconhecer respeitosamente a presença da semente do Logos (Jo 1,1-14) na história na sociedade como também realizar constantemente uma atenta leitura dos sinais dos tempos” (GS 57; 4).

Bento XVI assinala a necessidade de manter a confiança: “Temos confiado no amor de Deus: assim pode expressar o cristão a opção fundamental de sua vida. Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, senão pelo encontro com um acontecimento, como uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, como ele, uma orientação decisiva” (DCE 1).

Seguindo em essa mesma direção, e manifestando suas preocupações os bispos reunidos em Aparecida, constatam que ao longo do processo de evangelização não conseguimos formar os cristãos para a vivência de um autêntico discipulado:

Por isso, o episcopado latino-americano e caribenho tem chamado a atenção sobre o perigo de um cristianismo com uma fé que vai desgastando e degenerando em mesquizez, porque se reduz a um mero elenco de algumas normas e proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, a repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não chegam traduzir em estilo de vida (DA 12).

⁸ “O cristianismo primitivo é muito complexo e seria ilusório descrever sua evolução de forma linear e esquemática. No entanto, é legítimo, senão necessário dar razão, à luz da história, da sociologia e da teologia, da configuração que o cristianismo alcançou na bacia do Mediterrâneo para mediados do século II e que condicionou a história posterior até os dias de hoje” (Aguirre, 1998, p. 9).

O que Bento XVI e os bispos reunidos em Aparecida, enfatizam é que todos os cristãos devem ser educados como discípulos que é necessário recuperar a experiência evangélica, superando a da doutrinação. Fazer uma experiência profunda, de um encontro pessoal com a pessoa de Jesus. Tal experiência aparece explicitada no documento de Aparecida como “experiência fundante”. É um convite para o re-encantamento com a Pessoa de Jesus para assumir com alegria e entusiasmo a missão que nos foi confiada em nosso Batismo. Todo cristão, que quer ser um autêntico seguidor de Jesus tem como missão o compromisso de colaborar na construção de um mundo mais justo e fraterno: “porque o amor a Deus é inseparável do amor ao próximo” (DCE 16). Através do discipulado-seguimento-missão somos interpelados a viver o amor sem limites: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15,12).

Por conseguinte, temos que compreender que o discipulado-seguimento é um processo, é um aprendizado permanente, algo que vai plasmando nossa identidade. E o modelo de vida é Jesus Cristo. João em seu evangelho nos aponta as características, as virtudes que um autêntico seguidor de Jesus deve vivenciar em sua vida. “Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei, assim também, amai-vos uns aos outros. Nisto saberão que são meus discípulos, se tiverdes amor uns para com os outros” (Jo 13, 34-35). Os discípulos são chamados a ser “sal da terra” e “luz do mundo”. Capazes de transformar a vida vivendo as bem-aventuranças.

Finalizando, podemos perceber como os discípulos foram evoluindo, amadurecendo para responder ao chamado. Passam pela etapa do conhecimento ao seguimento. “É um caminho, que vai se dando com passos graduais, que se passa da comunhão exterior à comunhão interior com Jesus. Tudo se realiza num grande aprendizado. Os discípulos ao mesmo tempo estão aí para serem os enviados de Jesus – “Apóstolos”, precisamente – os que levam ao mundo, primeiro as ovelhas desgarradas da casa de Israel, e posteriormente “até os confins da terra” (Bento XVI, 2007, pp. 210-211).

1.2. O SENTIDO FUNDAMENTAL DO SEGUIMENTO

No que diz respeito a seguimento, verificamos a grande incidência do verbo “seguir”⁹, que transpassa quase todo o evangelho. Por outro lado, divergindo com o que se acaba de indicar, quando se faz referência ao tema da “imitação”¹⁰ de Cristo, nenhuma vez aparece nos evangelhos. Para melhor ilustrar o que estamos falando, a imagem cabal da imitação seria o espelho, e o caminho seria imagem exemplar do seguimento.

No entanto, interessa-nos analisar a questão mais detalhadamente e com mais objetividade. O texto mais claro sobre o seguimento é de Mc 8,34 e seus paralelos Mt 16,24 e Lc 9,23. O texto nos fala: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me!” Temos que levar em consideração que Jesus diz estas palavras convidando “a multidão, juntamente com os discípulos” (Mc. 8,34) ou mais diretamente “a todos” (Lc 9, 23). Em poucas palavras, são exigências, que são dirigidas e que se impõe a todos os fieis. Mateos, (1982), escreve: “este último imperativo não é uma condição, mas sim um objetivo. Marcos nos diz: para que haja uma adesão a Jesus, tem que aceitar as duas condições que se impõe: ‘renegar a si mesmo’ e ‘carregar a cruz’. O seguimento de Jesus, só é possível depois de tudo isto” (p. 141). “Jesus chama a um núcleo de íntimos particularmente escolhidos por Ele, que continuam sua missão que dão ordem e forma a essa família. Neste sentido, Jesus dá origem ao grupo dos doze” (Bento XVI, 2007, p. 207).

Esta disponibilidade e este amor que nos conduz a Deus ganha vida na relação fundamental do fiel com Jesus e se expressa nos evangelhos mediante discipulado-seguimento. Isto quer dizer que segundo os evangelhos, existe verdadeira relação com Jesus e autêntica fé onde existem discipulado e seguimento do mesmo Jesus. E onde não existe esta relação, falta fé, discipulado e seguimento. Ou podemos afirmar de outra maneira, é

⁹ O verbo “seguir” (*ákolouzein*) aparece noventa vezes no Novo Testamento. E se distribui assim segundo os diversos autores: 25 vezes em Mateus, 18 em Marcos, 17 em Lucas, 19 no evangelho de João, quatro nos Atos dos Apóstolos, uma vez em Paulo e seis vezes no Apocalipse (...); trata-se de uma idéia fundamentalmente evangélica (Castillo, 1996, p. 49).

¹⁰ Em que se refere “imitação” (*mimeomai*) de Cristo. Fala-se de imitação de Cristo somente duas vezes (1 Cor 11,1; 1 Tes 1,6) e uma vez se faz referência sobre a imitação de Deus (Ef 5,1). Podemos expressar com objetividade que a idéia de imitação referente à Cristo e a Deus não é freqüente no Novo Testamento e está completamente ausente dos Evangelhos (Castillo, 1996, p. 49-50).

fiel quem segue Jesus. E não é aquele que não o segue (Castillo, 1996, p. 14). (...) “Isto é o fundamental de nossa fé, crer em Jesus no evangelho de João, é estar próximo d’Ele: ‘Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca terá sede’ (Jo 6,35). Assumir a missão de Jesus é o mesmo que viver, estar com Ele (Jo 1, 38)”, (1996, pp. 19-20).

Mateos, (1982), assinala como se desenvolvem estas características: “Se parte de um estado de aproximação inicial, que pode ser afeto e que se mantêm por meio do movimento subordinado a essa pessoa” (p.44). Sobre tudo, aproximação, o sentido que tem o verbo *álkolouzein*.¹¹ “Seguir a Jesus” significa, portanto, assemelhar-se a Ele pela prática de um estilo de vida, uma atividade, que tem um desenlace em um caminho a ser percorrido. Resumindo é um aprendizado, uma missão que vamos construindo ao longo de nossas vidas. São estes elementos que nos ajudam a distinguir o seguimento da imitação.

O grande sonho de Deus consiste em sermos todos filhos e filhas de um mesmo Pai, por isso irmãos e irmãs. Fomos criados para sermos filhos e filhas no Filho, portanto, irmãos e irmãs. “Não há mais nem judeu nem grego; não há mais escravo nem homem livre, não há nem homem nem mulher”, exclama Paulo em (Gl 3,28).

À medida, que temos um maior conhecimento dos evangelhos, vamos percebendo como Jesus foi estabelecendo relações com as pessoas. A primeira relação séria e profunda, que Jesus estabelece com determinadas pessoas expressa esta relação mediante o discipulado-missionário. Assim ocorre com os primeiros discípulos junto ao lago (Mt 4, 20.22 e par), na vocação do publicano Levi (Mt 9,9 e par), no episódio do jovem rico (Mt 19, 21 e par), na versão que dá o evangelho de João aos primeiros fieis (Jo 1, 37.37.40.43) e inclusive quando se trata de indivíduos que não estiveram dispostos a ficar com Jesus (Mt 8,19.22 e par; Lc 9, 59.61). Em todos estes casos, o termo técnico que se utiliza para expressar o que está em jogo – a relação com Jesus – é a metáfora do seguimento. “A

¹¹ No grego profano, posto que é usado com freqüência, no sentido espiritual, moral ou religioso, para expressar a aproximação do discípulo ao mestre ou ao sábio, do amigo, do servo ao senhor ou inclusive do amante a pessoa amada. (KITTEL G., *akolouzein*: Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament I, p. 210.

condição de Jesus é de total desinstalação, é se referindo a esta realidade que ele nos diz, que os animais têm suas moradas, porém um homem como eu não tem lugar” (Jeremias, 1973, p. 304).

Os evangelhos nos apresentam alguns elementos que ajudam a ilustrar a metáfora. É um esquema sempre fixo e uniforme: a) Jesus passa (Mc 1, 16.19; 2,14; b) vê alguém (Mc 1, 16.19. Jo 1, 47); c) indicação da atividade profissional desse homem (Mc 1, 16.19; 2.14; Lc 5,2); d) o chama (Mc 1, 17-20; 2, 14; Jo 1, 37); e) deixar tudo (Mc 18.20; não aparece em Mc 2,14, porém sim em (Lc 5,11.28); f) a pessoa que é chamada segue a Jesus (Mc 1,18.20; 2, 14; Lc 5,11). “Como se vê, os relatos evangélicos de vocação desembocam sempre em um final determinado: que é a formulação prática e concreta da relação que, a partir de então, o homem estabelece com Jesus”. Mais ainda, segundo afirma Jesus, “as minhas ovelhas escutam a minha voz eu as conheço e elas me seguem” (Jo 10, 27), constatamos o que caracteriza os que são de Jesus: é o “conhecimento”,¹² e por outro lado, o “seguimento” que é a adesão, conduta de vida comprometendo-se com Ele e como Ele entregando sua vida sem reservas ao serviço e amor à humanidade (Mateos; Barreto, 1979, p. 479).

O discipulado-missão e a pertença à comunidade como discípulo implica uma extrema atenção e uma disponibilidade incondicional. Os discípulos eram mais de doze, certamente. Caballero, (1990), assinala que: “Ao baixar do monte, se deteve Jesus com os Doze na planície, onde havia congregado um grupo grande de discípulos e de povo procedentes de várias regiões” (p. 533). Porém, parece bem seguro que designou um grupo selecionado de doze. “E segue a lista dos doze, que coincide basicamente com os que estão nos sinóticos (Mc, 13ss). “A eleição dos doze, número das tribos do antigo Israel, se associa à fundação da Igreja, o novo povo de Deus, cujo fundamento visível serão os doze apóstolos, junto com a pedra angular que é Cristo” (1990, p. 533). A chamada teve uma dupla finalidade (Mc 3,14): para que estivessem com Ele, quer dizer, para uma adesão incondicional a sua pessoa e mensagem; para enviá-los a pregar. “Aparece uma incipiente

¹² Na linguagem bíblica “conhecimento” significa relação mútua e profunda comunhão de vida. Este ponto muito conhecido tem sido, estudado repetidas vezes (cf. Bultman: Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament I, p. 168ss).

estrutura eclesial: Cristo, os apóstolos, os discípulos e a grande massa do povo humilde, destinatário da salvação de Deus para toda a humanidade” (1990, p. 533).

O grupo dos doze representa o povo inteiro, o povo restaurado dos últimos tempos. Jesus não os destinou para serem dirigentes ou chefes do resto dos discípulos, mas para representar o povo renovado e reconstruído dos últimos tempos. Jesus estava profundamente convencido de que eram os últimos tempos, e que Deus haveria reunir todo seu povo disperso. Ele se sentia justamente chamado a ser o mensageiro e mediador desta reunificação. Os discípulos de Jesus estão chamados a viver em comum como o Pai (1 Jo 1,3) e com seu filho morto e ressuscitado, “na comunhão do Espírito Santo (2 Cor 13,13).

“A condição de discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte, pela fé e pelo batismo, e cresce na Igreja, comunidade onde todos seus membros adquirem igual dignidade e participam de diversos ministérios” (DA 184). Falamos de “doze apóstolos”, como que se os únicos “apóstolos” fossem os doze. Nem nos Atos dos Apóstolos e, entre os evangelhos, somente em Lucas se chama de “apóstolos” exclusivamente os doze. Porém não é assim em Paulo. Ele não era do grupo dos doze, e mesmo assim chama a si mesmo de “apóstolo” (cf. Gal 2,7-8). Para Paulo são apóstolos todos os convidados por Jesus para anunciar à Boa Notícia (cf. 1 Cor 15, 5-7). Todos nós somos apóstolos tanto como Pedro e Paulo. Apóstolo significa “enviado”. É Jesus que nos chama e envia a todos os seus discípulos e apóstolos.

Espeja, (2001), mostra como os discípulos paulatinamente foram compreendendo a missão que Jesus lhe confiava, somente após sua morte:

Depois da morte de Jesus, os discípulos entenderam que com aquele homem havia chegado ao último, o que dá sentido pleno a suas próprias vidas. E com essa fé voltaram a ler os acontecimentos que tinham partilhado com o profeta da Galiléia. Para eles o Ressuscitado era o Cristo; o mesmo a quem colocaram o nome de Jesus e eles acompanharam antes do martírio. O contingente histórico, relativo, era portador de algo absoluto. Como história e fé estão inseparavelmente unidas, os primeiros cristãos proclamam a boa notícia com o título “Jesus-Cristo”, que inclui as duas dimensões: o que vem de Deus no humano. (p.58)

A Constituição *Gaudium et Spes* nos recorda: “O verbo de Deus, por quem foram feitas todas as coisas, feito ele mesmo carne e habitando na terra, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a em si mesmo” (GS 38).

O documento da Aparecida enfatiza que:

No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do mesmo Jesus: seu amor e obediência ao Pai, sua compaixão entranhada ante a dor ser humano, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade a missão encomendada, seu amor serviçal até o dom de sua vida. Hoje contemplamos a Jesus tal como nos transmitiu os evangelhos para conhecer o que Ele fez e para discernir o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias (DA 139).

Concluindo nossa reflexão, podemos afirmar que não existe fé onde não há seguimento, e não haverá seguimento de Jesus onde não acontece, ou onde não há movimento. Para que haja um verdadeiro seguimento temos que nos libertar de ataduras que nos prendem em um determinado lugar, a uma determinada situação, a uma posição determinada, a uma forma de instalação, seja o que for. Usando outras palavras, o discipulado-seguimento é liberdade. É totalmente o contrário de estar fixado e vinculado a uma posição, que não queremos deixar e que sentimos uma imensa resistência em abandonar.

1.3. O ENCONTRO PESSOAL E A NOVA FÉ QUE RENASCE NO CRISTO RESSUSCITADO

Antes de ir diretamente ao assunto, surgem alguns questionamentos: entenderam os discípulos o que estava acontecendo com eles? Verdadeiramente, teriam uma consciência formada para interpretar à altura os fatos que estavam sucedendo? A experiência mais

antiga é uma forma cunhada, muito breve e que se repetia de maneira invariável: “Se deixou ver”.¹³

Pagola, (2008), descreve a experiência do encontro de Jesus ressuscitado com seus discípulos:

Constatamos que eles se perderam no mistério da morte. No entanto, agora Jesus se apresenta a eles cheio de vida. Este termo é retirado da Bíblia grega, para designar as ‘aparições’ de Deus a Abraão, Jacó e outros. (...) Mais que uma figura visível, o que se sugere é que algo totalmente novo está acontecendo: o ressuscitado atua em seus discípulos, criando certas condições em que estes possam perceber sua presença. (p. 423)

De maneira enfática, verificamos como Paulo fala de sua própria experiência, pois é o único testemunho que fala diretamente do que ele havia vivido.¹⁴ O que ocorreu foi uma graça. Em nenhum momento Paulo descreve ou explica em termos psicológicos. Tudo que ocorreu foi por iniciativa de Deus e a intervenção do ressuscitado. Ele considera isso como um presente. O ressuscitado o conquistou, o fez seu (Pagola, 2008, p. 424). (...) Podemos dizer, que aconteceu uma reorientação total em sua vida. O encontro com o ressuscitado o faz “compreender” o mistério de Deus e a realidade da vida de maneira radicalmente nova. (...) Sua própria transformação é o melhor testemunho do já vivido. A partir de sua própria experiência pode proclamar a todos: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20).

De agora em diante, nada mais pode impedir que Jesus ressuscitado possa estar em contato com os seus. Ele se encontra com as mulheres. Durante sua vida demonstrou uma enorme sensibilidade para com elas, defendendo sua dignidade e acolhendo-as em sua companhia: “Eis que Jesus veio ao seu encontro e lhe disse: ‘Alegrai-vos’. Elas aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele” (Mt 28, 9). O relato de Emaús (Lc 24, 13-35) descreve como nenhum outro a transformação que se produziu nos

¹³ 1 Coríntio 15, 5-8. O termo grego *ofthé* só se poderia traduzir dizendo que Jesus “apareceu”. Segundo os expertos, é mais adequado traduzir “se faz ver” ou “deixou-se ver”.

¹⁴ Paulo fala de sua experiência em 1 Coríntios 15,8-11; 1 Coríntios 9.1; Gálatas 1, 13-23; Filipenses 3,5-14. Enquanto não se indique outra coisa, todas as referências sobre esta experiência foram tomadas dos textos autobiográficos.

discípulos ao acolher em sua vida a Jesus ressuscitado. Pagola, (2008), descreve os detalhes deste fato:

Caminhavam “com ar entristecido” e, ao escutar suas palavras, ‘sentem arder seu coração’; estavam deprimidos ao comprovar a morte de Jesus, porém ao experimentá-lo cheio de vida, descobrem que suas esperanças não eram exageradas, mas demasiado pequenas e limitadas; haviam se afastado do grupo dos discípulos, frustrados por tudo que ocorreu (p. 427).

Após a experiência voltaram a Jerusalém para contar a todos “o que se passou no caminho”. Para eles começa uma vida nova. Nos tempos atuais em que vivemos uma profunda crise existencial e religiosa, somos interpelados: não basta crer em qualquer Deus, necessitamos discernir qual é o verdadeiro Deus.

Dunn, (2006), relata como Jesus impactou a vida de seus discípulos:

A missão de Jesus transformou a vida dos discípulos. Eles se fizeram seus discípulos, renunciaram aos seus empregos, abandonaram suas famílias. Respondendo ao chamado o seguiram, dia após dia, durante meses. O impacto de sua missão levou suas vidas em uma direção totalmente nova. (...) Jesus os impactou de tal maneira que surgiu a fé, e esta experiência se encontra na origem de tudo que segue depois (p. 28).

Os acontecimentos tais como se passaram, a partir do que nos contam, são impossíveis de reconstruir. O que os evangelistas querem explicitar em seus relatos são elementos para que todos entendam que sua vida e sua morte devem ser compreendidas em uma nova dimensão (Pagola, 2006, p. 425). O decisivo, o núcleo central é, sem dúvida, o encontro pessoal com Jesus cheio de vida. Jesus vive e está de novo com eles; tudo o mais vem depois.

Dunn, (2006), mostra-nos o processo de conversão dos discípulos:

Os discípulos de Jesus não se converteram em discípulos pela primeira vez na cruz ou no dia da Páscoa. Sem dúvida já criam em Jesus anteriormente. Sem dúvida a fé que os discípulos viviam anteriormente, à luz da fé posterior, mais plena, mesmo sendo um tanto inadequada, segue sendo fé. Segundo ele, esta fé inicial modelou a tradição sobre Jesus desde o princípio (pp. 28-29).

Seguindo os relatos, podemos concluir que aconteceu uma experiência pacificadora que reconcilia os discípulos com Jesus. Eles carregam em seus corações não só a dor pela morte de Jesus, mas também a tristeza pela culpa, pois estavam conscientes que o abandonaram. No entanto, os relatos não denotam nenhum registro de reprovação ou condenação. “Nos lábios de Jesus aparece rapidamente uma saudação significativa,” “a paz esteja convosco” (Jo 20, 19.21.26; Lc 24,36). Jesus infunde neles seu alento e os liberta da tristeza, da covardia e dos medos que os paralisavam (Jo 20, 19-22).

Constata-se que a experiência do encontro com o ressuscitado desperta neles um sentir-se chamado a anunciar a Boa Nova de Jesus. “A experiência do encontro pessoal, que é a lógica do amor, leva a pessoa que faz a experiência a amar as pessoas que a pessoa amada ama. Não posso amar a Jesus Cristo e odiar as pessoas que ele ama. O amor é vivido numa comunidade, num espaço com várias pessoas” (Antoncich, 2003, p. 24).

A novidade eclesiológica do documento de Aparecida é a riqueza do encontro pessoal com Jesus: “A admiração pela pessoa de Jesus, sua chamada e seu olhar de amor buscam suscitar uma resposta consciente e livre a partir do mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão de toda sua pessoa, ao saber que Cristo o chama pelo seu nome” (cf. Jo 10,3). (...) Neste amor de Jesus amadurece a resposta do discípulo: “Eu te seguirei para onde quer que vás” (Lc 9, 57; DA 136). Muitos doarem suas vidas: “Nos alenta o testemunho de tantos missionários e mártires de ontem e de hoje em nossos povos que chegaram a partilhar a cruz de Cristo até a entrega de sua vida” (DA 140).

Concluindo, queremos enfatizar que o ponto de partida do discipulado-seguimento é um encontro com a pessoa viva de Jesus. João Paulo II escreve que: “Podem dar-se em muitos lugares e circunstâncias: na escuta da Palavra, na mesa da comunhão, em situações vitais onde a mente e o coração humanos são postos em xeque e muito especialmente no rosto do outro” (NMI 79). O que identifica o discipulado-seguimento cristão é estar em constante sintonia com o projeto de Jesus. Viver em comunhão de vida com Ele, com os irmãos e com a natureza: a verificação da autenticidade do discipulado serão os frutos que daí brotarem.

1.4. DISCIPULADO COMO FUNDAMENTO DE SER IGREJA HOJE

Para começar o assunto, se faz necessário responder alguns questionamentos, mas precisamente da parte dos judeus que, com certa razão, se perguntam uma vez e outra: o que Jesus, vosso “Messias”, trouxe? Não trouxe a paz universal e nem conseguiu acabar com a miséria no mundo. Por isso não pode ser o verdadeiro Messias. Qual é a conclusão que tiramos desses argumentos? São perguntas, questionamentos, que em tempos atuais, em que vivemos uma profunda crise em todas as dimensões, de certa forma, nós cristãos também fazemos.

Bento XVI, (2007), ressalta que:

Jesus trouxe a universalidade, que é a grande característica da promessa para Israel e para o mundo. A universalidade, a fé no único Deus de Abraão, Isaac e Jacó, acolhida na nova família de Jesus que se expande por todos os povos, superando os laços carnis de descendência: este é o fruto da obra de Jesus. Isto é que lhe dá credibilidade como o “Messias” e que dá à promessa messiânica uma explicação, que se fundamenta em Moisés e nos profetas, porém que dá também a estes fatos uma abertura completamente nova (p. 148).

Há anos vem se travando um debate em torno da questão se Jesus fundou realmente a Igreja. Tomando algumas passagens do evangelho, segundo Lohfink, o primeiro que se pode dizer, a partir de uma leitura séria do Novo Testamento, é que Jesus, propriamente, não pretendeu fundar uma Igreja, mas sim que seu projeto era reunir o povo de Deus (Israel) ante a eminência do Reino, que com ele se fazia presente já na terra (Mc 1, 14-15; Lc 11, 20). Seu propósito era convertê-lo no verdadeiro povo de Deus. Lohfink (1986) afirma que:

Há tempo e com insistência a teologia crítica tem perguntado, se o Jesus histórico fundou realmente a Igreja. E chega-se uma e outra vez à conclusão que a pergunta está mal formulada. Usando palavras incisivas: Jesus não podia fundar uma Igreja, pois esta já existia bem antes que Jesus apareceu na Palestina. Essa Igreja era o povo de Deus, Israel. Jesus se dirige a Israel. Quer reuni-lo ante a iminente irrupção do reino de Deus e fazê-lo verdadeiro povo de Deus. O que chamamos Igreja não é senão a comunidade daqueles que estão

dispostos a viver no povo de Deus congregado por Jesus e santificado por sua morte (p. 7).

Podemos constatar como as primeiras comunidades cristãs¹⁵ compreenderam muito bem o sentido religioso que Jesus os chamava a realizar.

Alegre, (2003), assinala que:

E ele foi, tanto no que se refere à profunda solidariedade com os pobres, denunciando a injustiça, como no que diz respeito à inculturação do evangelho nas diversas culturas. De acordo com o testemunho normativo para todas as comunidades cristãs que os evangelhos apresentam, ditas comunidades aparecem, por um lado, como comunidades que conservam a pregação do Reino, própria de Jesus, e, por outro, como comunidades universais e, por sua vez, plurais, respeitadas nas diferenças culturais que eram próprias das diversas Igrejas, coisa que não rompia a comunhão profunda entre elas (p. 142).

Por essência o projeto de Jesus foi um projeto universal e universalizador, que era incompatível com qualquer forma de marginalização ou exclusão. De maneira alguma um projeto “elitista”, que gerava marginalizações econômicas e culturais. Os evangelhos fundamentam tudo que estamos afirmando.

Evangelii Nuntiandi descreve de forma precisa a centralidade de Cristo. É Ele o primeiro e maior anunciador do evangelho do reino: “Somente seguindo Cristo pode a comunidade dos discípulos anunciar o ano do grande jubileu da libertação dos aflitos (Is 4, 18-19; cf. Is 61, 1ss). Dado que para a comunidade, o Cristo é “autor e consumidor da fé” (Hb 12, 2). Começo e fim da história da salvação (Ap 21, 6), caminho, verdade e vida, para

¹⁵ Podemos deduzir que na Igreja primitiva havia vários grupos. “1) **Os judeu-cristãos rigorosos ou legais**, de língua araméica ou hebréica, oriundos principalmente da Palestina, conscientes de que Israel era o povo de Deus dos últimos tempos, fiéis a certos aspectos do judaísmo: ritmos de oração judia, calendário de festas, prescrições sobre a comida e o jejum, liturgia sinagoga e circuncisão. São Tiago “o justo” foi seu representante, segundo Hegesipo. 2) **Os judeu-cristãos adaptados**, oriundos principalmente da diáspora, que suavizavam as exigências da lei entre os batizados, não exigindo-lhes a circuncisão senão algumas prescrições sobre os alimentos e medidas disciplinares; Pedro os representou antes do concílio de Jerusalém. 3) **Os pagãos cristãos ou judeus de procedência**, porém com mentalidade helenística e atitude aberta, que criticam a lei e o templo. Foram representados por meio “dos sete”, em especial por Estevão. 4) **Os pagãos cristãos ou gentios de extração**, que não tinham nenhuma vinculação com as tradições judias. A postura dos fiéis “helenistas” escandalizou aos cristãos “hebreus”; a tensão cresceu com a admissão de gentios por Pedro e a incorporação de Paulo à comunidade (Florestán, 1991, p. 77).

a comunidade e para o mundo (Jo 14, 6). Só unida a Cristo, o primeiro e maior anunciador do evangelho do reino, a comunidade eclesial é capaz de responder ao *Kairos*".¹⁶ A unidade vivida na comunidade vinha da presença sempre vivificante de Cristo ressuscitado. "Sempre em contato com Cristo presente, na comunidade eclesial se renova constantemente, alimentando-se do pão divino da Palavra de Deus e o pão da Eucaristia, no sacramento da unidade e da caridade" (DV 12; LG 7).

A primeira constatação é que, apesar dos esforços, ainda não conseguimos formar pessoas livres, responsáveis, conscientes. Sabemos da existência do eclesiocentrismo do passado, onde a meta era a própria Igreja, cujo objetivo era conduzir todos ao seu interior; porque convencida de que *extra ecclesiam nulla salus* (fora da Igreja não há salvação). Felizmente o Concílio Vaticano II, dando finalmente prioridade ao Reino de Deus, encerrou este tipo de eclesiologia, apontando como grande horizonte da caminhada eclesial uma eclesiologia reinocêntrica, na qual a principal preocupação é a construção do Reino de Deus.

Temos que superar a concepção de uma Igreja estática e "perfeita". A missionariedade exige uma Igreja nova e evangélica, dinâmica e sempre a caminho. No próêmio da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, encontramos umas das mais belas passagens do Concílio Vaticano II, indicando esta genuína e evangélica missionariedade: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, também são as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração" (GS 1).

¹⁶ *Evangelii Nuntiandi*, n. 7. *Kairos* = tempo, ocasião favorável; contraposto a *kronos* = tempo em sentido cronológico (N.d.r). "Segundo o ensinamento da comunidade apostólica, o Evangelho do reino divino que Jesus anunciou, é associado indissolavelmente ao Kerigma (mensagem primitiva), em que Cristo pascal é proclamado nossa salvação" (EN 22; RM, 4ss).

A idéia de *aggiornamento*¹⁷ ainda continua atual para o nosso tempo. Para viver e anunciar o conteúdo da Revelação ao homem de hoje devemos perceber os sinais dos tempos, responder evangelicamente aos desafios, muitos variados do mundo atual.

O saudoso Dom Aloísio Lorscheider, (2008), se referindo a este assunto, escreve:

É na sua dimensão pastoral que a Igreja se abre às justas exigências do mundo de hoje (democracia, liberdade, responsabilidade (...), diálogo (...), direitos fundamentais da pessoa humana), para ajudá-lo num espírito de doação total que é o serviço dos pobres. É a pastoral que considera a maneira de pensar dos homens, a sua linguagem, o seu modo de apresentar o Evangelho de Jesus Cristo como libertação integral do homem. É a presença crítica da fé no mundo de hoje, a releitura da Palavra de Deus dentro das transformações do nosso tempo (p.45).

Sella, (2010), explicita alguns elementos que podem ajudar a Igreja a revitalizar e dinamizar sua missionariedade:

- 1) Devemos ter uma grande preocupação com a qualidade da ação da Igreja, permitindo aos fiéis uma profunda e verdadeira experiência do Cristo Ressuscitado, de modo a tornar as pessoas novas e capazes de abraçar novos estilos de vida.
- 2) Preocupação que o fiéis vivam a própria fé em profundidade.
- 3) Preocupação que o fiéis vivam a própria fé em profundidade onde quer que se encontrem.
- 4) A missão deve conduzir a comunidade cristã a dar maior importância à qualidade do viver e do crer.
- 5) A missionariedade faz que toda Igreja seja capaz de sair das próprias fortalezas e seguranças, para encontrar o povo e viver a mesma paixão de Jesus de Nazaré: o encontro apaixonante e salvífico entre Deus e a humanidade (p. 218).

“A Igreja só é Igreja quando existe para os demais” (Bonhöffer, 1983, p. 267). Em seu prólogo, São João ressalta que Jesus Cristo armou sua tenda no meio de nós para dar-nos todo amor do Pai. Dizer que Deus armou sua tenda significa afirmarmos que Ele é o Deus conosco, que escolheu habitar para sempre em nossa história para poder transformá-la e renová-la. A tenda é, pois, lugar da vida do Deus conosco (Sella, 2010, p.180).

¹⁷ Idéia-mestra sob a qual do Papa João XXIII convocou, em 25 de janeiro de 1959, os bispos da Igreja Católica para realizarem o Concílio Ecumênico Vaticano II, chamando a esta inspiração de “uma flor de inesperada primavera”. A palavra italiana *aggiornamento* significa: colocar em dia, atualizar, ou seja, o Papa João XXIII desejava uma Igreja atualizada no mundo moderno.

Depois de todo este percurso podemos perguntar: qual a novidade do discipulado e seguimento de Cristo a partir de um olhar eclesial para a vivência cristã? O Documento de Aparecida desenha um modelo de Igreja para o momento presente, na qual se dá a convergência entre a pessoa de Jesus Cristo e a comunidade eclesial, que poderíamos encontrar na eclesiologia paulina da Esposa de Cristo:

O documento de Aparecida ressalta que:

A Igreja está chamada a repensar profundamente e relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias que se nos apresentam. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigado em nossa história, desde um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que suscite discípulos e missionários. Ele não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem dita tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de vida nova para América Latina que quer reconhecer-se com a luz e a força do Espírito (DA 140).

Para uma revitalização da pastoral na América Latina, todos na Igreja estamos chamados a sermos discípulos-missionários. “Não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida à bagagem, ao elenco de algumas normas e proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesão seleta e parcial das verdades de fé, uma participação ocasional em alguns sacramentos, a repetição de princípios doutrinários, moralismos brandos ou rígidos que não convertem a vida dos batizados” (DA 12). “Nós todos devemos recomeçar a partir de Cristo” (NMI 28-28). “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida, e com ela, uma orientação decisiva” (DCE 1; DA 243).

Sintetizando este primeiro capítulo, faço um resumo do discipulado missionário, começando pelo Antigo Testamento e chegando à novidade de Jesus Cristo e sua boa notícia.

No Antigo Testamento, um dos primeiros elementos que podemos constatar é que o povo de Israel sempre procurou estar atento à Palavra de Deus. Apesar de suas inúmeras

infidelidades, o povo eleito foi como noiva querida, uma e outra vez chamada e desposada, convidada a entrar de novo no caminho do amor. Assim o fazia respondendo à eleição e à chamada de Deus com todo o seu coração, todo seu entendimento, todas as suas forças.

Foram os profetas os que souberam compreender e discernir este mistério, um pacto entre Deus e o povo. Foram porta-vozes do povo, vivendo este mistério em suas vidas, muitas vezes com dor e dilaceramento interior. Constantemente e pacientemente foram ensinados por Deus. Neste aprendizado entenderam sua vocação como discipulado.

Tendo como referência o Novo Testamento, tomamos consciência do dinamismo criador pela fidelidade ao seguimento e o chamado de Jesus para o discipulado missionário, colocando como o ponto de partida a experiência original dos discípulos convocados por Jesus, o Jesus histórico, discípulos que formam já uma comunidade primogênita de igualdade entre todos e tendo com referência a Jesus como o Mestre de todos.

O Cristo ressuscitado de nossa fé é o mesmo Jesus histórico de Nazaré, não fica meramente na fórmula ou artigo de fé do credo, mas sim que é nosso pastor que nos conhece pessoalmente pelo nosso nome e nos abre a porta que conduz a vida. O significado profundo da ressurreição se reflete na vida dos discípulos. A ressurreição de Jesus traz uma nova luz. Essa nova iluminação para interpretar a verdade dos acontecimentos históricos que tiveram em Jesus de Nazaré como sujeito e protagonista é apresentada como um fenômeno extraordinário, que teve lugar no momento em que os judeus celebravam a festa de Pentecostes.

Para uma revitalização da pastoral na América Latina devemos partir dessa convocação do discipulado missionário. A partir desta perspectiva, pode-se compreender melhor todos os elementos da ação eclesial no mundo de hoje, e esta é a novidade eclesiológica que acentua o documento de Aparecida. Os bispos, reunidos em Aparecida, desenham um modelo de Igreja para o momento presente, no qual encontramos a convergência entre a pessoa de Jesus Cristo, a comunidade eclesial e a missão.

Segundo Aparecida, a Igreja deve recuperar a dimensão evangélica de discípula de Jesus Cristo, se colocando a caminho com o Ressuscitado pelas estradas do mundo atual, auscultando e sendo sensível aos “sinais dos tempos”. Discipulado é colocar-se a caminho, como fizeram os apóstolos com Jesus, tornando presente hoje o Deus da vida e do Reino. O testemunho é o fruto maduro do discipulado. Como exercício de sua humildade, a Igreja não só tem muito a ensinar, mas também muito aprender de todos. Vamos retomar esse tema e desenvolvê-lo no capítulo seguinte.

CAPITULO II

O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO DO CRISTO RESSUSCITADO COMO NOVIDADE ECLESIOLOGICA

Neste segundo capítulo vamos falar sobre o seguimento de Cristo ressuscitado na realidade sócio-cultural-económico-religiosa tal como se apresenta nos documentos do episcopado latino-americano. Em concordância com tais documentos podemos afirmar que nossa realidade é muito complexa e que sobre ela podemos ter distintos pontos de vista. Contudo, pode-se aperceber que nessa complexidade há uma compreensão comum, que entende a globalização¹⁸ como um processo global de integração econômica e sócio-política, gerado pela dinâmica do sistema capitalista, junto com um modelo único de pensar a realidade. Ao mesmo tempo, constatam-se pequenas iniciativas que estão acontecendo na escala mundial que contrapõem este modelo único.

O Documento de Aparecida nos apresenta pistas para operacionalizar pastoralmente a idéia de uma fé como “encontro com Cristo”. Como metodologia básica, os bispos propõem um “itinerário” de uma primeira “iniciação à vida cristã”. Procuram por aí introduzir “mistagógicamente” os afastados da fé à escuta da Palavra, à oração pessoal e à eucaristia. Pois só um catolicismo de “iniciados” é realmente evangelizador, socialmente fecundo e eficazmente resistente ao secularismo moderno, assim como aos proselitismos atuais.

¹⁸ “A globalização é um dos processos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural, política, que teria sido impulsionado pelo barateamento dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo no final do século XX e início do século XXI. É um fenômeno gerado pela necessidade da dinâmica do capitalismo de formar uma aldeia global que permita maiores mercados para os países centrais (ditos desenvolvidos) cujos mercados internos já estão saturados. O processo de Globalização diz respeito à forma como os países interagem e aproximam pessoas, ou seja, interliga o mundo, levando em consideração aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos. Com isso, gerando a fase da expansão capitalista, onde é possível realizar transações financeiras, expandir seu negócio até então restrito ao seu mercado de atuação para mercados distantes e emergentes, sem necessariamente um investimento alto de capital financeiro, pois a comunicação no mundo globalizado permite tal expansão, porém, obtêm-se como consequência o aumento acirrado da concorrência”. Cf. Wikipédia, a enciclopédia livre. Recuperado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Globalização>.

Em seu discurso inaugural em Aparecida Bento XVI enfatizou que o discipulado-seguimento nos ajuda a viver uma vida nova: “A vida nova em Jesus Cristo afeta o ser humano inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural. (...) Em Jesus Cristo encontramos a verdadeira fonte de vida que cura, fortalece e humaniza” (DI 4). Aqui aparece a centralidade da pessoa de Jesus Cristo, que deve ser o eixo central de toda a ação pastoral.

Para dar uma resposta mais qualificada no que diz respeito ao conhecimento da realidade em que vivemos o episcopado pediu a volta do método “ver, julgar e agir”.¹⁹ Devido à insistência neste assunto o método foi reestabelecido. Este método ajuda a obter um conhecimento adequado da sociedade em que vivermos. Traz elementos iluminadores para uma ação transformadora. Ele aparece nas três partes do documento final de Aparecida. Primeiramente, um olhar qualificado, de discípulos missionários sobre a realidade social e sobre a Igreja; em seguida, a descrição do que constitui o discípulo missionário; e, numa terceira parte, sobre o tema amplo da vida, a parte que corresponderia ao agir. Todo o autêntico discipulado-seguimento comporta um conhecimento sobre os sinais de vida e esperança, de pecado e morte, que vive nosso povo. Isto só é possível quando adquirimos um conhecimento amplo e profundo do contexto em que vive nosso povo.

Aparecida nos ensina e nos convida, a começar por viver uma experiência do discipulado “pós-pascoal”, quer dizer, ter a confiança e a certeza da presença do Mestre, que nos vem pelo dom da fé. Aparecida nos indica com bastante precisão os “lugares” onde encontramos pela fé a presença do Mestre. Estes “lugares” nos ajudam para vivermos uma fé integral. No terceiro capítulo vamos mostrar a inter-relação dos quatro lugares entre si. Um lugar não exclui o outro, pelo contrário, eles se complementam entre si.

¹⁹ Método de evangelização com o objetivo de engajar o leigo na realidade social. Foi criado a partir da JOC (Juventude Operária Católica), na Bélgica, pelo padre Joseph Cardijn, e introduzido no Brasil no tempo da Ação Católica. Na Encíclica *Mater et Magistra*, o Papa João XXIII recomenda o uso deste método na aplicação dos princípios e das diretrizes sociais da Igreja (1961, n. 232-234).

Todos que querem viver o discipulado-seguimento de Cristo ressuscitado encontram em Jesus Cristo o modelo perfeito. Seus ensinamentos evangélicos e sua prática de vida são fonte de inspiração.

Vitório, (2010), assinala como alguns meios de comunicação têm veiculado idéias equivocadas a respeito do discipulado-seguimento:

Verificamos como pregadores dos mais distintos naipes, católicos e evangélicos, associam o nome de Jesus a um tipo de religiosidade descolada dos evangelhos. Basta uma análise, embora superficial, para se dar conta da incompatibilidade destas práticas com o projeto de Jesus, como é apresentado no evangelho (p. 6).

Como testemunhas do Cristo ressuscitado, somos chamados a seguir as pegadas do Mestre. “A idolatria está banida de seu coração, a ponto de nenhuma criatura ser capaz de levá-lo a agir na contramão do Pai. Inteiramente consagrado ao Pai, o discípulo que vive a experiência do Cristo vivo, ressuscitado, terá em Jesus Cristo como modelo de vida pautada na fé” (Vitório, 2010, pp. 6-7).

Como discípulos do Cristo ressuscitado, devemos estar inteiramente imbuídos do sentido da fé e as exigências dela decorrentes. A exemplo de Jesus, também devemos exercer nossa cidadania lutando pela transformação das estruturas.

Vitório, (2010), descreve com detalhes, os níveis desta ação transformadora de Jesus:

No nível social, combateu os preconceitos e as discriminações. Por isso, louvou a fé de um oficial romano (Mt 8,10) e denunciou a hipocrisia de quem olhou com desprezo para uma pecadora (Lc 7,36). No nível político, foi extremamente crítico dos poderes opressores. Permaneceu impávido diante das ameaças de Herodes, que queria matá-lo (Lc 13, 31-33). Por ocasião da paixão, manteve a cabeça erguida no confronto com o representante do poder imperial, a quem coube decretar-lhe a sentença de morte (Jo 18, 28-19,16). No nível econômico, denunciou a ganância e a insensibilidade dos ricos (Lc 6,24-26; 16, 19-31) e de quem só pensa em acumular riquezas, sem a menor compaixão com os despossuídos (Lc 12, 16-21). A esmola dada pela pobre viúva teve, aos olhos de Jesus, mais valor que as vultuosas quantias depositadas no cofre do templo pelos ricos (Lc 21, 1-4) (p. 7).

O discipulado-seguimento de Cristo ressuscitado deve ser vivido no coração do mundo, onde somos chamados a ser “sal da terra”, “luz do mundo” e “fermento na massa” (Mt.5, 13-16; 13,33). Excluem-se do discipulado cristão autêntico o espírito de gueto, a visão negativa da realidade e o anseio do céu como fuga do mundo. O cristão é um cidadão do mundo e tudo quanto diz respeito ao mundo toca-o diretamente.

Vitório, (2010), ressalta a maneira de agir de Jesus:

Entretanto, sua maneira de agir no mundo é radicalmente diferente da postura de quem não optou por Jesus e pelo Reino. Onde quer que esteja, preocupa-se por fazer os valores do Reino permeiem a realidade. Quando se enfrenta com situações incompatíveis com o ideal do Reino, exerce a vocação profética denunciando-as e, ao mesmo tempo, anunciando o que corresponde ao querer de Deus (p.7).

Finalizando, podemos afirmar que o que identifica o discípulo é a sua capacidade de amar, de viver o testemunho pascoal. Este testemunho é mais fácil de ser entendido e pode convencer mais a um mundo que incentiva o egoísmo e o ódio. Caballero, (1993), nos lembra que: “O amor aos demais é o selo de autenticidade do discípulo de Cristo, o signo da primavera da fé, da vida, da Páscoa florida. O amor o sustenta na fé, na esperança de que já em nós, a vida nova escondida em Deus culminará na ressurreição final com Cristo” (p. 233). Outro elemento fundamental decorre da alegria de ter se encontrado com o Senhor. De tal experiência brotam os desejos de segui-lo e anunciar o Evangelho do Reino da Vida aos povos latino-americanos.

Quanto à operacionalização pastoral do anúncio do Evangelho do Amor, os bispos propuseram concretamente uma “grande missão continental” (DA 376-8). Esta tem como objetivo mobilizar todas as forças vivas da Igreja para “sair ao encontro” dos distantes. E isso não com intenções de proselitismo ou de reconquista, mas para partilhar a alegria do Evangelho e comunicar as maravilhas da vida em e com Cristo. Os primeiros discípulos usaram palavras adequadas conforme seu tempo; nós devemos encontrar meios de dizê-las conforme o tempo em que vivemos. Eles fizeram com imagens e palavras que eram próprias; nós deveremos fazê-las com as nossas. Esta é a primeira reflexão teológica que se impõe a propósito da ressurreição de Jesus.

2.1. CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL-ECONÔMICO-RELIGIOSO MUDADO

Nosso objetivo aqui é abordar certos elementos da situação sócio-cultural-econômico-religiosa em que vivemos, em concordância com o que dizem os documentos episcopais. Não vamos nos deter em pormenores. Nossa maior preocupação é abordar certos elementos, processos alternativos que, segundo tais documentos, vem acontecendo em escala mundial, buscando dar uma resposta mais humanizadora e equitativa, ante o pensamento único que insiste em perpetuar-se. É dentro destes contextos que a Igreja deve viver seu discipulado e o seguimento do Cristo Ressuscitado. Em seu discurso inaugural Bento XVI afirmou: “Somente quem reconhece a Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano” (DI 3).

Situação sócio-cultural: segundo os últimos documentos episcopais, presenciamos em nossas sociedades o egoísmo, a indiferença, a competição desleal. Através deste processo, um comportamento excepcional habitualmente impelido pela ação é o comportamento da maioria e é erigido como norma de conduta, ou seja, como um valor. De certa forma, seja em parcelas diferentes, a maioria de nós participa desse processo de banalizar o mal. Deve-se acrescentar que a banalização do mal nada tem de excepcional, por ser subjacente ao próprio sistema liberal. Vivemos numa sociedade que, de forma habitual, banalizou o mal. Paulatinamente estamos perdendo a capacidade do discernimento, lucidez para renunciar ao mal e praticar o bem.

Galot, (1993), escreve que atualmente vivemos uma cultura de morte, paulatinamente em nossa sociedade vão se acentuando elementos de uma sociedade antidemocrática e autoritária. O atual modelo econômico que vem sendo implementado gera muita exclusão. Os menos aptos, os segundos lugares no mundo da competição, são as vítimas sacrificiais da ‘democracia de mercado’. Não se leva em consideração a dignidade da pessoa humana, mas coloca o mercado como centro regulador de todas as coisas. Dentro de tal modelo econômico prevalece a exclusão e não a inclusão, acentuando assim cultura de morte e não a cultura de vida (pp. 221-222). Estamos presenciando que cada vez mais

vão se perdendo os valores de solidariedade e fraternidade, tão acentuados pelo cristianismo.

Nos últimos anos temos presenciado como o fenômeno da globalização vem se impondo, Scannone descreve como a globalização²⁰ pretende de uma forma autoritária ser a única verdade: “Na atualidade, o chamado ‘pensamento único’ (de matriz neoliberal) ideologiza sua compreensão da globalização, porque considera que o modo atual como se vive e se pensa é o único possível sem aceitar alternativas” (Scannone, 2007, p. 58).

Também os bispos reunidos em Aparecida constatarem que vivemos uma mudança de época, cujo nível mais profundo é o cultural. Eles escrevem que no momento atual impera o individualismo. Como resultado deste individualismo “enfraquece-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus. O individualismo debilita os vínculos comunitários, deixando de lado a preocupação com o bem comum para priorizar a realização imediata dos desejos dos indivíduos e não os da coletividade” (DA 44). Como discípulos somos chamados a vivermos a comunhão fraterna, e ajudar as pessoas que façam uma experiência de um Deus Trindade que é comunidade e família e que privilegia a sua presença no rosto do outro, sobretudo do pobre e do sofredor!

Referente ao sistema atual de globalização Aparecida apontou todos seus vícios, mas não chegou a condenar explicitamente. Segundo Scannone, (2007) o reducionismo ideológico traz enormes consequências: “o fenômeno da globalização não tem raízes na história, na cultura e nem na sociedade. Trata-se de uma dimensão da razão, que prioriza a racionalidade formal. Ela é meramente individual, não é comunicativa nem relacional” (p.59). (...) “Tal racionalidade formal enriquece ao homem e dá eficiência em seu domínio sobre o mundo da ciência e pela técnica, porém se cai num reducionismo ideológico que tem a globalização como pensamento único: com enormes consequências, tanto epistemológicas, como históricas, culturais e sociais” (2007, p. 59). Nos últimos anos,

²⁰ “Em primeiro lugar, é preciso distinguir entre a globalização como fato e globalização como ideologia” (Cf. “A globalização como fato e ideologia. Emergência da sociedade civil, doutrina social da Igreja e globalização da solidariedade” Em (Scannone, J. C, et.al., 1999, pp. 253-290).

temos acompanhado como esse reducionismo ideológico deforma e leva a uma fragmentação nas relações.

Aproveitando-se desta fragmentação em que vive o ser humano, um dos elementos mais estimulados pelos meios de comunicação é o consumismo. Com razão os bispos reunidos em Aparecida descrevem tal situação: “A avidez do mercado estimula o desejo das crianças, jovens e adultos. A publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, onde todo desejo pode ser satisfeito pelos produtos que tem um caráter eficaz, efêmero e até messiânico” (DA 50).

Num mundo profundamente marcado pela revolução tecnológica e da informática, da globalização da economia, do neoliberalismo e do assim dito pós-moderno, não existe oportunidade para aqueles que hoje são pobres e marginalizados. Eles não conseguem se libertar de uma condição desumana que pisoteia a dignidade. Scannone associa a pós-modernidade²¹ como a cara cultural da globalização: é certo que a carência de sentido último da vida, o niilismo, o relativismo ético e o individualismo competitivo e consumista são, segundo parece, consequências culturais da redução da razão ao meramente formal e instrumental, que rejeita a pergunta pelos fins, o sentido e os valores, e os reduz a meros sentimentos subjetivos e privados (Scannone, 2007, p. 59). Presenciamos que este relativismo ético não ajuda na construção de valores e de projetos mais consistentes, isto faz com que muitos jovens vivam uma vida sem sentido, valorizando somente o presente, sem uma maior preocupação com o futuro.

Outro fenômeno que mereceu reflexão por parte dos bispos reunidos em Aparecida foi a questão urbana: “A cultura urbana é híbrida, dinâmica e cambiante, pois concentra formas múltiplas, valores e estilo de vida e afeta a todas as coletividades. A cultura

²¹ “O pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e na sociedade avançada desde 1950, quando por conversão, se encerra o modernismo. Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar na filosofia, durante os anos 70, como crítica a cultura ocidental. E amadurece hoje alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pelo tecnociência (ciência + tecnologia invadindo o cotidiano com desde os alimentos processados, microcomputadores), sem que ninguém saiba se é a decadência ou renascimento cultural”. (Santos, 1997, p. 8-9).

suburbana é fruto de grandes migrações de população em sua maioria pobre, que se estabeleceu nas proximidades das cidades nos cinturões de miséria” (DA 58). Os problemas referentes à identidade, o que diz respeito à pertença, relação, espaço vital e casa são cada vez mais complexos, nestas culturas. É necessário que a Igreja “vá para águas mais profundas”, mergulhe nas profundezas da sociedade contemporânea; sem medo, como fez Paulo e suas “comunidades de base” que conseguiram transformar aquela sociedade. Somente uma Igreja parecida com seu mestre poderá ser uma Igreja convincente.

Depois destes elementos um tanto pessimistas que descrevemos, queremos elencar algumas idéias que vem sendo gestadas em muitas partes, buscando uma nova imagem de homem numa globalização alternativa e uma nova abordagem no que se refere a uma nova chamada sobre a questão social.

Uma das reações contra essa maneira de viver a globalização é o redescobrimto do personalismo social – nem individualista nem coletivista – e de racionalidade construtiva da pessoa humana, tanto no âmbito teórico das ciências humanas e da filosofia como nas práticas sociais. Ele corresponde ao fato da globalização, aberta em princípio universalmente a inter-relações entre todos os homens, nações e culturas, mas se opõe à globalização com ideologia, como instrumentos hegemônicos de dominação econômica, política e cultural de uns sobre outros (Scannone, 2007, p. 61). Nestas novas relações se privilegia a mediação histórico-cultural, que possibilita um deslocamento do político ao sócio cultural, permitindo apoiar-se mais sociedade civil e não ficar tão atrelado ao estado. Observa-se um deslocamento axial, referente a eixo de valor e de interesse.

Nos últimos anos tem se multiplicado em várias partes do mundo um apelo constante para um novo paradigma teórico relacional. Na ordem das ciências, já se orienta a uma mudança no que diz respeito a um acento posto no inter-relacional e no diálogo interdisciplinar, ainda que nem sempre se alcance um resultado satisfatório.

É interessante ressaltar que não somente o ensinamento social da Igreja, mas várias ciências vêm buscando novos paradigmas, mais relacionais e humanamente integrais. Por exemplo, em sociologia e antropologia cultural existem propostas de Marcel Mauss e de

seus seguidores, agrupados em torno da *Revue du Mauss*. Aparece ali a “sociologia do dom”, segundo a qual tudo o que temos e somos recebemos gratuitamente de Deus. Como tudo é dom somos chamados em nossa vida a viver a dimensão da gratuidade.

Alain Caillé fala do terceiro paradigma em ciência sociais, contrapondo tanto a individualista – utilitarista, contratualista e instrumentalista – como a holística, que acentua o influxo da totalidade social sobre os indivíduos, próprios do funcionalismo, do culturalismo, do institucionalismo e do estruturalismo (Scannone, 2007, p. 62). Também prevalecem intentos atuais de superação do individualismo na psicologia e psicanálises, conferindo maior relevância à relação, a inter-relação interpessoal e o “entre” que elas implicam (Topler, 2004, pp. 196-216).

No campo teológico aparecem à teologia trinitária como a cristológica, a eclesiológica, a sacramental, a moral, a pastoral, etc. Estas teologias ressaltam a comunhão como relevo da substância e o sujeito. Isto é, olhando a Santíssima Trindade como a perfeita comunidade, a pessoa se constitui ou se torna pessoa humana na relação e comunhão com os outros.²² Bento XVI destaca a importância do bem comum: “Em uma cidade em vias de globalização, o bem comum e o esforço por ele não de abarcar necessariamente a toda a família humana” (CIV 7).

Constatamos um renascer da inter-relacionalidade humana. Queremos enfatizar as práticas sociais e políticas, que reagem a partir do humano contra o tipo atual de globalização considerada como individualista e competitiva. Constatamos por um lado, o novo cenário de resposta à globalização como se apresenta nas comunidades de nações (Segundo Ricardo Petrela e o Grupo de Lisboa), cujo exemplo é a União Européia. Buscam-se, também, outros ensaios como o MERCOSUR, ou a comunidade Sud ou Latino-Americanas de nações²³, apesar das crises que padecem.

²² Como exemplo é digno mencionar: G. Greshake, *Drei-eine Gott. Eine Trinitarische Theologie*, Freiburg i.B. 2001 (en español: Barcelona, 2001).

²³ Cf. Grupo de Lisboa (sob a direção de R. Petrela). *Los límites de la competitividad. Cómo se debe gestionar la aldea global*, Buenos Aires: 1996.

Outro elemento que deve ser enfatizado é o despertar da sociedade civil – distinta do Estado e do mercado – em sua busca de interesses já não privados ou setoriais, mas sim públicos e universalizáveis, através de redes de solidariedade – muitas vezes internacionais – de foros sociais alternativos, de voluntariados e de novos movimentos sociais como o ecologista, o feminista, o pacifista, dos indignados, etc. *Caritas in Veritate* reforça o despertar da sociedade civil, ressaltando a importância das associações: “O convite à doutrina social da Igreja, começando pela *Rerum Novarum*, a dar vida a associações de trabalhadores para defender seus próprios direitos há de ser respeitado, hoje mais do que no passado, dando antes tudo uma resposta pronta e de grande alcance à urgência de estabelecer novas sinergias no âmbito internacional e local” (CIV 25).

Finalizando podemos ver com certo otimismo estes processos que vem sendo construídos aos longos dos últimos anos. Todavia, Scannone nos lembra, que não se trata de uma tendência sócio-cultural dominante, mas que são germes de novidade que pressupõem uma espécie de novo humanismo social, ao que acompanha o surgimento de um novo imaginário cultural – com uma imagem mais solidária e relacional do homem – e a busca, por enquanto mais ou menos incipiente, de uma globalização alternativa. (Scannone, 2007, p. 64).

Situação econômica: o Papa, em seu discurso inaugural de Aparecida falou sobre o fenômeno da globalização no mundo: “a globalização como um fenômeno ‘de relações de nível planetário’ consideramo-lo como uma conquista da família humana, porque favorece o acesso a novas tecnológicas, mercados e finanças” (DA 60). Ele enumera vários avanços e inovações que a globalização vem proporcionando nestes últimos anos. Constata, “ao mesmo tempo, que a globalização se manifesta como a profunda aspiração do gênero humano à unidade” (DA 60). No entanto, ele enfatiza que, mesmo com todos os avanços, a globalização “comporta o risco de grandes monopólios e de converter o lucro em valor supremo”. Com palavras contundentes, afirma Bento XVI: “Como em todos os campos da atividade humana, a globalização deve ser regida também pela ética, colocando tudo a serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus” (DI 2).

Se o homem da modernidade deseja mesmo continuar evoluindo na terra, esta evolução somente fará sentido, e terá plena e irrestrita validade, quando perversidades como a morte pela fome ou por doenças dela decorrentes, por exemplo, forem definitivamente banidas do planeta. Cumpre ressaltar que essas sociedades são "construídas" pelo livre pensar dos homens, usando os pilares do sistema econômico, dos regimes políticos, da justiça, dos códigos do Direito, dos deveres e direitos dos cidadãos, dos princípios morais e das ações dos governantes.

Fazendo uma análise mais crítica da realidade, o documento de Aparecida denuncia as desigualdades existentes: “A atual concentração de renda e riqueza se dá principalmente pelos mecanismos do sistema financeiro. A liberdade concedida às inversões favorece o capital especulativo, que não tem incentivos para fazer inversões produtivas de longo prazo, mas sim busca o lucro imediato nos negócios com títulos públicos, moedas e derivados” (DA 69).

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja faz uma crítica ao atual modelo e nos aponta a uma nova direção cujo objetivo é a realização de uma autêntica felicidade humana:

O objeto da economia é a formação da riqueza e seu incremento progressivo, em termos não só quantitativos, mas sim qualitativos: tudo isso é moralmente correto se está orientado ao desenvolvimento global e solidário do homem e da sociedade em que vive e trabalha. O desenvolvimento, com efeito, não pode reduzir-se a um mero processo que acumulação de bens e serviços. Ao contrário, a pura acumulação, ainda que fosse em prol do bem comum, não é uma condição suficiente para a realização de uma autêntica felicidade humana (CDSI, 7).

Em outras palavras, não se pode pensar nos caminhos que conduzem ao aumento da riqueza, ignorando, para isso, as possibilidades de redução da pobreza. Diante de tal cenário, gostaria de elencar alguns elementos que vem sendo gestados em vista de uma nova ciência econômica que supere tanto a concepção da centralidade do mercado da economia neoclássica como os intentos socialistas de planificação.²⁴

²⁴ “Exemplos disto são: a “economia social” ou de comunhão, a “economia civil” e “relacional” de Stefano Zamagni, ou a “economia solidária”, de Luís Rezeto, que faz uma nova compreensão dos fatores econômicos a partir do fato C ou “Comunidade”, assim como os intentos de repensar a racionalidade econômica a partir da

Oliveira, (2009), ressalta os valores do novo modelo de economia que vem sendo proposto:

Se realmente desejamos uma sociedade melhor, outro mundo precisa, urgentemente, ser ‘edificado’ sob novos olhares. Especificamente sob o olhar de que a mudança é plausível e está ao nosso alcance. Para mudar essa situação, um novo modelo que vem sendo proposto é o modelo da economia solidária. Esta é uma nova maneira de “ver, pensar, sentir e fazer” economia que vem ganhando destaque. No entanto, essa nova economia somente será solidária e ocupará espaço positivo à medida que um maior número de adeptos engrossarem as fileiras desse novo modelo econômico.

Esse modelo respeita os padrões de produção, sem agredir os recursos naturais, respeitando à geração futura; respeita e prioriza o trabalho não remunerado da mulher "dona de casa", vendo nisso também uma atividade econômica produtiva e, acima de tudo, afirma positivamente o trabalho das organizações não governamentais. Além disso, respeita a geração presente, priorizando, valorizando e enaltecendo o ser humano, em lugar de focar na acumulação de capital, típica da sociedade capitalista. “Por sinal, esse ‘modelo capitalista’, ao longo dos últimos 200 anos, deu mostras de que não foram (e não são) as relações igualitárias que prevaleceram (e que prevalecem), mas sim a busca incansável pelo lucro, mesmo que a vida de milhões e milhões de pessoas tenham sido sacrificadas” (Oliveira, 2009).

Concluindo, como discípulos e seguidores de Cristo ressuscitado, somos chamados a ajudar a promover um novo sistema econômico, solidário e participativo, mais ético e menos mercantil que busque mais igualdade de oportunidades. Precisa, portanto, emergir para diminuir a abissal diferença entre o modo de viver dos mais ricos em relação aos mais pobres, até mesmo porque essa diferença já extrapolou todo e qualquer limite. Afinal, estamos num mundo em que, segundo Oliveira (2009), “vinte por cento da Humanidade não hesita em gastar três dólares por dia num simples cappuccino; enquanto, do outro lado, quase 40% da população mundial ‘tenta’ viver com menos de dois dólares por dia”.

racionalidade comunicativa, de Peter Ulrich. A atenção à ética na teoria do desenvolvimento (Bernardo Klisberg) colabora nessas novas tendências.” (Scannone, 2007, p. 62).

Situação religiosa: Seguindo a vários autores, dentre outros ao Edmundo Molina no seu trabalho de graduação intitulado *El anuncio Misionero ante los retos actuales de la urbanización*²⁵, podemos dizer que atualmente vivemos um pluralismo religioso bastante acentuado. Em um mundo globalizado, em que facilmente dialogamos com pessoas de distintas culturas e tradições, evangelizar é também formar, tanto no reconhecimento da própria identidade como no respeito pela diversidade. A Igreja não é a única na urbe, é uma a mais entre outras tantas Igrejas. Ademais está sofrendo a fuga de católicos para outras formas religiosas e, o que é alarmante, para as seitas fundamentalistas. Quanto menor presença e inserção da Igreja em setores humildes e periféricas áreas urbanas, maior será o proselitismo evangélico. O catolicismo vai perdendo sua hegemonia nas grandes cidades. “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se passe de uma pastoral de mera conversação a uma pastoral decididamente missionária. Assim será possível somente se o programa do Evangelho continuar sendo introduzido na história de cada comunidade eclesial” (NMI 12). “Com novo ardor missionário, fazendo que a Igreja manifesta-se como uma mãe que sai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão” (DA 370).

Molina, (2009), escreve sobre a tarefa da Igreja dentro do contexto urbano:

Atualmente, na cidade, a Igreja não pode levar adiante sua tarefa missionária como se as demais Igrejas não existissem. Não deveria ter a única preocupação de assinalar os chamados erros doutrinas, nem tão pouco ter a pretensão de fazer voltar ao redil aos irmãos separados. Sua preocupação deveria construir pontes e não muros, para o diálogo e encontro ecumênico com outras confissões cristãs (p. 91).

No passado havia somente uma maneira de ser cristão baseada em um modelo centro-europeu. Durante muitos séculos vivemos numa realidade mono-cultural. A cristandade ocidental era a única maneira de ser Igreja. “Na cidade se dá um pluralismo na forma de pensar, de viver e celebrar a fé. Se existe nas áreas rurais somente um modo de ser cristão, na cidade existem vários modos de ser cristão e de celebrar a fé. O urbano exige

²⁵ *El anuncio Misionero ante los retos actuales de la urbanización*. Trabajo de grado para optar por el título de Licenciatura Canónica en Teología con énfasis en Misionología. Universidad Pontificia Bolivariana – Consejo Episcopal Latinoamericano – CELAM – Instituto Teológico Pastoral para a América Latina – ITEPAL (Molina, 2009, p. 91).

que sua cultura seja reconhecida em sua diversidade” (Molina, 2009, p. 89). O grande desafio para a Igreja é realizar a unidade dentro do pluralismo, estar atenta e deixar-se conduzir pela ação do Espírito Santo, como afirma abertamente São Paulo em suas cartas. Para ele o sinal de que uma comunidade cristã possui o Espírito Santo de Cristo e atua sob seu impulso é a fraternidade entre seus membros. São Paulo expressava assim o ideal e fundamento da unidade cristão. “Há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados. Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, há um só Senhor e Pai de todos” (Ef 4,4s).

Continuando sua reflexão, Molina, (2009), enfatiza a tarefa missionária:

A tarefa missionária na urbe deverá continuar o diálogo com humilde, transparência e com o testemunho de vida. Devemos ir à essência para não ficarmos no que é periférico. Deverá pensar e agir com mais humildade e dar importância à misericórdia mais que à instituição. A missão é sempre um propor e não um impor (p. 90).

Deste modo, a diversidade, que tem sido muitas vezes causa de fragmentação, desconfiança, violência, será considerada uma riqueza de intercâmbio e de pluralidade, como uma orquestra, como em um campo de flores. “Os discípulos missionários de Jesus Cristo têm como tarefa prioritária de dar testemunho do amor a Deus e ao próximo com obras concretas” (DA 399).

Caballero, (1990), apresenta alguns elementos básicos e comuns que nos unem na construção da unidade:

a) Fé em Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e nosso Pai, a quem rezamos a oração comum dos filhos de Deus: o Pai Nosso que Jesus nos ensinou. b) Fé em Jesus, Filho de Deus e Salvador nosso, por quem temos a vida de Deus em um mesmo batismo. c) Fé no mesmo Espírito vivificante. d) O mesmo evangelho, o mesmo credo basicamente e fundamentalmente, a mesma palavra de Deus na Bíblia (p. 254).

No atual contexto em que vivemos, mais do que nunca somos chamados a viver, colocar em prática os ensinamentos do Concílio Vaticano II, que nos recorda a importância

de pensar uma antropologia unitária, no seio de uma única história, profana e de salvação, tendo como pano de fundo a unidade entre o Plano da Salvação e o Plano de Redenção. Em nossas atividades pastorais, temos que mudar nossos esquemas mentais, e converter nosso coração, reconhecendo humildemente que a salvação está em acolher o Reino de Deus, também fora da Igreja, à missão se dá no mundo e para a salvação do mundo. Para que possamos viver a dimensão do discipulado e o seguimento faz-se necessário uma visão integradora da pessoa humana, capacidade de unir fé e vida, vivência de uma vida afetiva madura, que saiba discernir os sinais dos tempos, presente em nosso mundo atual, e assim ser um sinal vivo para homens e mulheres do nosso tempo.

2.2 O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO DO CRISTO RESSUSCITADO NO CONCÍLIO VATICANO II

Como introdução ao assunto faz-se necessário descrever os fatores que desembocam no Concílio Vaticano II e se converteram em faróis que iluminarão o desenvolvimento do mesmo. Podemos afirmar que implicitamente aparece incluído nestes fatores um germen que posteriormente se designaria pelo termo de discipulado e seguimento de Jesus. Os padres conciliares, em suas análises, vão tomando conhecimento de que a atual sociedade vive uma transformação profunda em sua dimensão social-cultural-político-religiosa. Dentro deste novo contexto a Igreja é chamada a encarnar-se para melhor cumprir sua missão.

Comentando sobre este contexto que se estava vivendo, Cadavid, (2010), enfatiza que:

Parecia que a Igreja não conseguia acompanhar, não conseguia responder com suficiência as exigências de uma nova mentalidade – que vinha se gestando desde quase três séculos no mundo europeu -, que defendia um humanismo antropocêntrico e ressaltava valores como a autonomia, a liberdade, a igualdade, a fraternidade, a democracia e a promoção dos direitos humanos (pp. 25-26).

Apesar de ser um tanto extenso, citamos os fatores que vão forçando a um maior desejo da Igreja a encarnar-se na realidade:

Na década dos anos vinte do século passado, depois da primeira guerra mundial, aparecem os primeiros sintomas do desejo de uma renovação eclesial: a insistência no retorno as fontes bíblico-patristicas, como centro de reflexão cristã; o novo despertar eclesiológico que concebe a Igreja não como sociedade, mas sim povo de Deus; o movimento litúrgico que ajuda a redescobrir o sacerdócio comum dos batizados; o influxo da teologia ortodoxa com sua acentuação da Igreja local, no contexto de uma eclesiologia universal; o contato e a aproximação com as comunidades protestantes e sua ênfase nas dimensões pneumatológicas e eclesiológicas da Igreja; o movimento missionário que reclama a corresponsabilidade das Igrejas; o contato com o mundo que faz descobrir a estreiteza de certos esquemas escolásticos e pós-tridentino (Cadavid, 2010, p. 29).

Deixando-se conduzir pela ação do Espírito Santo, o papa João XXIII demonstra profundas intuições evangélicas e pastorais, pois sem elas seria impossível entender o desenvolvimento posterior da Igreja, tanto em nível universal como latino-americano. “O papa encontrou uma Igreja, porventura, marcadamente hierárquica e autoritária, (...) talvez, tenha levado a centrar-se em si mesma e na tarefa de seu auto-aperfeiçoamento, (...) esquecendo-se um pouco do encargo missionário que encomendou seu fundador” (Cadavid, 2010, p. 25).

Como resposta, o papa João XXIII assinala a necessidade de uma vivência autêntica dos valores do evangelho: “com uma Igreja mais humilde, mais dos pobres, mais servidora, mais missionária e com maior capacidade de diálogo como os homens, independente de sua crença” (Cadavid, 2010, p. 26). Ao longo da história da salvação Deus chama a homens (discípulos) para que possam colaborar em seu plano salvífico: já desde o início da aliança com o povo, Ele escolheu pessoalmente a homens, não somente como indivíduos, mas também enquanto membros de uma determinada comunidade (2010, p. 26). A estes eleitos, Deus, manifestando seus desígnios, os chamou seu povo (Ex 3,7-12), com o qual, além disso, firmou um pacto no Sinai (Ex 24,1-8).

Evangelho, evangelização, anúncio missionário, são termos que para um cristão, giram ao redor de um centro vivo: Cristo ressuscitado. Por meio deles resplandece o rosto do Redentor, porque é este a verdadeira mensagem que Deus envia aos homens, é este o

verdadeiro conteúdo do anúncio missionário. Evangelizar, “proclamar a Boa Nova a toda a criação” (Mc 16,15), “é um mandato dado por Deus a todo cristão e a razão de ser da Igreja” (EN 14).

Gaudium et Spes enfatiza que: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias do homem de hoje, sobretudo dos pobres os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”(GS 1). A Igreja vive os sinais do Reino quando “chora” com os que choram, “sofre” com os que sofrem. Na medida em que ela for despojada de seus privilégios e poder, poderá partilhar melhor a sorte dos perdedores e também do destino de Jesus. Um dia, será consolada por Deus. Como discípulos e seguidores de Jesus, devemos estar sempre atualizando a memória da Igreja que ao longo da história sofreu hostilidade e perseguição por causa da justiça, sem fugir do martírio, e optando pelas vítimas e pelos excluídos, conheceu a cruz de Cristo. Isto não é somente recordação do passado e que nada tem a ver com o presente. A Igreja, pela ação do Espírito Santo, sempre é interpelada a atualizar a mensagem de Jesus e a ser fiel em cumpri-la. A sociedade atual tem necessidade de comunidades cristãs marcadas pelo espírito das bem-aventuranças. Só uma Igreja fiel ao Evangelho terá credibilidade para mostrar o rosto de Jesus aos homens e mulheres de hoje.

A partir do Concílio tudo na Igreja aparece marcado por um grande espírito de novidade:

Podemos falar, seguindo seus mesmos documentos, de uma nova eclesiologia, de uma nova compreensão da revelação e da percepção do homem, de uma nova maneira de celebrar a fé, de uma nova maneira de entender os batizados devolvendo-os seu protagonismo ministerial, de uma nova maneira de realizar a atividade missionária, de uma nova maneira de relacionar-se com outras Igrejas e religiões, de uma nova maneira de educar na fé, de uma nova atitude frente aos meios de comunicação social (Cadavid, 1997, p. 103).

Neste contexto é importante o recurso de um novo método teológico-pastoral, o método ver-julgar-agir, ou dos “Sinais dos tempos” – método que utilizaram Medellín,²⁶

²⁶ II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1968). Ao longo do texto vamos usar a sigla DM.

Puebla,²⁷ de alguma maneira Santo Domingo,²⁸ e que Aparecida retoma com força -, que permite relacionar permanentemente fé e práxis cristã, ademais por facilitar o diálogo interdisciplinar com as ciências humana.

O sujeito eclesial passa a ser toda a comunidade (“Igreja somos nós”). Isso é uma dimensão tão importante que o documento de Aparecida vai resgatar afirmando que pelo nosso batismo todos somos missionários. Nossa missão se constitui no testemunho e anúncio gratuito do Evangelho, cuja acolhida redunde na comunhão de todos os saberes humanos. Com o Concílio Vaticano II, se supera o perigo do reducionismo: a salvação não é só religiosa, mas adquire dimensão social e histórica.²⁹

A humanidade pergunta a nós discípulos e seguidores de Cristo que recebemos a missão de anunciar o Reino de Deus. No século XXI é que devemos ser fiéis ao mandato missionário do Senhor: “Serão minhas testemunhas até os confins da terra“ (At 1,8). Assim como a comunidade primitiva derrubou os muros sociais e culturais do império, com humildade e discernimento, também hoje se devem derrubar muros criados pela modernidade, pós-modernidade e pela urbanização. “A Igreja existe para evangelizar” (EN 14). E esta tarefa, ninguém pode suprir, de modo que Igreja, com tudo que a constitui, deve estar a serviço da evangelização. “O anúncio tem prioridade permanente na missão: A Igreja não pode subtrair-se ao mandato explícito de Cristo; não pode privar aos homens da Boa Nova de que são amados e salvos por Deus” (RM 44 b).

Ressaltando a importância do Concílio Vaticano II, o papa João Paulo II expressa: “Representa uma novidade na Igreja, no nível de acontecimento e espírito; novidade que se plasma e expressava através de seus documentos”.³⁰ Esta novidade conciliar reclama novos métodos e novas expressões doutrinárias e pastorais, que por sua vez, solicitam um renovado

²⁷ III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1979). Ao longo do texto vamos usar a sigla DP.

²⁸ IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1992). Ao longo do texto vamos usar a sigla DSD.

²⁹ Conforme o Vaticano II, a salvação constitui um horizonte totalizante: “Trata-se de salvar a pessoa humana e de restaurar a sociedade humana (...). O homem uno e integral: corpo alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS 3).

³⁰ O papa João Paulo II encontrava as raízes da nova evangelização no Concílio Vaticano II (cf. TMA 18-21).

entusiasmo para realizar a missão.³¹ O Concílio se propõe, ainda que não expressamente e textualmente, empreender a tarefa de uma nova evangelização, que possa ajudar a Igreja a ser mais apta para anunciar o Evangelho ao homem de hoje.³² O modelo eclesiológico do Vaticano II – Igreja Povo de Deus – valoriza a dimensão comunitário-carismática, na qual a Igreja compreende que ela não é o Reino de Deus, mas caminha na sua força, é seu gérmen e início (GS 5) e necessita de constante conversão e reforma (GS 8,4; GS 43. 6). O modelo eclesiológico que vinha sendo gestado na América Latina antes do Vaticano II não era o que o Concílio viria adotar, mas, sim, o profético-libertador; porém, recebeu do Concílio plausibilidade e força.

Na opinião de Libânio, (2007), os pontos inovadores do Concílio não foram devidamente implementados, ficando detidos em seu percurso: “toda a rica reflexão teológica sobre os princípios fundamentais da igualdade de todos os cristãos pelo batismo, a necessidade de participação colegial em todos os níveis, a valorização das experiências, a liberdade de expressão na Igreja, os ideais democráticos e outros pontos inovadores do Concílio foram detidos em seu fluxo” (p. 35). Longe de ser superado, este modelo missão, foi re-impulsionado em Aparecida, que faz um grande apelo a toda a Igreja que viva “em estado permanente de missão”.

Concluindo, O Concílio Vaticano II, superando o eclesiocentrismo, bem com o dualismo entre o sagrado e o profano, temporal e espiritual, corpo e espírito, afirma que a Igreja, embora sem ser deste mundo, está no mundo, existe para ser mediação de salvação do mundo. Para isso precisa encarnar-se nele, assumi-lo, para tranfigurá-lo e redimi-lo.

³¹ Será posteriormente o papa João Paulo II quem dará formulação explícita e programática a esta atitude conciliar: “novo ardor, novo método, novas expressões”. JOÃO PAULO II. “Discurso a los obispos del CELAM en la Inauguración de la XIX Asamblea Ordinaria”, Port au Prince, Haiti, 9 de marzo de 1983. En: (CEPAL, 1992, p.12).

³² A expressão nova evangelização, como tal, será cunhada propriamente por Medellín (cf. MEDELLÍN: “Mensaje a los pueblos de América Latina”. En: CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO. Río, Medellín, Puebla, Santo Domingo. Santafé de Bogotá: 1994, p. 91); Puebla a menciona também ao fazer referência às novas mudanças socio-culturais e ao reclamar também uma nova evangelização (cf. DP 366).

2.3. O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO DO CRISTO RESSUSCITADO NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO

Nos tempos atuais em que cada vez mais as Conferências Episcopais, estão sendo considerados meros órgãos administrativos ou consultivos, e sem autoridade doutrinal, queremos ressaltar a grande contribuição teológica e pastoral que a Conferência Episcopal Latino-Americano tem dado nestes últimos 40 anos.

Congar, (1962), preconizava que o significado mais promissor do Vaticano II, seria a articulação do episcopado:

As Conferências Episcopais surgiram como que numa geração espontânea e, antes do Concílio, estavam privadas de sólido fundamento teológico. Além das Conferências Episcopais, pôde-se notar no Concílio a formação de grupos para além das fronteiras nacionais, como a “Igreja dos Pobres”, o do “Bloco centro europeu” – os Bispos estavam aprendendo a se organizar enquanto grupo e, assim, estruturam melhor a comunhão (p. 76).

É oportuno lembrar que estas Conferências dos bispos são convocadas pelo Papa, e, ao serem concluídas, é publicado um documento sobre os temas nelas tratadas e uma breve mensagem.³³

Cadavid, (2010), ressalta como a Igreja Latino-Americana foi tomando consciência de sua identidade:

Fruto da tomada de consciência da profunda vivência religiosa e da riqueza cultural de nossos povos, a Igreja latino-americana e caribenha começou, aproximadamente a cinqüenta e cinco anos, a tornar-se consciente de sua própria identidade e ocupar um lugar de importância dentro da Igreja universal. Durante todo este tempo ela vem transmitindo uma palavra própria e tem traçado, através das cinco Conferências Gerais de seu Episcopado, um caminho pastoral tão rico e criativo, que sua presença já é inconfundível no concerto da Igreja Universal que detêm uma caminhada de mais de dois mil anos (p. 5).

Nossas culturas originárias, com suas línguas, tradições, costumes, crenças e valores, possuem suas respectivas identidades atuais, em que estão sintonizados com

³³ Por isso as Conferências se distinguem claramente dos Sínodos, pois estes são organizados pelas comissões responsáveis da Cúria Vaticana; e, além disso, os Sínodos não publicam documento, mas o trabalho é passado ao Papa que, se acha conveniente, publica um documento pontifício sobre os assuntos tratados.

presente o substrato católico herdado.³⁴ Todas elas estão ameaçadas pelo fenômeno avassalador da globalização que pretende uniformizar tudo³⁵.

Faz-se necessário ressaltar a mudança profunda em questão de interpretação teológica que acontece no Vaticano II. Em relação à missão, o Vaticano II toma um novo posicionamento. Para compreender, é elucidativo levar em conta os dois paradigmas teológicos distintos presentes na história da Igreja: um bíblico-semita e o outro greco-latino.

Segundo Brighenti, (2008), se trata da tradição irineana (Irineu de Lion) e da tradição Agostiniana (Agostinho de Hipona):

Eles se configuraram no período patrístico sendo que o primeiro foi logo eclipsado pela hegemonia do segundo, ainda no mesmo período. Mil e quinhentos anos depois, o Vaticano II, resgatou a tradição Irineana, e eclipsando a Agostiniana. A Encíclica *Deus Caritas est* nos tempos atuais finalmente superará o dualismo grego. Este elemento vai influenciar enormemente os documentos conclusivos das Conferências Episcopais Latino-Americanas (p. 3).

Deve-se destacar que as cinco Conferências realizadas respondem a uma dimensão essencial como é o exercício da colegialidade. A partir desta perspectiva, os bispos

³⁴ Já, em Santo domingo, os pastores reconheciam que os povos indígenas cultivam valores humanos de grande significado (DSD 245); valores que a Igreja defende... diante da força envolvente das estruturas de pecado presente na sociedade moderna (DSD 243); são possuidoras de inumeráveis riquezas culturais, que estão na base de nossa identidade atual (Mensagem da IV Conferência dos Povos da América Latina e Caribe, n. 38); e, a partir, desta perspectiva de fé estes valores e convicções são frutos ‘das sementes do Verbo’; que já estavam presentes e agiam e seus antepassados” (DSD 245); (DA 92). Entre estes valores, Aparecida assinala “a abertura a ação de Deus pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana, a valorização da família, o sentido de solidariedade e a corresponsabilidade no trabalho comum, a importância do cultural, a crença em uma vida ultra-terrena (DSD 245). “Atualmente, o povo enriqueceu ampliadamente estes valores pela evangelização e tem desenvolvido múltiplas formas de autêntica religiosidade popular” (DA 93).

³⁵ Hoje, os povos indígenas e afros estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades, em sua diversidade; em seus territórios e projetos. Algumas comunidades indígenas se encontram fora de suas terras; estas foram invadidas e degradadas, ou não possuem terras suficientes para desenvolver suas culturas. Sofrem graves ataques a sua identidade e sobrevivência, pois a globalização econômica e cultural põe em perigo sua própria existência como povos diferentes. Sua progressiva transformação cultural provoca o rápido desaparecimento de algumas línguas e culturas. “A migração, forçada pela pobreza, está influenciando profundamente nas mudanças de costumes, de relações e inclusive da religião” (DA 90).

souberam intuir o próprio e peculiar da Igreja Latino-Americana e caribe, incorporando, desta maneira, a unidade católica própria do continente.³⁶

Fazendo uma breve memória do passado, tomamos consciência como as cinco Conferências do Episcopado Latino Americano,³⁷ tem orientado e iluminado o vida eclesial, como foram estabelecendo, bases, fundamentos, para o discipulado-seguimento do Cristo ressuscitado. Com exceção da Primeira Conferência que foi pré-conciliar, celebrada no Rio de Janeiro, as outras quatro se realizam depois do Concílio Vaticano II. Elas têm como objetivo o prolongamento e a aplicação dos frutos de este grande Concílio.

Em seu comentário referente às Conferências, Tovar, (2007), ressalta que:

Esta foi claramente a intenção da II Conferência Geral de Medellín, a Igreja se compromete com a solidariedade com os pobres e um faz um protesto contra a pobreza, lutando contra ela e contra as suas causas e as estruturas injustas; também introduz o método “ver-julgar e agir”, que marcará posteriormente a maneira de refletir na América Latina. Em Puebla realizam-se anteriormente muitos debates, se ratificam as orientações de Medellín, se alinha a expressão opção preferencial pelos pobres e continua com o método “ver-julgar e agir”. Em Santo Domingo, que coincide como o V Centenário do “descobrimento” da América, também se ratifica a opção preferencial pelos pobres, porém se abandona o método “ver-julgar e agir”. Em Aparecida o episcopado latino-americano foi posto à prova na sua fidelidade ao Espírito manifestado tão claramente em Medellín. O elemento principal é a continuidade com Medellín (pp.42-43).

Na opinião de Tamayo-Acosta, (2000), as Conferências possibilitaram uma reflexão teológica com um acentuado enfoque na libertação integral do ser humano: “Com Medellín e Puebla, a teologia supera o longo período colonial – durante o período em que foi simples apêndice da neo-escolástica decante –, a mais efêmera etapa desenvolvimentista, e entra na órbita da libertação, como resposta à principal urgência do continente: a transformação das estruturas injustas geradoras de pobreza e opressão das maiorias populares” (p. 44). De

³⁶ Esta perspectiva do Decreto *Ad Gentes* seu número 22: “é, portanto, muito conveniente que as Conferências Episcopais se unam entre si dentro dos limites de cada um dos grandes territórios sócio-culturais, de sorte possam conseguir de comum acordo este objetivo de adaptação”.

³⁷ As cinco conferências gerais do episcopado latino-americano foram: Rio de Janeiro (Brasil 1955), Medellín (Colômbia 1968), Puebla (México 1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (Brasil 2007).

maneira enfática o autor afirma: “as duas Conferências anteciparam em vinte e trinta anos a entrada da Igreja latino-americana no século XXI. Se não fosse por elas, essa Igreja teria ficado não já no século XX – onde cultural e religiosamente apenas esteve -, mas sim, no século XIX” (2000, p. 44).

Em espírito de fé, sabemos que nestes encontros está presente o Espírito Santo, que conduz o discernimento e a mensagem dos bispos. O mesmo Espírito está com cada um de nós para acolher essa mensagem e colocá-la em prática. O documento de Aparecida destaca este elemento tão essencial para que possamos viver autenticamente nossa vida cristã: “O Espírito colocou este germen do Reino em nosso Batismo e faz crescer pela graça da conversão permanente, graças à Palavra e aos sacramentos” (DA 382).

Verificamos que a obra do Espírito se dá, pois, em dois níveis com os bispos e com o povo de Deus e todos devemos colaborar em por as melhores condições para que o único e mesmo Espírito faça seu trabalho em todos. Cada um tem responsabilidade pessoal ante o chamado em seu próprio coração. A obra do Espírito no interior é direta, sem mediação alguma; a obra que passa pela hierarquia é mediata. O Espírito não se contradiz. As aparentes contradições entre a obra interior e a exterior devem ser examinadas com cuidado, com muita oração e estudo, para serem fieis a Deus.

Os novos acentos que oferece Aparecida têm uma concepção de Igreja não como uma instituição já constituída, depois de alguns séculos de vida eclesial, mas sim desde o mesmo começo. Todo batizado recebe de Cristo, como os Apóstolos, o mandato da missão: “Ide por todo mundo e proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado” (Mc 16, 15-16). Pois ser discípulos e missionários de Jesus e buscar a vida “em Ele” supõe estar profundamente enraizado n’Ele” (DA, p. 11). Por ser uma chamada à missão, a vocação cristã já é uma participação na dimensão pastoral da Igreja.

A Igreja é constantemente chamada a viver sua dimensão de discípula e samaritana. Ela “comunidade de pobres pecadores, mendicantes da misericórdia de Deus, congregada,

reconciliada, unida e enviada pela força da Ressurreição de seu Filho e a graça da conversão do Espírito Santo” (DA 100.h). É por isso que deve estar mais aberta a análises profundas das realidades em que vive cada ser humano, desde o contexto social-cultural-económico-religioso (DA 517.b). Para que a Igreja possa ser fiel a sua missão, faz-se necessário estar sempre buscando atualizar a prática de Jesus, caracterizada pelo grande impacto que os sofrimentos dos pobres e dos excluídos causavam nele.

Finalizando, podemos afirmar que a dita “latino-americanização” permitiu um caminho pastoral que continua até hoje, e que tem produzido ricos frutos. Possibilitou o crescimento da Igreja que peregrina nesta parte do Mundo.³⁸ Em essas magnas Assembléias eclesiais, e em seus documentos, os bispos latino-americanos e caribenhos demonstraram um coração sensível para escutar e assumir as vozes provenientes do povo latino-americano e caribenho (Cadavid, 2010, p. 7). Nos seguintes pontos, vamos aprofundar o discipulado e o seguimento de Cristo Ressuscitado em cada Conferência.

2.3.1. Medellín

Nosso propósito, aqui, não é fazer uma ampla abordagem de cada Conferência e suas conclusões. É visitar cada evento, nos limitando a fazer vir à tona o que está relacionado à missão evangelizadora. Demonstrar como o uso da categoria “*seguimento*”, foi sendo insinuado levemente no magistério pastoral dos bispos latino-americanos e caribenhos desde as primeiras Conferências³⁹. Outro objetivo do nosso estudo é identificar pontos de relevância de cada conferência, que continuam sendo atuais e servem de orientação para o seguimento-discipulado-missão em tempos atuais, como a convocação que nos fez Aparecida.

³⁸ “É um caminho que tem seus momentos privilegiados, sobretudo nos acontecimentos chamados “Rio de Janeiro”, “Medellín”, “Puebla”, “Santo Domingo”, “Aparecida”, e nos documentos emanados dos mesmos. Estes recolhem as inquietudes e as esperanças do povo de Deus, descobrem-se os horizontes de compreensão dos problemas e se encontram os caminhos de ação que têm sido delineados nestes últimos cinquenta anos do agir pastoral. É tal a importância que tem adquirido estes acontecimentos e documentos, que parece impossível entender o peregrinar dos cristãos na América Latina e Caribe sem fazer referências a eles” (Cadavid, 2010, p. 7).

³⁹ Cf. Medellín, Introducción 5; (DP 188, 211, 918, 939, 1183); (DSD 6, 46, 279).

Queremos destacar que nenhum documento conclusivo, emanado das Conferências, desenvolve algum tratado ou discurso sistemático sobre qualquer das disciplinas teológicas. Eles são nitidamente documentos pastorais, com acentos teológicos pontuais. Entretanto, esta constatação não descarta a possibilidade que possamos encontrar nas Conferências e em seus documentos, alguns elementos e acentos teológicos, umas vezes de maneira compacta em alguns numerais e outras, disseminados ao longo dos documentos (Cf. Cadavid 2010, p. 117).

Para entender Medellín começamos situando o evento da Segunda Conferência dos Bispos da América Latina e Caribe em seu contexto, “pois foi o Concílio Vaticano II que nos ajudou a tomar consciência de que o mundo é constituído da Igreja. Não é o mundo que está na Igreja, mas é a Igreja que está no mundo” (Leonardo Boff, 1984, p. 27).

Segundo, do ponto de vista eclesial, Medellín só foi possível, por um lado, graças a segmentos da Igreja no Continente, estreitamente sintonizados, com os desafios do contexto social e, portanto, graças à reviravolta provocada pelo Concílio Vaticano II, as práticas eclesiais inovadoras e um grupo de bispos visionários que se propuseram à ousadia de fazer uma “recepção criativa” do Concílio no contexto social e eclesial da América Latina e Caribe (Cf. Beozzo, 1988, p. 784).⁴⁰

A idéia da II Conferência, de Medellín, surgiu precisamente no Concílio Vaticano II, e Paulo VI a convoca em 20 de janeiro de 1968. Ele faz a abertura em Bogotá da II Conferência e dois meses mais tarde aprova suas conclusões. A Conferência de Medellín tem sua temática expressa no seu título: “*A Igreja na atual transformação da América Latina*”.

Segundo Cadavid, (2010), “a conferência e seu documento não foram uma mera aplicação do Vaticano II, mas sim um desenvolvimento criativo do espírito do Concílio em e para as circunstâncias histórico-sociais do continente” (p.118). Os bispos deixaram-se

⁴⁰ É reconhecido o trabalho que exerceram, neste momento, bispos como Dom Hélder Câmara, no Brasil; Dom Manuel Larraín e o Cardeal Silva Henrique, no Chile; Dom Proaño, no Equador; Dom Samuel Ruiz e Mendes Arceo, no México; Dom Boragim, no Paraguai; Dom Geraldo Valencia, na Colômbia; Dom José Dammert e o Cardeal Landázuri no Peru, (citados por Comblin, 2000, p. 816).

interpelar: como evangelizar, na América Latina à luz das orientações conciliares? Buscando um seguimento mais autêntico de Jesus Cristo para responder a questão central, realizaram-se vários estudos da realidade latino-americana (Oliveros, 2007, p. 26).

Estes estudos sobre a realidade latino-americana contribuíram para a formação crítica da consciência. Oliveros, (2007), ressalta que: “Os leigos e clérigos se deixaram conduzir pelos ‘sinais dos tempos’. Oportuna e inspiradora encíclica *‘Populorum Progressio’* incentivou ainda mais este processo. Nas Igrejas locais dos países latino-americanos, grupos de cristãos, tanto de leigos como de clérigos, se envolveram na tarefa de auscultar os ‘sinais dos tempos’ e à luz da fé se comprometeram na transformação da realidade” (p. 26).

Nesta busca de viver mais radicalmente os valores do Evangelho, paulatinamente os bispos foram abrindo os olhos para a realidade histórica, encontram-se com as maiorias empobrecidas e carentes da América Latina: os indígenas, os lavradores, os moradores das periferias urbanas. É por isso que em todo trabalho, nos escritos da Conferência, aparece de maneira contundente à realidade desumana e injusta dos pobres.⁴¹ Ao discerni-la, ficou claro que esta realidade em que vivem é uma situação pecaminosa, que deveria ser superada, pois não é conforme o projeto de Deus (Oliveros, 2007, p. 26). Nesta abertura à ação do Espírito Santo, está contida a “experiência fundante” na fé que explica o clamor profético de Medellín. As conclusões da Conferência, particularmente as referentes à: Pobreza, Paz e justiça e Pastoral de conjunto dão um forte destaque sobre este aspecto.

Queremos enfatizar a relevância que teve o esforço e fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo no espírito das bem-aventuranças, que voltou a colocar os pobres e sua libertação com centro de sua vida e da sua missão⁴² optando, surpreendentemente e

⁴¹ A América Latina, naquele momento, tinha 268 milhões de habitantes. 60% de seus países estavam governados por ditaduras. O crescimento econômico era de 6 US/ ano por habitantes, enquanto que na Europa era de 60 e em Estado Unidos de 150. Havia 150 milhões de latino-americanos subnutridos 50 milhões de analfabetos adultos e 15 milhões de famílias sem teto (Cadavid, 2010, p. 37). Diante de tal realidade, era necessária uma profunda reforma social no continente.

⁴² Na perspectiva de Medellín se compreendeu que o lugar privilegiado para se escutar e alimentar à Palavra de Deus é o pobre. São eles os destinatários privilegiados do Evangelho. Um bom grupo de pastores cristãos,

profeticamente, pelos pobres e por sua libertação, para que estes sejam os primeiros e os principais destinatários portadores do Evangelho (Oliveros, 2007, p. 26).

Em Medellín começou a expressar-se, como magistério pastoral do episcopado católico latino-americano, uma nova consciência de Igreja. Nos processos históricos destes povos indo-afro-americanos se recuperou a dubla audácia evangélica de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo aos pobres e oprimidos (cf. Lc 4, 14-22) e deixar-se evangelizar por eles (Cabestrero, 1999, p. 59).

A cristologia elaborada no continente se lançou na busca do Jesus histórico, fazendo a chamada “opção pelo Jesus histórico”. Buscava-se no Jesus histórico através de sua prática libertadora, encontrar as opções históricas que Ele realizou. Esta deveria ser a mesma opção de todo cristão comprometido com a causa de Jesus. A opção mais certa que Jesus realizou segundo esta reflexão cristológica, foi sua opção pelos pobres e por sua libertação. O discipulado e seguimento de Jesus estavam configurados na prática libertadora em favor dos pobres (Cadavid, 2010, p. 121). Buscava-se privilegiar a história de Jesus para o homem latino-americano, sem detrimento do dogma eclesial.⁴³

Na segunda metade do século XX e após o Concílio Vaticano II, desenvolveram-se várias cristologias. Entre elas nasceu a Teologia da Libertação,⁴⁴ a cristologia da libertação latino-americana. Essa cristologia insere-se no grande movimento da volta ao Jesus histórico. É inegável a influência que esta teologia exerceu, de maneira explícita ou implícita, na reflexão dos bispos e em suas decisões pastorais nas últimas quatro Conferências.

deu o seu amplo saber e experiência, como Marcelo Barros. Na Igreja Católica, Carlos Mesters se sobressaiu neste serviço.

⁴³ “Deve ser assinalado que a cristologia que se desprendeu desta opção por Jesus histórico, não esteve isenta de parcialidades e reducionismos cristológicos, que tiveram sua expressão em uma visão, às vezes, marcadamente politizada, que encerrava a Jesus nos reduzidos marcos de uma libertação terrena sem nenhum sinal transcendente” (Cadavid, 2010, p. 121).

⁴⁴ Neste mesmo cenário, apareceu oficialmente, em 1972, a chamada “Teologia da Libertação”, que se perguntava sobre a maneira de ser cristão em um continente de maiorias pobres e oprimidas. Eram três os pressupostos básicos: a opção pelos pobres, a unidade da história, e o primado da práxis (Cadavid, 2010, p. 47).

A seguir, em algumas linhas apresento alguns elementos relevantes que são de grande atualidade no discipulado e seguimento de Jesus Cristo, que tanto nos interpela em tempos atuais.

No que se refere à pobreza e injustiça social, diz o Documento de Medellín: “existem muitos estudos sobre a situação do homem latino-americano. Em todos se descreve a miséria que marginaliza a grupos humanos. Esta miséria como fato coletivo, é uma injustiça que clama aos céus” (DM, Justiça 1). Diante desta realidade o documento faz um chamado: “O episcopado latino-americano não pode ficar indiferente diante das tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria dos nossos povos em uma dolorosa pobreza que se aproxima, em muitíssimos casos, à miséria desumana... Um clamor surdo brota de milhões de homens pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte” (DM, Pobreza 1.2).

Outro tema que continua atual é sobre a vivência e urgência de serem construtores da paz. “A América Latina se encontra, em muitos lugares, em uma situação de injustiça que se pode chamar de violência institucionalizada. Tal situação exige transformações globais, audazes, urgentes e profundamente renovadoras” (DM, Paz 16). “São situações injustas promotoras de tensões que conspiram contra a paz” (DM, Paz 1).

As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) receberam um grande reconhecimento em Medellín: “Uma Igreja que renova as suas estruturas e se rejuvenesce nas CEB's”: A proposta evangelizadora e eclesial de Medellín foram as CEB's. Nelas os pobres teriam a sua própria universalidade da fé, a conscientização da sua situação e das causas da mesma, aprenderiam a se organizar e a atuar na sua realidade sócio-eclesial (DM Pastoral de Conjunto 10-12).

Finalizando, é importante lembrar a ênfase que foi dada à leitura dos sinais dos tempos. Reconheceu-se esta leitura como um kairós do Espírito, onde a Igreja se compreende, na sua vida e na sua missão, a partir do pobre e da sua libertação. Por isso, Medellín marcou um antes e um depois na história da Igreja latino-americana. Por

fidelidade ao Espírito do Senhor e aos pobres, chegou-se a viver o testemunho de uma Igreja Martirial na América Latina.⁴⁵

2.3.2. Puebla

Naquela situação sócio-eclesial, o Papa Paulo VI escutando, as diversas vozes que surgiam da nossa América Latina e o próprio ritmo da frequência das Conferências, convocou uma terceira conferência geral do episcopado latino-americano, a fim de dar impulso à evangelização na América Latina.⁴⁶

A Conferência se realizou de 27 de janeiro a 12 de fevereiro de 1979 em Puebla de los Ángeles-México. O Papa João Paulo II fez-se pessoalmente presente na inauguração, oferecendo as primícias de seu pontificado. Estiveram presentes 356 participantes, cujo tema foi: “*O presente e o futuro da evangelização na América Latina*”.

Seguindo a rica experiência do final do Concílio e de Medellín, o método escolhido para tratar os temas, assim como do conjunto do documento, foi o ver-julgar-agir. Dentro deste modelo de comunhão e participação, se tinha plena consciência da necessidade da presença dos leigos na missão evangelizadora e se constatava que tal presença na Igreja era já maior e ativa (cf. DP 125, 777).

Em seu comentário referente à Conferência, Oliveros, (2007), recorda que: “Com força e clareza, a Conferência de Puebla confirmou e assumiu as grandes orientações de Medellín, na intenção de ser a Igreja dos pobres” (p. 30). (...) Em Puebla, passou-se da etapa das “experiências pastorais” para elaboração de um projeto pastoral, centrado na urgência de implementar uma evangelização libertadora (2007, p. 30).

⁴⁵ “Ao longo e ao largo da América Latina, a vida cristã renovada e profética, fiel à opção pelos pobres e por sua justiça, foi consagrada no sangue dos mártires e vitimados pelo compromisso evangélico com a fé, com os pobres e a com justiça, cuja memória é conservada por nossos povos e Igreja” (Oliveros, 2007, p. 29).

⁴⁶ A palavra evangelização vem sendo usada como sinônimo de missão da Igreja desde a década dos anos 70. Foi determinante para isto o sínodo universal do ano de 1974, que tomou esta expressão como eixo central de seu trabalho. Paulo VI, com sua própria contribuição, publicou a importante exortação apostólica “*Evangelii Nuntiandi*” (o anúncio do Evangelho), em que se sublinha que a “a Igreja só tem sentido e razão se ser na evangelização: a Igreja existe para evangelizar (EN, 14).

O esforço em responder a um seguimento autêntico de Jesus Cristo, leva aos pastores reunidos em Puebla a proclamarem: “Temos razões gravíssimas para apresentar a evangelização libertadora, não só porque é necessário recordar o pecado individual e social, mas também porque, de Medellín para cá, a situação se agravou na maioria dos nossos países” (DP 487). Em Puebla os bispos recordam que a evangelização libertadora se fundamenta no amor a Deus e ao próximo: “Se alguém disser: ‘amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é um mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1 Jo 4,20).

Na primeira parte, referente ao desígnio de Deus sobre a realidade de América Latina, os bispos explicitam que o eixo central de toda evangelização deve ser a pessoa de Jesus Cristo: “Devemos apresentar a Jesus de Nazaré partilhando a vida, as esperanças e as angústias de seu povo e mostrar que Ele é o Cristo, professado, proclamando e celebrado pela Igreja” (DP 176). Constatamos que o documento faz um chamado a todos os fieis que acolham esta doutrina que eles chamam de “libertadora”: “Seu próprio destino temporal e eterno está ligado ao conhecimento na fé e ao seguimento no amor, Daquele que pela efusão de seu Espírito, nos capacita para segui-lo, e a que chamamos que é o Senhor e Salvador” (DP 180). Esta ênfase na centralidade da pessoa de Jesus Cristo, destacando a natureza humana e divina de Jesus, foi um elemento fundamental para corrigir certas interpretações distorcidas que estavam em voga neste período.

O Documento lembra que pela novidade do batismo os latino-americanos são chamados a serem homens novos. E motiva para que todos testemunhem em suas vidas um seguimento radical: “Assim para que possam de modo original, próprio, incomparável, exige um seguimento radical que abarca todo o homem, a todos os homens e envolve a todo o mundo e a todo o cosmos. Esta radicalidade faz que a conversão seja um processo nunca acabado, tanto a nível pessoal como social. Porque, se o Reino de Deus passa por realizações históricas, não se esgotam, nem se identifica com elas” (DP 193).

Um dos elementos importantes que devemos salientar é que os bispos do Continente dão fundamento cristológico na opção pelos pobres. Eles assinalam que por meio de Jesus

Deus com especial ternura quis identificar-se com os mais fracos e pobres (cf. DP 196) e por isso, a opção que se faz por eles permite, por uma parte, uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres (cf. DP 1140-1143) e, por outra, o serviço a eles é o meio privilegiado, ainda que não excludente, de nosso seguimento de Cristo (cf. DP 1145).

Assim Puebla, na sua exposição, agrega magistralmente os aspectos cristológicos que podiam conforme a interpretação ser separados e que causavam tensões: divindade e humanidade (cf. DP 175); o Jesus da história e o Cristo pregado pela Igreja (cf. DP 176), o Jesus evangelizador e o Jesus realizador do Reino (cf. DP 177); o Jesus revelador do mistério trinitário (cf. DP 188) e ao mesmo tempo o inspirador de profundas mudanças sociais (cf. DP 174); o Jesus que não se pode reduzir ao líder político, porém tão pouco ao campo da consciência individual ou ao meramente privado (cf. DP 174, 178).

Puebla explicita então que Jesus é nosso mediador, é o caminho que nos conduz ao Pai: “Por Cristo, com Ele em Ele, entramos a participar na comunhão de Deus. Não há outro caminho que leve ao Padre. Ao viver em Cristo, chegamos a ser seu corpo místico, seu povo de irmãos unidos pelo amor que derrama em nossos corações o Espírito. Esta é a comunhão a que o Padre nos chama por Cristo e seu Espírito” (DP 214). Aqui temos elementos de uma cristologia ascendente. A vida de Jesus e sua prática e ação libertadora a serviço do Reino, nos dá uma ideia de como é Deus Pai, e como que podemos viver em comunhão com Deus e com os irmãos e a natureza.

Toda a Igreja é chamada a viver um estado permanente de conversão, dando testemunho de um autêntico seguimento de Jesus: “A Igreja se converte cada dia à Palavra de verdade; segue a Cristo encarnado, morto e ressuscitado, pelos caminhos da história e se faz servidora do Evangelho para transmiti-lo aos homens como plena fidelidade” (DP 349). Envia como missionários aos que receberam o Evangelho, com a ânsia de que todos os homens sejam oferecidos a Deus e que todos os povos o glorifiquem (Rom 15,16). “O Povo de Deus com todos os seus membros, instituições e planos existem para evangelizar. O dinamismo do Espírito de Pentecostes o anima e o envia a todas as gentes” (cf. DP 348).

O documento conclama para que os religiosos (as) que vivendo e participando da realidade de nosso mundo e de nossa história que a partir de seu estilo vida, possam seguir crescendo no seguimento radical: “Chamados ao seguimento radical de Jesus Cristo pelo Senhor” (cf. Mt 4, 18-21), se comprometem a segui-lo radicalmente, identificando-se com Ele “desde as bem aventuranças”, como assinalou o papa João Paulo II: “Não esqueçam nunca que para manter um conceito claro de valor de vossa Vida Consagrada necessitáreis uma profunda visão de fé que se alimenta e mantêm com a oração” (cf. PC 6).

Outro elemento que deve ser sublinhado é o fato de que Puebla chama com vigor a participar decididamente a favor dos Direitos Humanos em diversos níveis: pessoais, nacionais e internacionais. É oferecida, assim, a colaboração da Igreja na construção de uma sociedade pluralista, justa e fraterna, centrada na pessoa humana (DP 1206-1293). Nas palavras de Libânio, (1995), no documento de Puebla atravessa a grave preocupação pela dignidade humana em dois movimentos. “O texto expressa vigoroso repúdio e acerba crítica as terríveis violações dos direitos humanos, a agressão escandalosa contra a dignidade humana, existentes no nosso continente” (p. 88).

Cadavid, (2010), ressalta que: “A partir de 1968, verificamos que a situação sócio-política do continente se faz mais complexa e difícil. Ainda mais se aprofundaram a brecha entre ricos e pobres, vão se proliferando as ditaduras, os regimes militares e os modelos econômicos acentuam ainda mais a situação de miséria e dependência” (p. 47). Aumentam os movimentos de leigos e de sacerdotes cada vez mais comprometidos no campo sócio político.⁴⁷ Acentuava-se a violação dos direitos humanos, começando uma época de perseguição e de todo tipo de violência. Qualquer solidariedade com os pobres era motivo de perseguição e até de morte. Muitos cristãos foram tachados como comunistas por suas opções em favor dos pobres.

⁴⁷ “Muitos destes movimentos fizeram, opções explícitas pelo socialismo, o marxismo e até pela guerrilha, fruto talvez de uma inadequada e parcializada leitura do documento conclusivo de Medellín” (Cadavid, 2010, p. 47).

Na história recente de nosso Continente, não houve uma profunda evangelização, mas uma cristianização – ou seja, foi importado para nossas terras o modelo eclesiológico⁴⁸ de Roma. Na primeira evangelização não existe ainda uma práxis de comunidade cristã que dê testemunho da eficácia do Evangelho. Quando se dá a contradição entre fé e justiça, por abuso dos cristãos ante aos indígenas, os missionários assumem a defesa dos direitos humanos, e esta defesa é parte de sua missão evangelizadora. Puebla recorda aos “intrépidos lutadores pela justiça, evangelizadores da paz... que defenderam os índios ante conquistadores e encomendares” (cf. DP 8).

Em nível sócio político, Puebla fez três grandes denúncias proféticas: o capitalismo, as ditaduras e o coletivismo marxista. Estas três ideologias, que se fazem presentes no continente com seus respectivos projetos políticos, não respeitam os mais elementares direitos humanos. Diante de tal realidade, o discípulo de Jesus é chamado a se comprometer pacificamente no estabelecimento da justiça, a liberdade e os direitos humanos, na busca da promoção humana e da libertação integral, colocando em prática uma autêntica evangelização libertadora (cf. DP 506-562). É uma chamado para que a vivência de fé, para que toda a ação pastoral seja sócio-transformadora, unindo fé e vida.

Concluindo, em Puebla encontramos um fortalecimento e um impulso no seguimento de Jesus Cristo. O documento ressalta Jesus Cristo como o ponto essencial de toda evangelização e como referência do viver de todo cristão. Aparecem de maneira bastante associadas à promoção humana com a evangelização, possibilitando assim uma maior clareza na reflexão teológica e a ação pastoral no continente. Enfatiza que toda a ação pastoral, deve ter como centralidade a construção do Reino de Deus.

⁴⁸ Chamamos modelos de Igreja os diversos modos de ela realizar sua missão no mundo. A Igreja realiza o Reino de Deus na história, salvando a história. Contudo ao longo do tempo, percebemos que a Igreja é circunscrita por horizontes determinados e experiências específicas, necessitando, portanto, de uma reflexão sociológica experimental ao lado das fundamentações teológicas (Parra, 1991, p. 68ss).

2.3.3. Santo Domingo

Os desafios do contexto social, o ritmo de frequência destas Conferências e, em particular, a reflexão e a celebração dos 500 anos da chegada de Colombo à América, mostraram a necessidade de uma nova conferência geral do episcopado latino-americano. Por isso, em 1987, João Paulo II a convoca. A sede seria Santo Domingo, por ser a Ilha aonde Colombo e os primeiros evangelizadores chegaram. Em 1990, o Papa define o tema: *“Nova Evangelização, Promoção humana e Cultura Cristã”*, com o lema: *“Jesus Cristo ontem, hoje e sempre”*. É importante ressaltar que esta Conferência seria a última Conferência antes do século XXI, em que mais da metade dos católicos do mundo viverão na América Latina.

Salientamos que, apesar das dificuldades vividas naquele contexto eclesial, a maioria dos bispos participantes se manifestou a favor de se levar adiante o processo evangelizador e o modelo eclesial emanado do Concílio Vaticano II e das Conferências de Medellín e Puebla: *“Renovamos a nossa vontade de levar adiante as orientações do Concílio Vaticano II, aplicadas nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano celebradas em Medellín e em Puebla, atualizando-os através das linhas de pastorais traçadas na presente Conferência”* (cf. DSD 290). Esta postura, da maioria dos bispos permite uma continuidade das orientações pastorais tão valiosas, que vão ser traduzidas em expressões e terminologias centradas na pessoa de Jesus Cristo.

Ao longo do documento aparece com insistência à profissão de fé em Jesus Cristo, foi um dos elementos prioritário da IV Conferência (cf. DSD 1-3, 287-287, 303). Cristo é proclamado como *“Evangelho do Padre”*, enquanto Ele em sua pessoa síntese e encarnação permanente da mensagem. Essa confissão de fé, que está vinculada ao testemunho apostólico que se encontra no Novo Testamento (cf. DSD 11), e quer estar em comunhão com a Igreja Universal de hoje (cf. DSD 12). Esta confissão de fé deve ser vivida de maneira encarnada, no contexto latino-americano e caribenho em que se encontram forças de morte. Por essa razão, dita confissão possui uma carga libertadora e salvadora do homem deste continente (DSD 10, 12, 127, 157). Em Santo Domingo, profissão de fé e seguimento

de Jesus Cristo existe laços muito estreitos. Aqui aparece o manifesto cristológico ressaltando que toda evangelização tem como centralidade a pessoa de Jesus Cristo.

Trata-se da confissão de fé de uma Igreja que se sente urgida a realizar uma nova evangelização como resposta, por uma parte, a “delicada e difícil situação na que se encontram os países latino-americanos”, e, por outra, ao desafio do diálogo entre Evangelho e os distintos elementos que conformam nossas culturas para purificar-las e aperfeiçoá-las a partir de dentro, com o ensinamento e o exemplo de Jesus (cf. DSD 22; 24).

De maneira clara e objetiva Santo Domingo estabelece o seguimento de Jesus: “Cristo é a origem e a garantia do homem, e sua práxis histórica é modelo de unidade entre evangelização e promoção humana (cf. DSD 159), pois o seguimento de Jesus significa comprometer-se a viver segundo seu estilo, a buscar a coerência entre fé e vida” (Cadavid, 2010, p. 126). Os bispos novamente reafirmam em Santo Domingo a opção pelos pobres que já haviam feito em Medellín e Puebla, pois estão convencidos que a tarefa de todo cristão é ser e fazer como Jesus fez.⁴⁹ Como em Puebla, Santo Domingo coloca como meta principal da caminhada eclesial o Reino de Deus, na qual a centralidade da vida dos fiéis não é mais a Igreja, mas o Reino de Deus, mais especificamente o compromisso com os pobres e marginalizados.

Em seu discurso inaugural o Papa João Paulo II faz uma interpelação: “Nós homens de qualquer época e de qualquer cultura, aproximando-nos d’Ele mediante a fé e a incorporação ao seu Corpo, que é a Igreja, podemos encontrar a resposta àquelas perguntas, sempre antigas e sempre novas, que se nos apresentam, no mistério da nossa existência, e que de modo indelével levamos gravadas em nosso coração desde a criação e desde a ferida do pecado” (DI, 6). O Papa ressalta a importância da pessoa de Jesus, como uma resposta

⁴⁹ O Documento nos diz: “Evangelizar é fazer o que fez Jesus Cristo, quando na sinagoga demonstrou que veio evangelizar aos pobres (cf. Lc 4, 18,19). Ele ‘sendo rico de fez pobre para enriquecer-nos com sua pobreza’ (2 Cor 8,9). Ele nos desafiou a dar um testemunho autêntico de pobreza evangélica em nosso estilo de vida e em nossas estruturas, tal qual ele deu. Esta é a fundamentação que nos compromete em sua opção evangélica e preferência pelos pobres, firme e irrevocável, mas não exclusiva em excludente, tão somente afirmada nas Conferências de Medellín e Puebla. Sob a luz desta opção preferencial, a exemplo de Jesus, nos inspiramos para toda a ação evangelizadora comunitária e pessoal” (DSD 178).

para todo ser humano, ante suas angústias e crises existências.

Todos os cristãos pela ação do Espírito Santo são interpelados a fazer uma opção fundamental em suas vidas vivendo a lei do amor: “Identificados com Cristo que vive em cada um” (cf. Gl 2,20) e conduzidos pelo Espírito Santo, os filhos de Deus recebem em seu coração a lei do amor. Desta maneira podem responder à exigência de serem perfeitos como o Pai que está no céu (cf. Mt 5,48), seguindo a Jesus Cristo e carregando a própria cruz, a cada dia, até dar a vida por Ele (cf. Mc 8,34-36); (cf. DSD 10).

Santo Domingo ressalta a importância da ação humana, como instrumento de transformação das estruturas do nosso continente: “O homem é chamado a colaborar e ser instrumento com Jesus Cristo na Evangelização na América Latina, continente religioso e sofrido, urge uma Nova Evangelização que proclame inequivocamente o Evangelho da justiça, do amor e da misericórdia” (cf. DSD 13). Jesus Cristo é, com efeito, a medida de toda cultura e de toda obra humana. A inculturação do Evangelho é um imperativo do seguimento de Jesus e é necessária para restaurar o rosto desfigurado do mundo (LG 8). Trabalho que se realiza no projeto de cada povo, fortalecendo sua identidade e libertando-o dos poderes da morte. Por isso podemos anunciar com confiança: homens e mulheres da América Latina abram os corações a Jesus Cristo. Ele é o caminho, a verdade e a vida, quem o segue não anda nas trevas (cf. Jo 14,6; 8,12) (DSD 13).

Para fazer frente às necessidades concretas em que vivem nossos povos, o Papa João Paulo II em seu discurso inaugural apresenta alguns desafios que se apresentam a Igreja nesta hora de evangelização: “A Vossa Assembléia deverá delinear a fisionomia de uma Igreja viva e dinâmica que cresce na fé, se santifica, ama e sofre se compromete e espera em seu Senhor” (cf. DI 25). O ardor apostólico da Nova Evangelização brota de uma radical conformação com Jesus Cristo, o primeiro evangelizador. Assim o melhor evangelizador é o santo, o homem das bem-aventuranças (cf. RM 90-91). Uma das principais características desta nova evangelização é a inculturação: “A uma meta da Evangelização inculturada será sempre a salvação e libertação integral de um determinado povo ou grupo humano, que fortaleça sua identidade e confie em seu futuro específico,

contrapondo-se aos poderes da morte, adotando a perspectiva de Jesus Cristo encarnado, que salvou a vida de todos partindo da fraqueza, da pobreza e da cruz redentora” (cf. 243).

Nesta Nova Evangelização exige uma Igreja nova e evangélica: A Igreja é comunidade santa (cf. 1Pd 2,9), em primeiro lugar, pela presença nela do Cordeiro que a santifica por seu Espírito (cf. Ap 21,22s; 22,1-5; Ef 1,18; 1Cor 3,16; 6,19; LG 4). Por isso, seus membros devem esforçar-se cada dia por viver, no seguimento de Jesus e em obediência ao Espírito, “como santos e imaculados em sua presença pelo amor” (Ef 1,4). Estes são os homens e mulheres novos de que a América Latina e o Caribe necessitam: os que escutaram com coração bom e reto (cf. Lc 8, 15) o chamado à conversão (cf. Mc 1,15) e renasceram pelo Espírito Santo segundo a imagem perfeita de Deus (cf. Cl 1,15; Rm 8,29), chamam a Deus “Pai” e expressam seu amor a Ele no reconhecimento de seus irmãos (cf. DP 327), “são bem-aventurados porque participam da alegria do Reino dos céus, são livres com a liberdade que dá a Verdade e solidários com todos os homens, especialmente com os que mais sofrem” (cf. DSD 32). Como vemos a missão é o traço fundamental da Igreja, e esta missão se expressa na evangelização, quer dizer, no anúncio e o testemunho de Cristo Salvador, de quem nos vem à libertação do pecado e a reconciliação com Deus.

Seguimento significa pôr-se a caminho como fizeram os apóstolos de Jesus e o faz quando se põe a caminho com o Ressuscitado pelas estradas de hoje. Puebla nos lembra: “É preciso anunciar de tal maneira a Jesus que o encontro com Ele leve ao reconhecimento do pecado na própria vida e à conversão, em uma experiência profunda da graça do Espírito recebido no batismo e na confirmação. Isto supõe uma revalorização do sacramento da penitência, cuja pastoral deveria prolongar-se na direção espiritual de quem mostra maturidade suficiente para aproveitá-la” (DSD 46). Devemos zelar para que todos os membros do povo de Deus assumam a dimensão contemplativa de sua consagração batismal e “aprendam a orar”, imitando o exemplo de Jesus Cristo (cf. Lc 11,1), de maneira que a oração esteja sempre integrada com a missão apostólica da comunidade cristã e do mundo (cf. DSD 47).

No referente à promoção humana Puebla faz uma exigência aos fiéis para possam responder hoje o modo de ser cristão. Nossa fé no Deus de Jesus Cristo e o amor aos irmãos têm de traduzir-se em obras concretas. O seguimento de Cristo significa comprometer-se a viver segundo seu estilo. Esta preocupação de coerência entre a fé e a vida sempre esteve presente nas comunidades cristãs. No capítulo que diz respeito à cultura cristã, os bispos assinalam: “Criados à imagem de Deus, temos a medida de nossa conduta moral em Cristo, Verbo encarnado, plenitude do homem. Já a conduta ética natural, essencialmente ligada à dignidade humana e seus direitos, constitui a base para um diálogo com os não crentes (DSD 231). É justamente na vida vivida que se dá conta da grande novidade da proposta do Evangelho, da beleza da vida cristã, quando se torna verdadeiro seguimento de Jesus Cristo.

O seguimento exige cristãos dinâmicos, que vivam a mensagem do Evangelho e que estejam sempre a caminho: “Pelo batismo nascemos a uma vida nova e recebemos a capacidade de nos aproximarmos do modelo que é Cristo. Caminhar em direção a Ele é a moral cristã; é a forma de vida própria do homem de fé, que com a ajuda da graça sacramental segue a Jesus Cristo, vive a alegria da salvação e abunda em frutos de caridade para a vida do mundo” (cf. Jo 15; *OT*, 16); (cf. DSD 231). O evangelho nos propõe, portanto, a uma nova mentalidade na relação com Deus: “Apresentar a vida moral como um seguimento de Cristo, frisando a vivência das Bem-aventuranças e a frequente prática dos sacramentos. Difundir as virtudes morais e sociais que nos convertam em homens novos, criadores de uma nova humanidade” (DSD 239).

Seguindo os passos das Conferências anteriores Santo Domingo retoma a evangélica opção preferencial pelos pobres (DSD 180, 296, 302). “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para Evangelizar os pobres” (Lc 4, 18). Esta é a fundamentação que nos compromete em uma opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, porém não exclusiva nem excludente...” (DSD 178).

Oliveros, (2007), citando alguns números do documento nos recorda:

Os bispos novamente denunciam o pecado social como o maior mal na América Latina (DSD, 119). O crescente empobrecimento em que estão mergulhados milhões de nossos irmãos e irmãs até chegar aos intoleráveis extremos de miséria é o mais devastador e humilhante flagelo que a América Latina vive. Assim já denunciámos em Medellín e em Puebla e hoje voltamos a fazê-lo com preocupação e angústia... A política de corte neo-liberal que predomina hoje na América Latina e no Caribe aprofunda ainda mais as conseqüências negativas destes mecanismos (DSD 179) (p. 32).

Outro elemento que deve ser ressaltado foi que em Santo Domingo as CEB's mais uma vez foram reconhecidas. "A comunidade eclesial de base é a célula viva da paróquia, entendida como comunhão orgânica e missionária... São sinais de vitalidade da Igreja, instrumento de formação e de evangelização, ponto de partida válido para uma nova sociedade fundada sobre a civilização do amor... Consideramos necessário ratificar a validade das comunidades eclesiais de base" (cf. DSD 61.63).

A preocupação com a promoção humana é sublinhada como parte integrante e dimensão essencial da evangelização. "Entre evangelização e promoção humana existem efetivamente laços muito fortes... como proclamar o mandamento novo sem promover, mediante a justiça e a paz, o verdadeiro, o autêntico crescimento do homem?" (DSD 15).

Ante a falta de respeito aos direitos os pastores reunidos em Santo Domingos escrevem: "Toda violação aos direitos humanos contradiz o plano de Deus e é pecado. A Igreja, ao proclamar o evangelho dos direitos humanos, não se arroga uma tarefa alheia a sua missão, mas ao contrário, obedece ao mandato de Jesus Cristo de que ajudar ao necessitado é uma exigência essencial de sua missão evangelizadora" (cf. 164, 165). Todos os cristãos são chamados através do seguimento de Jesus, contribuir para que os direitos humanos sejam respeitados, pois toda a vida é um dom sagrado e o ser humano é imagem e semelhança de Deus.

Sobre a questão da validade permanente do mandato missionário. Já se percebe de forma nítida uma mudança com respeito às duas Conferências anteriores. O acento agora recai sobre a urgência do anúncio explícito, que ganha uma prioridade não apenas de

ordem, mas também de urgência. A linha motora da Conferência traduz o imperativo de “um novo impulso evangelizador, que ponha Cristo no coração e nos lábios, na ação e na vida de todos os latino-americanos” (DSD, conclusão 3). Vigora no documento uma eclesiologia de tipo universalista e uma cristologia que pende ao cristomonismo. A luz do Espírito fica concentrada praticamente na Igreja, como se sua ação só viesse a se manifestar com a chegada dos missionários (DSD 17).⁵⁰

É importante lembrar que os bispos reunidos em Santo Domingo, também constataam deficiência no que se refere à vida eclesial: “Os agentes de pastorais se sentem cansados e desaminados; muitos cristãos abandonam sua prática pastoral se deixando levar pela indiferença e apatia. Como já tínhamos citado a proliferação das seitas, os meios de comunicação introduzem na vida do povo um estilo de vida distante dos ensinamentos eclesial” (Cadavid, 2010, p. 58). Outro elemento que deve ser ressaltado naquele momento é a força notória que foram adquirindo os diversos movimentos eclesiais, sobre tudo alguns com características conservadores e tradicionalistas (2010, p. 59).

Dadas às circunstâncias em que se desenvolve a Conferência, o documento também apresenta significativas limitações e lacunas:

O método e trabalho de Medellín e de Puebla, tão de acordo com o mistério da Encarnação, ver-julgar-agir, é perdido, e com isto análise da realidade não pode ser trabalhada. A teologia e a perspectiva do Reino de Deus e da Cruz de Jesus Cristo são perdidas. A santidade carece de perspectiva profética. Não se menciona os milhares de mártires recentes. Visão parcial e sem a perspectiva do Povo de Deus no modo de focar a comunidade eclesial de uma ótica hierárquica (Oliveros, 2007, p. 34).

Finalizando, a Conferência de Santo Domingo confirma novamente que no centro de seu ser e missão da Igreja está a pessoa de Jesus Cristo. Ressalta a importância da vivência

⁵⁰ Os bispos sublinham que “as ‘sementes do Verbo’, presentes no profundo sentido religioso das culturas pré-colombianas, esperavam o orvalho fecundante do Espírito” (DSD 17). Como se o Espírito já não estivesse presente mesmo antes da chegada dos missionários. Como indica o documento “Diálogo e Anúncio”, o anúncio evangelizador “não se realiza no vácuo. Porque o Espírito Santo, o Espírito de Cristo está presente e atua entre aqueles que escutam a Boa-Nova, ainda antes de a ação missionária da Igreja se iniciar (DA 68).

de uma confissão de fé vital, que chama a uma conversão contínua e impulsiona a uma nova evangelização. Esta nova evangelização deve ser traduzida em um compromisso pela promoção humana e procura a inculturação do Evangelho levando em consideração a cultura e costumes de nossos povos com traços religiosos tão arraigados. Como método ver-julgar-agir não foi assumido a teologia e a perspectiva do Reino de Deus e da Cruz de Jesus Cristo são perdidas, carecendo a santidade de perspectiva profética.

2.4. O DISCIPULADO E O SEGUIMENTO DO CRISTO RESSUSCITADO EM APARECIDA

A dificuldade que tivemos em encontrar textos explícitos sobre o seguimento nas conferências anteriores, talvez tenha sua explicação na perspectiva diferente de Aparecida e, portanto, que ressaltaria este aspecto como contribuição original, como caminho de uma eclesiologia diferente, mais fundada na totalidade do Povo de Deus pelo batismo que na hierarquia pelo sacramento da ordem. Outro elemento importante que destacamos é o retorno ao Evangelho, e o acento menos institucional, ainda que este seja mantido na segunda parte do documento.

Pouco depois da morte de João Paulo II, o Papa Bento XVI, confirmou a realização da V Conferência. Ficou definido que se celebraria em Aparecida, Brasil, em 2007. Como indica o documento de participação para a conferência, nela se deseja sublinhar e renovar nosso vínculo com Jesus Cristo e o envio, a partir daí, para a missão. Para sublinhar o vigoroso despertar missionário que se espera da Conferência, há o desejo de consolidar e levar adiante por meio do envio a realização de uma grande missão em toda América Latina.⁵¹

Primeiramente o que deve ser ressaltado é que realmente estamos deixando para traz uma época e começando uma nova na história da humanidade. As mudanças tecnológicas e

⁵¹ Documento de Participação, “Rumo à V Conferência de Episcopado da América Latina e do Caribe” no 7º parágrafo da apresentação.

culturais geraram enormes saltos qualitativos, acelerados e acumulativos, com aplicações muito rápidas e variadas em distintos campos da natureza e da vida. A tecnologia quer converter-se no dinamismo auto-regulador da sociedade e no fator mais importante da produção do trabalho. Carriquiry, (2003), afirma: “O desenvolvimento da robótica e da cibernética, a revolução das comunicações, recapitulação da tradição oral e a linguagem escrita dentro de uma civilização audiovisual, o acoplamento do computador como a biologia na evolução biogenética, são algumas manifestações da civilização tecnológica e que estão conectadas com o atual fenômeno da globalização” (p. 27).

Esta realidade vem sendo incorporada por nossa sociedade como uma velocidade imensa, trazendo transformações profundas. Isto tudo afeta a maneira de se organizar de nossas sociedades e comunidades. Hummes, (2004), descreve a estrutura desta nova realidade: “As ciências e tecnologias da informação e intercomunicação cibernética favorece o desenvolvimento globalizado do universo financeiro, da economia, da produção e do mercado, principalmente dentro da nova ordem econômico mundial, de perfil neoliberal, de mercado livre e aberto” (p. 43). Nesta nova estrutura se prioriza a lei do mercado, em detrimento da dignidade humana.

Como novidade, um elemento que deve ser ressaltado. A V Conferência de Aparecida foi realizada num grande centro de romaria. A presença contínua de milhares de romeiros, vindos de muitos estados do Brasil, permitiu que os bispos delegados e os convidados/as não se esquecessem da Igreja Povo de Deus. Igualmente, o fato de acontecer num santuário, com uma história ligada ao povo pobre, escravizado, povo negro, não deixou de ser referência. A segunda novidade esteve no fato de haver um Fórum de Participação, que possibilitou uma referência aos mártires da América Latina e do Caribe, através da presença da Tenda dos Mártires. Este fato foi reforçado com a Romaria realizada entre a cidade de Roseira (São Paulo) e Aparecida, com a participação de 10.000 pessoas, na sua grande maioria jovens, caminhando uma noite toda, tendo como referência a memória das Conferências do Rio de Janeiro (1955), Medellín, (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e, no horizonte, a Conferência de Aparecida.

Estas atividades também ajudam a compreender melhor o alcance da V Conferência. Pode-se, também, destacar a presença de um grupo de teólogos/as, exegetas, pastoralistas e cientistas sociais, e do grupo Ameríndia, que pode colaborar com os bispos na linha da reflexão teológica, bíblica e pastoral. Finalmente, é possível falar que a V Conferência possibilitou a retomada da colegialidade na Igreja latino-americana e caribenha. Mesmo com a forte presença dos representantes da Santa Sé, nota-se um clima de maior liberdade. Isto é importante, pois as Conferências dos bispos da América Latina e Caribe são um exemplar único no mundo.

A este respeito escreve Miranda, (2007):

Este fato significa uma tomada de consciência mais ampla, por parte do episcopado presente, de que a época da cristandade já passou, de que a Igreja não pode se limitar a uma pastoral de manutenção do que já tem e de que, numa sociedade pluralista e secularizada, ela deve ter uma postura mais ativa na proclamação de sua mensagem. Esta idéia de que toda a Igreja é missionária afetará diretamente as pastorais, as estruturas e o posicionamento dos grupos sociais dentro da própria Igreja (p. 1).

É necessário explicitar os elementos cristológicos que se encontram disseminados longo do documento. Vamos tentar recolhe-los procurando dar uma unidade.

O tema foi: *“Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que N’Ele nossos povos, tenham Vida”*, e o lema: *“Eu sou o caminho Caminho, Verdade Vida” (Jo 14,6)*. A reunião se realizou na cidade de Aparecida – Brasil, do dia 13 a 31 de maio de 2007.

O documento apresenta uma estrutura teológica e pastoral harmônica bem centrada. Acertando o passo com a lógica específica da vida de fé, o documento se estrutura articulando os seguintes elementos: fé viva em Cristo a partir de uma experiência de encontro (“discípulos”), fé essa que se irradia no mundo em forma da missão (“apóstolos”) e que se prolonga na sociedade em termos de compromisso pela justiça e pela vida (“para que n’Ele nossos povos tenham vida”).

A categoria chave da relação dos discípulos com o Mestre é do “encontro”. O discipulado no Evangelho não se faz “online”. Supõe sempre o encontro pessoal entre discípulo e Mestre. Porém, como podemos ser hoje discípulos de um Mestre que esteve no mundo faz dois mil anos? Aqui se deve fazer uma distinção entre dois tipos de presença: uma é “física”, quer dizer, comprovável pelos sentidos de ver, ouvir, tocar. São João alude a esta experiência (1 Jo, 1). Porém, existe outra presença “espiritual”, quando o que Jesus ordenou em seu mandato, torna-se parte integral de nossa vida (1 Jo, 2), porque amamos a Deus e aos irmãos.

A cristologia lida a partir da categoria “encontro” têm no documento dois fundamentos: um pré-pascoal, a partir do encontro dos discípulos com Jesus em sua vida histórica, e outro pós-pascoal, a partir do encontro de seus discípulos com o mesmo Jesus já ressuscitado. O pré-pascoal aparece no número 21, que bem se pode considerar um texto cristológico paradigmático. O texto relata que os primeiros seguidores de Jesus foram ao Jordão com a esperança de encontrar o Messias (cf. Mc 1,5), e sentiram atraídos pela sabedoria das palavras de Jesus, pela bondade, pela ternura, pela forma como tratava as pessoas, pelo poder de seus milagres, pelo assombro inusitado que despertava sua pessoa. Os primeiros seguidores de Jesus acolheram o dom da fé e chegaram a ser seus discípulos. Ao sair das trevas e das sombras da morte (Lc 1, 79), suas vidas adquiriram uma plenitude extraordinária, ao serem enriquecidas com o dom do Pai. Eles não esqueceram esse encontro, o mais decisivo e importante de sua vida, que os encheu de luz, de força e de esperança: o encontro com Jesus, sua rocha, sua paz e sua vida (DA 21).

O fundamento pós-pascoal aparece quando o documento recolhe em sua reflexão cristológica alguns títulos neo-testamentários para designar Jesus: Ele é Vivente, que caminha ao nosso lado (DA, 356; DI 4). Ele, morto e ressuscitado, nos oferece o amor vivificador de Deus (DA, 148), e, portanto, Ele é o Salvador da Vida (DA 43, 389). Ele é vida, Ele tem a vida e, a partir dessa condição, quem se encontra com Ele tem plenitude de vida,⁵² vida que não é outra que o dom Pai, quer dizer, Deus mesmo que se entrega, se doa no encontro com Jesus. Por isso, Aparecida proclama categoricamente, em sintonia com a

⁵² A categoria vida, como fruto do encontro com Jesus, aparece mais de 600 vezes no documento.

mais primigênia cristologia, que Jesus, em sua qualidade de Vivente, como Senhor da vida, é o único Libertador e Salvador (DA 6, 22, 30). E, por consequência, Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14, 3), (cf. DA 1,6, 19, 136, 242, 336). A presença, para nós, depois de dois mil anos da morte de Jesus, não é “física”, mas sim, “espiritual”. Temos uma certeza de sua presença, porém não baseado em nossos sentidos, mas na fé. Somos os “bem-aventurados” que sem ter visto cremos. O encontrar-se com Jesus, em seu significado profundo, tem o mesmo sentido de “conhecer” no sentido bíblico.⁵³

Em Aparecida (DA 20-32) encontramos a melhor descrição do que significa o gozo e a alegria de ser discípulos e missionários. A nota do discipulado é a alegria de uma experiência. Os bispos nos convidam a ser uma Igreja alegre, contente; não de uma Igreja que geme debaixo do peso dos problemas e dificuldades, mas sim, que experimenta por dentro a força e energia de Deus, que nos faz capazes de vencer os obstáculos. Para renovar a Igreja latino-americana no espírito de Aparecida, temos que começar por viver a experiência do discipulado “pós-pascoal”, quer dizer a certeza da presença do Mestre que nos vem pelo dom da fé.

Como assinala Clodovis Boff (2007), “à ‘aplicação’ da mensagem do amor de Deus, deve-se que ela seja vivida a plenos pulmões e em todo o tempo. É como uma luz que enche de beleza, energia e calor cada realidade da vida, desde o eros até à vida na pólis. A evangelização objetiva desperta antes de tudo essa paixão mística e esse deslumbramento espiritual” (p.1). Trata-se de um encontro vivo com a pessoa viva de Jesus Cristo. Entender a fé assim constitui uma redescoberta decisiva da V Conferência, pois supera uma idéia de fé entendida como simples aceitação de doutrinas, ou como opção ética, ou ainda como mera tradição cultural, como é em grande parte o nosso catolicismo. Fazendo assim, o episcopado latino-americano se põe em cheio no campo da espiritualidade, a parte mais íntima e vital da fé.

⁵³ “Conhecer” é ter relações íntimas, pessoais: “Conheceu o homem a Eva, sua mulher, a qual concebeu e deu à luz a Caim” (Gn 4,1). Igual sentido tem a resposta de Maria ao Anjo que lhe anuncia que vai ter um Filho: “Como será isto, pois não conheço varão” (Lc 1,34). É o mesmo significado que tem o conhecer na boca de Jesus, quando no evangelho de João diz: “Conheço a minhas ovelhas” e por isso, “dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10, 14-15). No mesmo sentido fala Jesus quando afirma que a vida eterna consiste em conhecer ao único Deus verdadeiro e seu enviado, pois a vida eterna não é outra coisa, segundo suas palavras, que viver na intimidade de Deus e com Deus, compartilhando sua mesma vida divina (Jo 17,3) (Cadavid, 2010, p. 135).

Clodovis Boff, (2007), ressalta a bela unidade que apresenta o documento:

Cada coisa está no seu lugar: a fé em Cristo no começo, como fundamento de tudo; a evangelização como primeiro desdobramento espontâneo dela; e, enfim, a missão social como seu necessário desdobramento ulterior. Este é o ‘fio vermelho’ que permeia todo o documento e lhe dá unidade. É a própria boa-nova do Amor de Deus a ser experimentado, anunciado e projetado na vida. Essa é a ‘prioridade das prioridades’, a prioridade originária e permanente, que a Igreja é chamada a anunciar e a re-anunciar sem descanso. A partir dessa novidade perene, o documento coloca as outras novidades (p.1).

A renovação da Igreja será uma difícil tarefa para os responsáveis. Implica o que se chama no documento de uma conversão pastoral. Esta diz respeito primeiramente à mudança de mentalidade por parte dos bispos, padres, religiosos e leigos. Isso não acontece da noite para o dia, pois exige tempo, paciência e constância. Mas a conversão pastoral concerne também às estruturas eclesiais que deverão possibilitar maior comunhão e participação.

Aqui está a originalidade de Aparecida. Se a dimensão pastoral consiste no amor único de Deus pelo mundo, a ser salvo por Jesus Cristo, esta ação se realiza por uma dupla ação de Jesus, que chama e envia as pessoas ao mundo. O “ser Pastor”, que aparece tanto no Pai como no Filho, passa a ser também, por extensão, uma tarefa para dos discípulos de Jesus. O rosto da Igreja vai depender, e muito, dos que nela têm maior responsabilidade, como também da consciência e empenho de todos nós. Seria muitíssimo importante, após Aparecida, trabalhar nas comunidades cristãs católicas a fé em Deus Amor, incluindo nesta fé e neste amor todos os dramas causados pelo desamor no cotidiano da vida das pessoas e comunidades.

Concluindo, o Concílio Vaticano II, superando o eclesiocentrismo, bem com o dualismo entre o sagrado e o profano, temporal e espiritual, corpo e espírito, afirma que a Igreja, ainda sem ser deste mundo, está no mundo, existe para ser mediação de salvação do mundo. Para isso, precisa encarnar-se nele, assumi-lo, para tranfigurá-lo e redimi-lo.

O Documento de Medellín estabeleceu que a evangelização – que devia estar sempre na relação com os “sinais dos tempos”, já que não poderia ser atemporal nem ahistórica – se devia realizar através do testemunho, tanto pessoal como comunitário, que se expressa de uma maneira especial no contexto do compromisso temporal (Cf. DM, Pastoral de Élités 13; Laicos 11).

Puebla se expressa de maneira semelhante a Medellín, quando afirma que o testemunho das obras, realizadas no contexto da vida latino-americana, é um “sinal” que conduz ao desejo de conhecer a Boa Nova e testemunha a presença do Senhor entre nós (DP 97, 967-968, 970). Por isso, certifica o mesmo Documento conclusivo, o primeiro elemento da evangelização é o testemunho, e condição essencial para a eficácia real da pregação (DP 971). Tal testemunho se manifesta principalmente em relação com os mais pobres, humildes e excluídos.⁵⁴

O Documento de Santo Domingo insiste que “nossa fé no Deus de Jesus Cristo e o clamor aos irmãos tem que traduzir-se em obras concretas” (DSD 160). E, por esta razão, convida a todos os cristãos a realizar obras específicas e definidas que expressem e objetivem a mesma fé. Neste contexto, se pode afirmar, seguindo Santo Domingo, que a evangelização é vida que se testemunha e testemunho que se faz anúncio em favor do homem, sobretudo dos mais pobres e suas culturas (DSD 160, 178, 251).

Igualmente, o Documento de Aparecida abunda em textos em que a fé é concebida primordialmente em seu caráter testemunhalmente prático, como realização de ações concretas que fazem visível o reino e o amor de Deus entre os homens, já que, como afirma o mesmo documento, é em nossas obras que nosso povo sabe que compreendemos sua dor (DA 386). Reconhece este mesmo documento que o testemunho de caridade fraterna é o primeiro e principal anúncio (DA 138) e convida os leigos a participar na ação pastoral da Igreja, primeiro com o testemunho de vida (DA 211).

⁵⁴ Cf. DP 194. O papa João Paulo II, em seu discurso inaugural de Santo Domingo, se expressou com precisão sobre este tema: “A primeira forma de evangelização é o testemunho, quer dizer, a proclamação da mensagem de salvação mediante as obras e a coerência de vida, levando a cabo assim a sua encarnação na história cotidiana dos homens” JUAN PABLO II. Discurso inaugural 29 (cf. EN 41).

CAPÍTULO III

PROPOSTA E LINHAS DE AÇÃO NA VIVÊNCIA DO DISCIPULADO E DO SEGUIMENTO DO CRISTO RESSUSCITADO NA AÇÃO PASTORAL DA IGREJA RESSALTANDO OS LUGARES DE ENCONTRO COM O MESTRE

Neste capítulo, primeiramente vamos explicitar os lugares onde podemos nos encontrar com o Mestre. Num segundo momento, apresentamos um breve resumo das diretrizes de ação do documento de Aparecida, que nos ajudam a iluminar nossa ação missionária em nível eclesial e extra-eclesial (além fronteiras). Num terceiro momento, fazemos uma breve reflexão, colocando em questão sobre as perspectivas e possibilidades, levando em consideração que o projeto de Aparecida é tão radical e abrangente.

“A experiência de um Deus uno e trino (...) permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro. A experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade” (DA 240). “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (DA 347, AG 2). “Hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe querem colocar-se em estado de missão” (DA 213).

Como discípulos missionários, encontramos em Cristo peregrino e Ressuscitado nossa esperança: “O próprio Cristo se faz peregrino e o ressuscitado caminha entre os pobres” (DA 259). “Os sinais da vitória de Cristo ressuscitado nos estimulam enquanto suplicamos a graça da conversão e mantemos viva a esperança que não engana” (DA 14). “Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas, para que todos alcancem a plenitude que Jesus Cristo oferece” (DA 176).⁵⁵

⁵⁵ A grande preocupação de Jesus em sua missão era refazer o relacionamento humano na base. Jesus percebe a situação concreta de desintegração em que se encontrava a vida comunitária de seu povo. No antigo Israel, o clã, isto é, a família ampliada, a **Casa**, a comunidade, era a base da convivência social. Uma pessoa excluída

O título da tese se concentra nos conceitos de discipulado-seguimento. Por isso, procuramos acentuar o aspecto de missão para ser fiel ao título de Aparecida. O discipulado-seguimento tem referência à pessoa de Jesus como um pólo, porém a idéia de missão implica a vocação da comunidade de discípulos de constituir-se como Igreja para anunciar o evangelho ao mundo. Ao longo dos capítulos mencionamos os termos discipulado e missão, unindo a pessoa de Jesus (discipulado-seguimento) com a missão. Conforme Jo 3,16, o Pai envia ao filho para revelar seu amor ao mundo. Os discípulos convocados devem configurar a Igreja como servidora de Jesus, para o projeto evangelizador do mundo em sua totalidade. A Igreja é interpelada a ser servidora e seguidora de Jesus e do Reino como última meta do envio que o Pai faz de seu Filho. Mas qual é o conceito da Igreja envolvido aqui? Conforme Aparecida, “O mistério da Trindade nos convida a viver uma comunidade de iguais na diferença” (DA 451). Isto supõe uma Igreja mais horizontal, que leve em consideração os diversos carismas e ministérios de todo o povo de Deus. Pelo nosso batismo todos somos profetas, sacerdotes e reis.

Entendemos a dimensão da Pastoral dentro deste marco de referência trinitária. Deus mesmo é pastor de seu povo, das nações, dos seres humanos que ele criou. Portanto, o texto fundamental da missão pode ser o de Jo 3, 16: “Pois tanto Deus amou ao mundo que entregou a seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas que tenha a vida eterna”. Não o mandou para condenar ao mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele (Jo 3, 17). O mandamento de difundir o anúncio deste amor foi confiado por Jesus aos Apóstolos depois de sua ressurreição, e os apóstolos, interiormente transformados no dia de Pentecostes pelo poder do Espírito Santo, começaram dar testemunho. A Igreja continua esta mesma missão, que constitui para todos os fiéis um compromisso irrenunciável e permanente.⁵⁶

A grande novidade na missão de Jesus foi, então, revelar ao mundo o amor do Pai. Ele a realizou pelo chamado ao discipulado e o envio para missão. Podemos afirmar que esta é

desta convivência vagava sem rumo e sem identidade. A *Casa* era a garantia de vida para uma pessoa. A *Casa* garantia a terra, a proteção, a defesa, os relacionamentos, as tradições que davam identidade a uma pessoa. Era a maneira concreta do povo daquela época encarnar o amor a Deus e ao próximo. Defender a *Casa*, o clã, era o mesmo que defender a Aliança entre Deus e o povo.

⁵⁶ A Caridade, alma da missão. Mensagem do Papa Bento XVI Dia Missionário Mundial (Domingo 22 de outubro de 2006).

a originalidade de Aparecida. Se a dimensão pastoral é a unidade do amor de Deus para com o mundo que deve ser salvo por Jesus Cristo, isto se realiza por uma dupla ação de Jesus em relação às pessoas e ao mundo: chamá-las e enviar-las. O “ser Pastor” que aparece tanto no Pai como no filho, passa ser também, por extensão, uma tarefa para os discípulos de Jesus.

Aparecida nos convida também a termos nosso olhar voltado para Maria: “Colocamos nosso olhar em Maria e reconhecemos nela uma imagem perfeita da discípula missionária. Ela nos exorta a fazer o que Jesus nos diz (cf. Jo 2, 5) para que Ele possa derramar sua vida na América Latina e o Caribe”. Junto com ela, queremos estar atentos uma vez mais à escuta do Mestre, e, em torno a ela, voltamos a receber com entusiasmo o mandato missionário de seu Filho: Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos (Mt 28, 19; DA 364).

As dimensões da teologia pastoral abarcam todos os aspectos da vida e missão da Igreja que expressam nossa participação nos sentimentos de Jesus, compadecido do povo porque são como ovelhas sem pastor. O bíblico, o litúrgico e o social são dimensões da pastoral porque indicam as atividades que devem acercar-nos a Cristo e por Ele ao Pai.

Clodovis Boff, (2007), enfatiza que:

O grande acerto do documento de Aparecida é ter recolocado, no início e na base de tudo, a fé viva em Cristo. ‘Começou pelo começo’, isto é, por onde começou historicamente a vida da Igreja e por onde recomeça a cada dia. Fazendo assim, os bispos encontraram a embocadura certa para relançar a missão evangelizadora do Continente: partir em tudo e sempre de Cristo (p.1).

Aparecida enfatiza a pastoral como processo gestado no discipulado e na missão (Mc 3, 13-14). Se a pastoral no sentido amplo é a revelação do amor que o Pai tem ao mundo ao entregar a seu Filho unigênito, porque não quer que o mundo se perda, mas sim que se seja salvo, “a dimensão pastoral” é a dimensão mesma de nossa fé centrada na pessoa de Jesus Cristo. Nessa dimensão o amor de Deus, o pecado do mundo e a presença salvadora do Filho são três constantes que devem aparecer em toda compreensão da

pastoral. Afirma textualmente o documento, referindo-se a Jesus, que “quem se encontra com Ele e o acolhe, tem garantida a paz e a felicidade, nesta vida como na outra” (DA 246). Essa mesma participação na Vida, saída das entranhas do Pai (DA 131), permite desenvolver em plenitude a existência humana, em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural (DA 13; DI 4). Em Cristo, Senhor da vida, se realiza a mais alta dignidade de nossa vocação humana (DA 43, 244, 277, 380).

Por primeiro, devemos voltar constantemente às origens que são a comunidade de discípulos-missionários. Em segundo lugar devemos atender a ação do Espírito Santo que atua através dos sucessores dos apóstolos e em forma íntima e direta no coração de cada batizado. Aqui tem seu lugar a experiência da espiritualidade. Por espiritualidade entendemos o encontro entre o espírito de cada pessoa e o Espírito Santo; um encontro que se dá na profundidade de ambos, para realizar os desígnios do Pai em seu Filho Jesus Cristo. Jesus mesmo se converte na rocha, paz e vida do discípulo, e a vida mesmo adquire uma plenitude extraordinária: a de ser enriquecida com o dom do Pai, com a vida trinitária (DA 21, 347, 357). Jesus, como fonte de vida (DA 350) e plenitude da vida (DA 255), é doador da vida e está a serviço da vida (DA 353).

Nos seguintes pontos, queremos recolher o impulso que oferece o documento de Aparecida, enfocando a perspectiva do discipulado-missionário. Esta perspectiva destaca fortemente a presença de Jesus na vida eclesial, como obra do Espírito Santo que orienta a pastoral e anima por uma espiritualidade. Os cinco temas fundamentais que o documento de Aparecida nos propõe são: a) repensar a teologia pastoral a partir do encontro dos discípulos-missionários com Jesus Cristo presente na vida da Igreja; b) dimensão bíblica da pastoral: propiciar o encontro dos discípulos com o Mestre a partir da Palavra de Deus; c) a dimensão litúrgica da pastoral: encontro dos discípulos com o Mestre na Eucaristia; d) a dimensão social da pastoral: encontro dos discípulos com o Mestre nos pobres; e) a partir da missão, repensar o discipulado.

3.1. O ENCONTRO COM O MESTRE NA SAGRADA ESCRITURA

Será que hoje conseguimos criar para nós, dentro da nossa realidade e cultura, através da nossa ação pastoral, a partir da Sagrada Escritura, um ritmo comunitário orante que seja diário, semanal e anual e envolva a família, a comunidade e a paróquia? Este é o grande desafio para nós que queremos retomar hoje o caminho de Jesus e sermos seus discípulos.

Todo sábado Jesus participava da celebração da Palavra na sinagoga. Era o costume dele (Lc 4,16). O conhecimento que tinha da Bíblia vinha destas reuniões semanais na comunidade, onde se faziam duas leituras: da Lei e dos profetas (At 13,15). Em Nazaré, naquele sábado, Jesus fez a leitura do profeta Isaiás (Lc 4,18,19; Is 61,1-2). Rabi Aquiba (Séc II) definiu as reuniões semanais com esta frase lapidar: *“O mundo repousa sobre três colunas: a Lei, o Culto e o Amor”*. A *Lei* é a Bíblia, o *Culto* é a reza dos salmos, o *Amor* é a vontade de ajudar o próximo. Até hoje as reuniões das nossas comunidades são assim.

A primeira presença, fundamental, é a presença do Mestre na Sagrada Escritura. Toda pastoral tem que ter um fundamento ou uma dimensão bíblica. O modo de ler e anunciar a Palavra, sendo pastoral e não meramente acadêmica, nos leva à experiência espiritual da presença do Mestre no meio de nós. A partir da Palavra, aceita pela fé e professada pelo Batismo, formamos um Corpo com o mesmo Cristo. A Igreja é comunidade que alimenta sua fé pela presença de Jesus na Palavra; vive essa presença como comunidade unida a Cristo. A vida de Jesus é uma constante oposição entre interpretações bíblicas desviadas de seu próprio sentido e a mensagem do Reino que Jesus oferece.

Deus havia assegurado a seu povo que não o abandonaria quando em sua caminhada caísse no pecado. Os pastores o ajudariam, conduzindo-o pelo bom caminho. Por isso, desde a mais antiga tradição enviou os “profetas”. Jesus não era um sacerdote em termos do AT, não pertencia a tribo de Levi, mas era descendente de David. Era um “leigo”, como foram a maioria dos profetas. Deus, como Pastor de seu povo, havia inventado formas para corrigir os erros induzidas pelos pastores. As duas formas, sacerdócio e profetismo,

encontram-se na Revelação, e com frequência os profetas incomodaram aos sacerdotes e reis da antiga aliança, até foram ameaçados de morte. Em Israel, era usual se referir às Escrituras não somente citando a lei, mas “a lei e os profetas”.

Bento XVI, (2010), expressa à importância da Sagrada Escritura:

A Palavra divina nos introduz a cada um no diálogo com o Senhor: o Deus que fala, nos ensina como podemos falar com Ele. Pensemos espontaneamente no livro dos Salmos, onde se nos oferecem as palavras com que podemos dirigir-nos a ele, e apresentar nossa vida em colóquio ante ele e transformar nossa vida mesma em um movimento em direção a ele. (...) Aqui se encontram expressões de alegria e dor, angústia e esperança, temor e ansiedade (VD 24).

Além dos Salmos encontramos outros textos na Sagrada Escritura que falam do homem que se dirige a Deus mediante a oração de intercessão (cf. Ex 33. 12-16), do canto de júbilo pela vitória (cf. Jr 20, 7-18). Assim, a Palavra que o homem dirige a Deus se faz também Palavra de Deus, confirmando o caráter dialogal de toda revelação cristã.

Quando Deus se revela, o homem responde com a fé, pela qual o homem se entrega inteira e livremente a Deus, e oferece “a homenagem total de seu entendimento e vontade” aceitando livremente o que Ele revelou (DV 5). Com estas palavras, a Constituição dogmática *Dei Verbum* expressa com precisão a atitude do homem em relação a Deus. A resposta própria do homem a Deus que fala é a fé. O Filho anuncia um Evangelho que é Ele mesmo como filho do Pai; anuncia que Deus é Pai de Jesus Cristo. O Evangelho traz ao mundo uma riqueza: o da filiação. Esta filiação, que contém em si mesma a possibilidade de uma verdadeira fraternidade, é acolhida ou rejeitada pelo ser humano em suas ações de egoísmo ou de amor (Mendes de Almeida, 1996, p. 408).

A *Dei Verbum* (DV 9) nos recorda: “Encontramos a Jesus na Sagrada Escritura, lida na Igreja. A Sagrada Escritura, «Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo» é, com a Tradição, fonte de vida para a Igreja e alma de sua ação evangelizadora. Desconhecer a Escritura é desconhecer a Jesus Cristo e renunciar a anunciá-lo” (DA 247).

Em seu discurso inaugural em Aparecida Bento XVI faz um convite:

Ao iniciar a nova etapa, que a Igreja missionária da América Latina e do Caribe se dispõe a empreender, a partir desta Conferência Geral em Aparecida, é condição indispensável o conhecimento profundo e vivência da Palavra de Deus. Por isso, há que educar ao povo na leitura e a meditação da Palavra: que ela se converta em seu alimento para que, por experiência, veja que as palavras de Jesus são Espírito e Vida (Jo 6, 63). (...) Devemos fundamentar nosso compromisso missionário e toda nossa vida na rocha da Palavra de Deus (DI 3).

Os bispos reunidos em Aparecida escrevem que: “Esta proposta será mediação de encontro com o Senhor, se a Palavra revelada, contida na Escritura, se tornar fonte de evangelização. Os discípulos de Jesus anelam nutrir-se com o Pão da Palavra: querem aceder à interpretação dos textos bíblicos, empregá-los como mediação de diálogo com Jesus Cristo, e que sejam alma da própria evangelização e do anúncio de Jesus a todos” (DA 248).

Aloísio Lorscheider, (2008), expressa de maneira sábia sua opinião sobre a maneira de fazer teologia: “Penso que a teologia deveria ser sumamente contemplativa. Devemos sair de uma teologia muito racional-científica. Uma teologia contemplativa quer dizer: deixar que a Revelação de Deus fale. Temos que aprofundar mais esta Palavra” (p. 146).

Aparecida nos convida a nutrir nosso encontro com a Palavra de Deus:

Entre as muitas formas de aproximar-se a Sagrada Escrituras, é privilegiada aquela para a qual todos estamos convidados: *Lectio divina*, o exercício da leitura orante da Sagrada Escritura. Esta leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Messias, à comunhão com Jesus-Filho de Deus, e ao testemunho de Jesus-Senhor do universo. Com seus quatro momentos (leitura, meditação, oração, contemplação), a leitura orante favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo a exemplo de tantos personagens do Evangelho (DA 249).

Bento XVI, (2008), em homilia proferida na Congregação geral do Sínodo dos Bispos, nos recorda como a Palavra de Deus nos chama a uma conversão mais ampla,

A sairmos da limitação de nossas experiências e a entrarmos na realidade que é verdadeiramente universal. Ao entrar em comunhão com a Palavra de Deus, entramos na comunhão da Igreja que vive da Palavra de Deus... Saímos dos limites de cada cultura para entrar na universalidade que nos relaciona a todos, que une a todos, que nos faz todos irmãos (p. 760).

Portanto, a Palavra de Deus exige sempre que nós sejamos os primeiros em empreender um renovado êxodo, em deixar nossos critérios e nossa imaginação limitada para dar espaço em nós à presença de Cristo (VD 116). A escola de Jesus era a sua vida de intimidade com Deus, seu Pai. Jesus rezava muito. Passava noites em oração (Lc 6,12). Na oração, procurava saber o que o Pai queria dele (Mt 26,39). Na medida em que crescia nele a intimidade com o Pai, crescia também a consciência de Filho. Jesus adquiria um olhar diferente para ler e entender a Bíblia e a vida. A Bíblia era lida e ensinada pelos fariseus e escribas a partir de uma determinada idéia de Deus. Jesus, que experimentava Deus como Pai, já não podia concordar com tudo que se ensinava na sinagoga. Ele foi descobrindo que os apelos da vida humana falam tanto e até mais de Deus do que todos os preceitos e doutrinas transmitidas pela Bíblia.

3.2. O ENCONTRO COM O MESTRE NA SAGRADA LITURGIA E NOS SACRAMENTOS

Ao comentar a “dimensão litúrgica” vamos limitar-nos unicamente ao aspecto “interior”, ao modo como essas ações expressam as atitudes de Jesus, consciente de oferecer sua vida para a redenção do mundo, consciente de manifestar a misericórdia de Deus que se exerce “devolvendo o bem face ao mal” e aceitando sua própria morte como manifestação desse modo de amar do Pai celestial.

Renovar a dimensão litúrgica a partir da perspectiva de Aparecida nos conduz a buscar a Jesus Cristo presente nos lugares que determinou para os encontros entre os discípulos com o Mestre. O documento ressalta de maneira incisiva a centralidade da Eucaristia na vida do cristão: “Encontramos a Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia. Ao viver celebrando o mistério Pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos

mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários” (DA 250). Podemos ilustrar esta passagem com um exemplo bastante simples: na liturgia sucede o que passa na caligrafia. Podem nos ensinar a ter uma boa letra, porém de nada serve se o que comunicamos através dela é superficial e irrelevante.

A Eucaristia é o sacramento da Páscoa cristã. Não se pode reduzir a Eucaristia à evocação das palavras e gestos de Jesus na última Ceia, porque estes nos remetem totalmente ao que vai suceder ao dia seguinte. A quinta-feira e sexta-feira santas formam uma unidade de anúncio e cumprimento do anunciado. A visão completa do mistério exige incorporar sempre em nossa compreensão da Eucaristia a visão do transcendente a através da imanência da experiência do Ressuscitado. Não entendemos a Eucaristia sem incorporar a Ceia de quinta, a morte de sexta e a manifestação gloriosa da ressurreição do domingo. Sem os três elementos, o sentido da “páscoa” (a passagem do Senhor) fica incompleto.

O tema apresenta quatro elementos, que eram marcos da primeira comunidade cristã e que são essenciais à vida da comunidade cristã, onde quer que ela exista: a *Palavra*, que era comunicada pelos apóstolos; a *Comunhão Fraternal*, que era um sinal importante entre os primeiros fiéis sempre que se reuniam; a *Fração do Pão*, marca da Igreja primitiva, que, ao celebrar a *Eucaristia*, lembrava a Nova Aliança que Jesus realizou através de seu sofrimento, morte e ressurreição; a *Oração*, atitude constante que perpassa toda celebração eucarística. Esses quatro elementos são os pilares da vida da Igreja e de sua unidade.

Cristo presente na comunidade eclesial se renova constantemente, alimentando-nos do pão divino da palavra de Deus e do pão da eucaristia, no sacramento da unidade e da caridade (DV, 12; LG, 7). Mendes de Almeida, (1997), destaca a centralidade da Eucaristia: “A Eucaristia é o centro da vida da comunidade cristã (...), é a certeza e o penhor de que esta vida vai se desenvolver como uma sementinha lançada na terra e que de noite cresce, até que entremos felizes na casa do Pai, onde seremos introduzidos na comunhão trinitária” (p.15). “O mesmo Espírito Santo aperfeiçoa continuamente a fé por meio de seus dons” (DV 5).

O amor se reveste de um significado profundo na vida do cristão: “O mandamento do amor é norma de vida para todos os cristãos, marcados pelo batismo e pela Crisma e nutridos pela Eucaristia. (...) O ideal de uma “civilização do Amor”, feita de estima recíproca e promoção dos outros, permanece atraindo-nos, embora muito longe de ser alcançado” (Mendes de Almeida, 1996, p. 406). Aparecida expressa a Eucaristia como fonte e impulso missionário: “A Eucaristia é fonte inesgotável do impulso missionário. Ali o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nela a decidida vontade de anunciar com audácia às demais pessoas o que tem escutado e vivido” (DA 251).

É evidente que esta transformação é obra da graça e da ação do Espírito Santo. Porém, por respeito a essa ação, devemos purificar a intenção como “atores da liturgia”, afastando-nos de toda pompa mundana, de toda soberba e falsa majestade tão longe do espírito de simplicidade evangélica, de como Jesus celebrou a Última Ceia e viveu antes toda sua participação na liturgia do Antigo Testamento, de que participou como membro do povo judeu. A compreensão da Eucaristia como presença do Mestre supõe a trilogia da ceia, a cruz e ressurreição. Recordar-se uma morte, porém, a partir da leitura de uma vida vitoriosa e eterna; há coisas que os olhos vêem, porém não compreendem se não há um coração que espera.

Como podemos constatar, todo cristão encontra na Eucaristia revitalização em sua vida espiritual. Sem uma participação ativa na celebração eucarística dominical e em festas de preceito, não haverá um discípulo missionário maduro (DA 252). Cada grande reforma na Igreja está vinculada ao redescobrimento da fé na Eucaristia (SC 6). A graça da ressurreição nos vem dada pela Ressurreição do Filho de Deus. Por isso a Eucaristia é a celebração alegre da vitória da vida sobre a morte, da graça sobre o pecado, da vida sem males sobre os males da vida. Portanto, é muito importante promover a “pastoral do domingo” e dar “prioridade nos programas pastorais” (DI 4) para um novo impulso missionário na evangelização do povo de Deus no continente latino-americano (DA 252).

Os bispos reunidos em Aparecida fazem menção das inúmeras comunidades que não têm a oportunidade de participar da Eucaristia dominical: “Queremos dizer-lhes, com

profundo afeto pastoral, que também elas podem e devem viver “segundo o domingo”. Elas podem alimentar o seu já admirável espírito missionário participando da “celebração dominical da Palavra”, que faz presente o Mistério Pascual no amor que congrega (cf. Jo 3,14), na Palavra acolhida (cf. 5.24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18,20; DA 252).

A referência da Igreja a Jesus Cristo é fundamental, porque somos a comunidade reunida em seu nome. Pelo primeiro, Jesus Cristo, devemos voltar constantemente às origens que são a comunidade de discípulos-missionários; pelo segundo, a comunidade, devemos atender à ação do Espírito Santo que atua através dos sucessores dos apóstolos e em forma íntima e direta no coração de cada batizado.

Porém, a convocação é realizada pela obra do Espírito Santo. A Igreja não pode compreender-se sem os dois princípios: cristológico e pneumatológico. Segundo Clodovis Boff, (1998, passim), a Igreja “deverá ser orante e adorante, à escuta da Palavra, à mesa do banquete eucarístico. Uma Igreja amorosa, de comunhão e alegria, e mistagógica, que caminhe sempre para o encontro vivo com Cristo. Uma Igreja pneumática não significa intimista, mas profética, dialetizando o espiritual e o social”.

A memória do Mestre crucificado e ressuscitado será tão intensa e penetrará tanto em suas vidas, que literalmente poderão dizer que “Cristo vive neles”. Como vivência de Cristo, significa que realmente Ele vive em e com seus discípulos e com todos aqueles que se abrem à verdade da paternidade de Deus. É uma presença na ausência. A vida da Igreja é inseparável da vida de Cristo Ressuscitado; é a maneira como o Ressuscitado está presente nos fieis.

Toda a vivência desta mística exige de cada um de nós um estado permanente de conversão. Bento XVI, (2010), assinala que:

Os sofrimentos da Igreja vêm justamente desde o seu interior, do pecado que existe na catolicidade. Tudo isto é conhecido desde tempos remotos, porém hoje o vemos de modo aterrador que a grande perseguição da Igreja não vem dos inimigos externos, e sim que nasce do seu próprio pecado e que a comunidade cristã, portanto, tem profunda necessidade de voltar à penitência

de aceitar a purificação, de aprender por uma parte o perdão, porém há necessidade de justiça. Em uma palavra, devemos compreender esta essência: a conversão, a oração, a penitência e as virtudes teologais.⁵⁷

Somos chamados a viver a dimensão do Reino estando sempre abertos ao perdão e à reconciliação. Partilhar e perdoar, é o que aprendem os verdadeiros filhos de Deus, que vão interiorizando o que rezam ao dirigir-se a Deus como Pai. Neste sentido, Aparecida nos lembra de que um dos lugares do encontro com o Mestre é o sacramento da reconciliação: “O sacramento da reconciliação é o lugar onde o pecador experimenta de maneira singular o encontro com Jesus Cristo, quem se compadece de nós e nos dá o dom de seu perdão misericordioso, nos faz sentir que o amor é mais forte que o pecado cometido, nos liberta de quanto nos impede permanecer em seu amor e nos devolve a alegria e o entusiasmo de anunciá-lo aos demais com o coração generoso” (DA 254).

Finalizando, se afirma uma renovação litúrgica da fé, centralizada no mistério pascoal e em particular na Eucaristia (DA 99, b), mas se constata uma evangelização deficiente, com pouco ardor (DA 100, d) e se constata também a quantidade de fiéis que não podem participar da Missa dominical (DA 100, e). Não se deveria repensar com maior criatividade o ministério dos diáconos e as experiências das Comunidades Eclesiais de Base? São reformas que são possíveis, mas não aparecem aqui vigorosamente alentadas para que nenhum fiel se veja desprovido da ajuda da Igreja a crescer em sua fé eucarística. Os pastores do povo de Deus parecem contentar-se em manter as estruturas das paróquias ou buscam aumentar seu número, sem uma abordagem de fundo. Não examinam se com estas estruturas chegamos a evangelizar e se ajudamos o povo de Deus a um seguimento-discipulado mais profundo. Em torno a Eucaristia se assinalam motivos de alegria em relação à religiosidade popular, em relação à devoção a Maria e aos santos, no que diz respeito ao caráter inculturado destas manifestações de fé (DA 99, b).

⁵⁷ BENEDICTO XVI, Rueda de prensa en el vuelo a Lisboa hacia la visita apostólica a Fátima, mayo 11, 2010, www.vaticana.va agosto 12, 2010.

3.3. O ENCONTRO COM O MESTRE NA ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA

Para nós cristãos, Jesus é a nossa terra prometida, Caminho e Guia, Água viva e Pão que sacia nossa fome e sede. Vida verdadeira, Esperança e Luz nas nossas noites... Como Pedro, nós lhe dizemos: “Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,67). A oração pessoal e comunitária é o lugar onde o discípulo, alimentado pela palavra e a Eucaristia, cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo e procura assumir a vontade do Pai. A oração diária é o sinal do primado da graça no itinerário do discípulo missionário (DA 255). Por isso, “é necessário aprender a orar, voltando sempre de novo a aprender esta arte dos lábios do Mestre” (NMI 33). Nas décadas 1990, várias vezes pronunciaram a “volta do sagrado” como a de Karl Rahner: “já se disse que o cristão do futuro ou será um místico ou não o será...” (Rahner, 1980, p. 375).

Naqueles trinta anos em Nazaré, Jesus “crescia e ficava forte, cheio de sabedoria. E a graça de Deus estava com ele” (Lc 2,40). A Palavra de Deus foi entrando nele, tomando conta da sua vida. Já aos doze anos, lá no templo, ele respondia aos pais: “Não sabeis que devo estar na casa do meu Pai?” (Lc 2,49). Jesus meditava as histórias e as profecias e, aos poucos, ia encontrando nelas o rumo da sua missão. É sobretudo a missão do Servo de Deus, anunciado por Isaías, que o atraía (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12). Quando aos trinta anos foi tentado por satanás para seguir por outros caminhos, que não eram os caminhos do serviço, foi na Bíblia que Jesus encontrou as respostas para vencer a tentação e se firmar na sua missão (Mt 4,4.7.10). Finalmente, na sinagoga de Nazaré, ele escolhe um texto de Isaías sobre a missão do Servo de Deus para expor o programa da sua missão junto ao povo (Lc 4,18-19 e Is 61,1-2). Caballero, (1990), escreve que: “O constitutivo essencial da religião, segundo Jesus não são as mediações do sagrado, nem seus símbolos mais ou menos opacos, mas a adoração a Deus em espírito e em verdade, que ele inaugurou com seu exemplo pessoal e sua mensagem” (p.596).

Jesus está presente em meio de uma comunidade viva na fé e no amor fraterno. Ali cumpre sua promessa: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou

no meio deles” (Mt 18,20). Está em todos os discípulos que procuram fazer sua a existência de Jesus, e viver sua própria vida escondida na vida de Cristo (Col 3,3). Eles experimentam a força de sua ressurreição até identificar-se profundamente com Ele: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2,20). Está nos pastores, que representam o mesmo Cristo (Mt 10,40; Lc 10,16).

Assim, Lucas adverte às comunidades dos anos 80 do primeiro século cristão (e também às nossas de hoje), que a demasiada preocupação com a vinda gloriosa de Jesus no fim dos tempos não as impeça de perceber que Jesus já estava aí no meio delas. Esta nova volta de Jesus, invisível mas real, se deu no dia de Pentecostes e nos muitos outros pentecostes que seguiram depois, até hoje: na Palavra, na Eucaristia, na Comunidade, nos acontecimentos, de tantas maneiras! É preciso ter o olhar de fé para poder percebê-lo. Este olhar se adquire na comunidade.

Reunidos em *ekklesia* (assembléia), para celebrar a Ceia do Senhor, todos os batizados tomam consciência de sua identidade de Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo. Como diz o apóstolo Pedro: “vós que outrora não éreis povo, mas agora sois o Povo de Deus” (1 Pd, 2,10). A respeito da diversidade de ministérios, na Igreja todos fazemos parte da “construção de um templo espiritual” e formamos um “sacerdócio santo, a fim de oferecer sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo (1 Pd 2,5). “No decorrer dos séculos, a Igreja nunca deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal” (SC 6).

Finalizando, podemos afirmar que a escola de Jesus era a sua vida de intimidade com Deus, seu Pai. Como já dissemos anteriormente, Jesus rezava muito. Passava noites em oração (Lc 6,12). Na oração, procurava saber o que o Pai queria dele (Mt 26,39). Na medida em que crescia nele a intimidade com o Pai, crescia também a consciência de Filho. Jesus adquiria um olhar diferente para ler e entender a Bíblia e a vida. Como discípulos e seguidores de Jesus, devemos cultivar em nossa vida essa busca permanente, esta intimidade profunda com o Deus da vida e do Reino, para sermos mais filhos e filhas, e assim realizarmos mais plenamente a missão que nos foi confiada em nosso batismo.

3.4. O ENCONTRO COM O MESTRE DE MODO ESPECIAL NOS POBRES

O desígnio de Deus ao dar a seu povo uma terra foi assegurar uma vida digna ao povo de Deus. Não pode haver pobres. A terra estava dividida de maneira tal que todos pudessem viver dignamente (Ex 33-36). A lei foi dada para assegurar a igualdade.

No entanto, o capítulo 15 do Deuteronômio nos indica que há uma diferença entre desígnio e realidade:

É verdade que em teu meio não haverá nenhum pobre porque Iahweh vai abençoar-te na terra que Iahweh teu Deus te dará para que possuas como herança (...). Quando houver um pobre em teu meio, que seja um só dos teus irmãos numa só de tuas cidades (...). Não endurecerás teu coração nem fecharás a mão para com este teu irmão pobre (...). Nunca deixará de haver pobres na terra; é por isso que te ordeno: abre a mão em favor de te irmão... (Dt 15, 4.7.11).

Os profetas nos farão ver a origem da pobreza: a cobiça e a injustiça. A desobediência a Deus está na origem da opressão que faz que os pobres não desapareçam deste país. Não é possível libertar os pobres sem comprometer-se na reconciliação entre ricos e pobres, para unir-los no combate contra a injustiça social. Por outro lado, não é possível lutar contra a injustiça sem comprometer-se no combate de Cristo que realizou seu Êxodo para a remissão do pecado (Lc 46-48). É a realização final da profecia de Isaias a que Jesus leu em Nazaré: “Porque ele me cansagrou pela unção para evangelizar os pobres ... para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc. 4,18-19). Desde o alto da cruz Jesus proclamou o ano de graça rezando em voz alta: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34).

Também Jesus de um modo especial está nos pobres, aflitos e enfermos (Mt 25, 37-40), que reclamam nosso compromisso e nos dão testemunho de fé, paciência no sofrimento e constante luta para seguir vivendo. Quantas vezes os pobres e os que sofrem realmente nos evangelizam! “No reconhecimento desta presença e aproximação, e na defesa dos direitos humanos dos excluídos se joga a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo” (NMI 49). “Da contemplação de seus rostos sofridos e do encontro com Ele nos afligidos e

marginalizados, cuja imensa dignidade Ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles. A mesma adesão a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino” (DA 257).

A opção preferencial pelos pobres não significa privilegiar de maneira exclusiva os últimos e, portanto excluir os outros, mas construir a vida eclesial e social a partir os últimos, que em geral não tem voz na sociedade. Esta perspectiva conduz a conhecer a Deus que quer vida de todos, sem excluir ninguém como bem absoluto.

“O serviço aos pobres nos põe em contato com um setor da humanidade em que se encontram “os mais ínfimos” nos diz Gregório Magno” (Mendes Almeida, 1996, p. 416). A pobreza é uma condição que afeta a totalidade da vida de uma pessoa: afeta suas possibilidades de educação, de trabalho, de realização humana, de uma vida digna. “Servir os pobres é ato de evangelização e, ao mesmo tempo, selo de fidelidade ao Evangelho” (1996, p. 417). O que deve ser enfatizado é que existe uma unidade de dois aspectos em uma só ação. O ato de serviço aos pobres é um ato em si mesmo evangelizador (1996, p. 417). A predileção pelos pobres que a vida de Jesus evidencia é já Evangelho, como o quer ressaltar o texto de Lc 4,16-19. Pertence ao conteúdo da missão.

O clamor dos pobres e oprimidos ressoa no mundo atual, expressando a dor de milhares de pessoas.⁵⁸ Sem ingenuidade, sem fechar os olhos à dramática realidade social,

⁵⁸ Estima-se que 32,1% dos habitantes latino-americanos permaneçam em situação de pobreza e 12,9% na indigência em 2010, o que representa 180 milhões de pobres, dos quais 72 milhões estarão em situação de extrema pobreza, retornando a níveis similares aos de 2008. CEPAL – pobreza na América Latina. Recuperado de www.eclac.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/prensa/... A pobreza no mundo: a fome mata 24 mil pessoas a cada dia no mundo; desses, 70% são crianças, afirmam Ongs; No mundo de hoje há mais comida do que em qualquer outro momento da história da humanidade; temos 6,7 bilhões de habitantes, e produzimos mais de 2 bilhões de toneladas de grãos, o que significa que produzimos quase um quilo de grãos por pessoa e por dia no planeta, amplamente suficiente para alimentar a todos. Segundo a **FAO** o mundo precisaria de US\$ 30 bilhões por ano para lutar contra a fome, recursos que significam apenas uma fração do US\$ 1,1 trilhão aprovado pelo G-20 para lidar com a recessão mundial; 65% dos famintos do mundo vivem em somente sete países, a maior parte deles situados na África. Nos últimos meses irromperam revoltas por causa da fome em 25 países. Os que sobrevivem à fome carregam seqüelas para sempre. A fome mina as vidas e acaba com a capacidade produtiva, enfraquece o sistema imunológico, impede o trabalho e nega a esperança, no mesmo momento em que 1 bilhão de pessoas passando fome, outro 1 bilhão sofre de obesidade por excesso de consumo. Uma criança americana consome o equivalente a 50 crianças africanas da região subsaariana. Cerca de 200 milhões de crianças de países pobres tiveram seu desenvolvimento físico afetado

todo cristão é desafiado, a descobrir a partir do mundo dos pobres os sinais da presença de Deus e a chama da esperança que não se deixa apagar. A raiz e a força da esperança concentram-se na Boa-notícia de Deus, trazida por Jesus. Segundo Jon Sobrino (1994), “a fé cristã tem como verdade central e inamovível que Deus é boa notícia, e que, como tal, se mostrou em Jesus” (p. 153). Em Jesus manifestou-se, humanamente, a benignidade de Deus (Tt 2, 11). A boa-nova de Jesus significou anúncio de vida e de esperança, especialmente para os pobres a quem Jesus anunciava a proximidade do Reino de Deus (Mc 1, 14). Assim, o cristão tem a tarefa de ser sinal de esperança do Reino junto aos pobres (1994, p. 154).

Nolan, (2007), descreve de maneira enfática o sentimento de compaixão que Jesus nutria para com os pobres:

A palavra compaixão é fraca demais para exprimir a emoção que movia Jesus. O verbo grego *splagcchnizomai*, usado em todos estes textos, é derivado do substantivo *splagcchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas, ou coração, ou seja, partes internas dos quais aparecem surgir as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da pessoa, uma reação das tripas (p. 49).

Sobrino, (1994), insiste na necessidade do testemunho, da boa notícia. Acredita que a boa notícia “só dará esperança aos pobres deste mundo se ela for e agir como Jesus” (p.155).

Transfigurar-se é reproduzir a estrutura de sua vida:

Segundo os evangelhos, isso significa encarnar-se, chegar a ser carne na história real; anunciar a boa notícia do Reino de Deus com sinais de todo tipo e denunciar a espantosa realidade do anti-reino; carregar o pecado do mundo, que causa a morte de milhões de pessoas; ressuscitar os pobres, dando a eles vida, esperança e alegria (Sobrino, 1994, p. 131).

Por isso Deus se coloca ao lado dos oprimidos, porque são eles os agentes de possível mudança. A partir dos pobres e com eles promove-se portanto uma Igreja mais

encarnada a mudança que deriva do Evangelho, como parte essencial, para poder realizar o Reino de Deus que começa já dentro da história humana.

Leonardo Boff, (1984), ressalta: “O lugar do pobre é hoje mais desafiante, porque os pobres suscitam as questões mais candentes para a sociedade mundial e para todas as Igrejas. Desde os pobres se percebe quanto deve mudar a história para que todos possam ter a vida e viver sem ser explorados” (p. 148). Quando Jesus se refere à *Torah*⁵⁹, exprime a vontade última de Deus. Jesus se concentra nos mandamentos de relação ao próximo, que asseguram a vida como vontade primeira de Deus. No cumprimento dos mandamentos, Jesus mostra o ser humano primariamente necessitado e que precisa de ajuda (cf. Mc 7,10; Mt 15,4; Lc 10,30).

Fazendo um estudo mais detalhado dos evangelhos, vemos como Jesus dá centralidade ao símbolo primário da vida: a comida e o pão. Ele come com os cobradores de impostos (Mc 2, 15-17); desconsidera as abluções antes da comida (Mc 7, 2-7; Mt 15,2); multiplica os pães no intuito de dar comida ao faminto (Mc 6, 30-44; 8,1-10; Mt 15, 32-39); no juízo escatológico (Mt 25, 35.40), quem dá de comer ao faminto é abençoado por Deus; na oração ensina a necessidade de pedir o pão (Mt 6, 11; Lc 11, 3). “O pão da vida e o pão terreno não se contrapõem. O Reino de Deus se realiza dinamicamente com o mínimo que se torna o máximo para os pobres” (Sobrino, 1996, p. 133).

Portanto, somos chamados a viver “um cristianismo socialmente presente e eticamente militante, não deixando de levantar a bandeira da justiça e da solidariedade entre os povos, conforme o ideal de fraternidade” (LE 16). Um cristianismo militante não se pode omitir na luta por um sistema de maior participação econômica entre as classes e de maior integração entre os povos e nações do continente e do mundo. Um cristianismo socialmente militante não pode deixar de ser fiel ao apelo do Episcopado Latino-Americano em favor da “opção preferencial pelos pobres”, tantas vezes repetida, e tantas vezes confirmada pela autoridade papal, como no Discurso inaugural da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo. “Em continuidade com as Conferências de Medellín

⁵⁹ Instrução, ditame, decisão, prescrição, norma, preceito, rito (Schökel 1997, p. 700).

e de Puebla, a Igreja reafirma a opção preferencial pelos pobres. Uma opção não exclusiva nem excludente, pois a mensagem da salvação é destinada a todos. Uma opção ‘baseada essencialmente na Palavra de Deus’; uma opção firme e irrevogável” (DM 16). A opção de Jesus pelos pobres e excluídos será sempre para a Igreja um marco de referência importantíssimo.

Os pobres nos arrastam até a humanidade radical, eles nos humanizam já que nos revelam nossa fragilidade mais profunda, eles nos salvam porque o que fazemos por eles fazemos por Cristo. A parábola do juízo final ilustra muito bem a este respeito: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). João Paulo II destacou que este texto ilumina o mistério de Cristo (NMI 49). Tudo que tem a ver com Cristo têm a ver com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres reclama a Jesus Cristo: “Porque em Cristo o grande se fez pequeno, o forte se fez fraco, o rico se fez pobre” (DA 393). Como discípulos-missionários, somos chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a seu serviço: os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo (DSD, 178). Eles interpelam o núcleo da ação da Igreja, da pastoral de nossas atitudes cristãs. Como discípulos-missionários, somos chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a seu serviço: Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo (DSD, 178). Eles interpelam o núcleo da ação da Igreja, da pastoral de nossas atitudes cristãs.

“Há muitos cristãos que ainda pensam com preconceito sobre este tema. Crêem que a opção preferencial pelos pobres foi uma ideologia inventada pela Teologia da Libertação” (Gutiérrez, 1975, p. 399). Em todo caso, a Teologia da Libertação é um bom instrumento para mentalizar evangelicamente na preferência do Deus de Jesus Cristo a favor dos excluídos da sociedade escandalosamente desigual. A Igreja, fiel a Jesus, não pode ficar atualmente calada, à margem, diante da escandalosa desigualdade e exclusão social, para que possa ser coerente e evitar o pecado por omissão”.⁶⁰

⁶⁰ “Se esta opção está implícita na fé cristológica, os cristãos como discípulos e missionários, estamos chamados a contemplar, nos rostos sofridos de nossos irmãos, o rosto de Cristo e estamos chamados a servi-los . Os rostos sofridos dos pobres são os rostos sofridos de Cristo (DSD 178)

Gutiérrez, (1977), assinala que: “Em nossa realidade parece que sempre estão os ganhadores e os perdedores. Se se quer assumir a identidade de discípulos e missionários de Jesus Cristo, se deverá assumir o compromisso pela opção preferencial pelos pobres, sempre desde o reverso da história” (p. 59). As minorias étnicas hoje são os pobres da urbe. O documento de Puebla fez uma descrição dos rostos concretos da pobreza (DP 31-39). Logo Santo Domingo alargou a lista destes rostos sofredores (DSD 179). Aparecida, com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, assinala os novos rostos de novos excluídos.⁶¹

“Os rostos sofridos dos pobres são rostos sofridos de Cristo. Eles interpelam o núcleo da missão e de nossos compromissos cristãos” (DA 393).⁶² “Na realidade, o encontro com Deus é sempre um experiência vivificante. Esta experiência vivificante nos aproxima da glória de Deus. Segundo a esplêndida formulação de Monsenhor Romero, “a glória de Deus é que o pobre viva”. Portanto, a maior glória de Deus é a realização da própria vontade de Deus, que por sua vez, é a vida humana digna, abundante, vivida com liberdade, isto é, o ser humano vivificado em plenitude” (Rhoden, 2004, p. 29).

Um aspecto particular do amor de Cristo é o pleno respeito a cada pessoa e a sua cultura. Ao encarnar-se, despojou-se de si mesmo e assumiu a condição de servo (Fl 2,7). Isto une o fato da encarnação não somente à humanidade de Jesus, mas também à sua pobreza: “Jesus foi um homem comum e corrente, quer dizer, um homem pobre, daqueles que formam a maioria da humanidade cada vez com mais força. Jesus optou pela existência dos pobres como o modo de inclusão de todos. Aqui aparece uma um elemento que neles está ‘a outra riqueza’ proposta por Jesus em sua encarnação”! Olhar a Jesus (cf. Hb 12, 1-5) e ao pobre, que nos revela a maneira como Ele viveu, é a única possibilidade que temos como cristãos se queremos verdadeiramente semear sementes de humanização em nossa vida e no mundo.

⁶¹ “... Os migrantes, as vítimas da violência, migrantes e refugiados, vítimas do tráfico de pessoas e seqüestros, desaparecidos, enfermos de HIV e de doenças endêmicas, dependentes químicos, anciãos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico da exploração sexual, pessoas com deficiência física, multidão de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, os indígenas e afro-descendentes, camponeses sem terra e os mineiros” (DA 402).

⁶² CLAR, Plan Global 2009-2012.

Como discípulos missionários de Jesus Cristo, temos a tarefa prioritária de dar testemunho de amor a Deus ao próximo com obras concretas (DA 399). Os pobres nos desmascaram permanentemente e purificam estas intenções, repetindo-nos até a dor da pergunta original de Jesus aos primeiros que arriscaram a segui-lo: “que buscam?” (Jo 1, 38). Os pobres sabem onde vivemos e perturbam nossas orações batendo em nossas portas. Devemos aprender a “deixar a Deus por Deus”.⁶³ Para poder partilhar a sorte daqueles que revelam para nós o caminho da solidariedade, aquele caminho capaz de conduzirmos à casa materna/paterna.

Caballero, (1990), afirma que: “As bem aventuranças são “evangelho”, alegre notícia dirigida aos pobres de Deus para alentar sua esperança e denunciar o abismo social que anunciou o Magnificat (cf. Lc 1, 46-55), o canto de Maria, a mãe do Senhor: os pobres são os preferidos de Deus em toda a revelação bíblica e os primeiros destinatários da boa nova do Reino de Deus” (p. 585). Como na família humana, a Igreja-família gera-se em torno a uma mãe, que confere “alma” e ternura à convivência familiar (cf. DP 295). Maria, mãe da Igreja, ademais de modelo e paradigma de humanidade, é artífice de comunhão. (DA 268). “Com olhos postos em seus filhos e em suas necessidades, como em Caná da Galiléia, Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir aos discípulos de seu Filho” (DA 272).

Terminando, todos estes elementos nos mostram como o amor preferencial pelos pobres caracterizou a Igreja ao longo da história e tem sido, nos últimos anos, mais explícito nos documentos oficiais e, especialmente, na palavra do Santo Padre. A opção preferencial e evangélica pelos pobres marcou as Conferências Episcopais de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. “Isto supõe que, no Evangelho, Jesus-evangelizador se torna paradigma de toda a evangelização, não só por palavras com também pelos gestos de solidariedade e de serviço” (Almeida Mendes, 1996, p. 416).

Os encontros com Cristo, na Palavra, na Eucaristia e na Oração são típicos encontros dos que já são discípulos. O encontro com Cristo no Pobre é propriamente

⁶³ Conferencia de San Vicente de Paúl a las Hijas de la Caridad (SVP, IX 1125).

missionário, vai além da fronteira da Igreja. É ponto que une a Igreja com o Reino, de uma Igreja servidora do Reino, fazendo que a conduta com os pobres seja acolher a verdade da Encarnação que pôs o divino dentro do humano, e pobre é o humano marginalizado, esquecido, desprezado. Ao dar aos pobres o centro da atenção missionária, se introduz com maior clareza a importância do Juízo Final, que será um exame de toda a história a partir das atitudes de solidariedade com os necessitados, oferecendo gratuitamente os recursos que nós possuímos. E Jesus, ao chamar para a perfeição, põe a condição: renunciar aos bens, dar aos pobres e segui-lo (Mt 19, 21). O vínculo de pobreza, seguimento e comunidade eclesial prepara para a parábola do Juízo Final. ...

3.5. DISCIPULADO-MISSIONÁRIO: LEVAR A MENSAGEM DE JESUS ALÉM DAS FRONTEIRAS DA IGREJA

Como fazer para vivermos a dimensão do discipulado missionário na Igreja e no diálogo com o mundo, levando a mensagem da boa nova além das fronteiras da Igreja? O evangelho anunciado por Jesus em sua vida (tempo do discipulado) tem seu pleno sentido quando os discípulos voltam como testemunhos do Ressuscitado (tempo da missão).

Deus, como ocorreu em Jesus, se encarna sempre em uma história, com os seus lugares, a sua língua, os seus sabores, as suas situações. E nós somos tempo, somos história. Deus, então, toma forma em nós, fazendo-se presente nos nossos lugares, línguas, sabores e situações... Nossa missão como cristãos perpassa toda a vivência familiar, civil, política e laboral. Vivendo a experiência nestas diversas dimensões, dos lugares da convivência cotidiana, como discípulos missionários, somos portadores de uma opção de fé, na teologia e na pastoral, sem o qual se constroem castelos de areia e sem o qual a fé fala por fórmulas, mas não na vida.

A vivência missionária abarca o mundo inteiro, porque todo ser humano tem direito à vida, à dignidade, vivida em seus ambientes naturais a partir da família e outras instituições, até a cultura globalizada. O amor oblato e gratuito é a fonte da misteriosa

alegria dos discípulos e missionários (Jo 13,17). Aqui está o segredo da fecundidade apostólica da ação missionária, que ultrapassa as fronteiras e as culturas, alcança os povos e se espalha até os extremos e confins do mundo.

“O amor de Cristo se estende a todos. É universal. Como cristãos aprendemos com o Divino Mestre a não permanecer indiferente diante dos sofrimentos dos irmãos e, em especial, experimenta a necessidade de levar aos que não conhecem a Cristo o anúncio do Evangelho. A atividade missionária “Ad gentes” é fruto do amor” (Almeida Mendes, 1996, p. 407). Jesus veio para dar vida a todos. No entanto, em virtude do seu amor, manifesta especial predileção aos que se encontram em situação de maior debilidade (1996, p. 407).

A seguir apresentamos um breve resumo das diretrizes de ação do documento de Aparecida, que nos ajudam a iluminar nossa ação missionária em nível eclesial e extra-eclesial (além fronteiras). Fizemos uma opção tomando os pontos que, em nosso modo de entender, são aqueles mais urgentes e atuais, que servem de fundamentos para a ação missionária.

- 1) Desenvolver uma pastoral social⁶⁴ que valorize a promoção humana integral (DA 399-405). Em coerência com a opção pelos pobres, se impõe maior difusão da doutrina social da Igreja, que inclui a atenção aos novos excluídos, trabalho pastoral com os responsáveis da ação política e da economia, propiciando criação de emprego e trabalho digno, sem esquecer o testemunho de austeridade e sobriedade frente ao mundo do consumismo.
- 2) Despertar a sensibilidade pelas pessoas que vivem nas ruas (DA 407-410). São pessoas abandonadas a sua sorte, que a Igreja deve acolher, oferecendo ajuda no processo para a vida, incluindo-os em projetos de participação e promoção.
- 3) Acolher aos migrantes (DA 411-416). A mobilidade humana aumentou, e requer pastoral de colaboração com países e regiões de onde se sai e aonde se chega, para que estes migrantes sintam a acolhida materna da Igreja. Os migrantes se

⁶⁴ Quando falamos em pastorais sociais referimo-nos a todas as atividades que a Igreja vem desenvolvendo na promoção das mulheres marginalizadas, crianças de rua, enfermos, migrantes, encarcerados, trabalhadores, pescadores, agricultores, etc.

encontram expostos a atropelos. A mesma migração pode voltar-se em signo positivo como oportunidades de missão.

- 4) Motivar uma nova pastoral urbana (DA 509-519), consciente de que uma boa parte da cultura se gesta nas grandes cidades e nas cidades satélites, que são complexas, plurais em grupos sociais, lugares de antinomias (DA 512). Esta pastoral deve valorizar a divisão em setores e pequenas comunidades, propiciar uma vez e outra, eventos multitudinários, entrar em espaços que tendem a fechar-se, ensinando os valores do Reino.
- 5) Acompanhar as famílias (DA 432-437), como núcleos primários da vida. Propiciar políticas em favor da família, paternidade e maternidade responsável, exames e solução de crises, pastoral de divorciados, agilidade em trâmites de separação, atenção especial a crianças (DA 438-441), órfãos, mães solteiras e viúvas, adolescentes, jovens (DA 442-446) e anciãos (DA 447-450), despertando na sociedade o respeito e a compreensão das dificuldades em cada uma dessas etapas da vida (no caso dos jovens as crises de identidade, dependência de grupo; no referente aos anciãos, a solidão, a indiferença da sociedade), procurando para eles a educação na Fé e orientação espiritual, social e política⁶⁵.
- 6) Formar discípulos e missionários na vida pública (DA 501-508), ajudando-os a serem construtores da sociedade, coerentes com os valores cristãos, proporcionando aos discípulos os princípios duma catequese social incisiva, que seja advogada da justiça e da verdade.
- 7) A globalização da solidariedade e justiça internacional (DA 406). Compete um papel importante à Igreja, promovendo a sociedade civil na participação ativa na vida política, optando por uma economia solidária e um novo sentido do bem comum nacional e internacional, e levando em conta os problemas pendentes como a dívida externa, a justiça e os novos tratados internacionais de livre comércio.
- 8) Promover a dignidade e participação das mulheres (DA 451-458), na sociedade e na Igreja, combatendo a degradação da mulher como objeto de mercado,

⁶⁵ Compreendemos como política o campo da luta pelo bem comum e justiça social. As comunidades cristãs devem participar dela para ajudar na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

vítimas do machismo tanto quanto da ideologia feminista. Valorizar sua capacidade missionária como mãe e como cidadã, criando projetos de promoção da mulher e abrindo espaço para sua participação no planejamento, nos ministérios e nas organizações sociais e políticas.

- 9) Incentivar uma cultura da vida (DA 464-460), organizando cursos, investigações científicas e a participação em debates sobre ética, bioética, paternidade responsável, objeção de consciência etc. Ter uma maior sensibilidade para com as mulheres que abortaram ou que tomam a decisão de abortar e com as famílias que tem membros que estão em fases terminais.
- 10) Participar ativamente na elaboração de políticas públicas do cuidado do meio ambiente (DA 470-475). A criação é obra de Deus, que o glorifica “com sua existência”. A pastoral nos convida a agradecer o dom da criação, acompanhar aos camponeses em suas lutas por condições de vida humana, buscar um modelo de desenvolvimento integral, sustentável e solidário, que harmonize os diversos aspectos que aparecem no conflito, com ênfase especial na pastoral da Amazônia.
- 11) Promover a inculturação da fé (DA 476-480), levando em consideração a diversidade de culturas na América Latina e no mundo. A fé nos convida à criatividade e sensibilidade cultural, desenvolvendo novos métodos e novo ardor missionário, sendo solidários com indígenas e afro-americanos (DA 529-533), defendendo seus direitos, territórios e cidadania, levando em conta que eles têm valores dos quais devemos aprender, sobretudo o sentido comunitário, o amor à terra e a tradições ancestrais.
- 12) Criar caminhos de reconciliação e solidariedade (DA 534-546). Existem feridas e divisões que devemos superar com o modelo da misericórdia de Deus. Abrir caminhos para a civilização do amor, seguindo o bom samaritano, fortalecendo os valores morais para construir justiça e equidade, colocando a pessoa como centro da vida social, recordando a fragilidade de nossas democracias, mas animando processos de paz e solidariedade.

Finalizando, à medida que estas diretrizes de ação forem colocadas em prática e tornem-se fonte inspiradora para nossa prática pastoral, a V Conferência pode ser ocasião de ouro para dizer à América Latina e ao mundo que a Igreja quer anunciar Jesus e suscitar seus discípulos, mostrando-se ela mesma primeira discípula, assumindo-se como pecadora, necessitada do perdão e da misericórdia de Deus, aberta para ouvir, escutar, e aprender humildemente, a fim de poder falar realmente como discípula, fiel porta-voz do Mestre e não anunciadora de si mesma.

3.6 O PROJETO DE APARECIDA: INTERROGANTES E DESAFIOS PARA A AÇÃO MISSIONÁRIA

Nas páginas seguintes procuro expressar minha opinião e preocupações no que diz respeito ao projeto de Aparecida. Seu alcance e realização: quem vai colocar em prática tal programa que é tão ambicioso? Como planejar a ação missionária? Qual será a tarefa dos leigos (as), religiosos (as) e função que deve ser exercida pela hierarquia? Podemos afirmar que existe prioridade nas exigências éticas da fé, segundo se derivam mais ou menos diretamente do núcleo da mensagem cristã: que em Jesus Cristo chegou o Reino de Deus.

O projeto de Aparecida é tão radical, que surge uma dúvida: quem vai colocar em prática esse programa? A história mostra que todas as transformações profundas na Igreja foram realizadas por pessoas novas, formando grupos novos e criando um novo estilo de vida, sempre a partir de uma opção de vida na pobreza. Nunca foram os líderes estabelecidos nem as estruturas instaladas: estas não conseguem sair de seu papel tradicional. Parece-me que um dos valores fundamentais para uma eficaz ação missionária é a comunhão cristã de bens é uma urgência ética de primeira ordem, porque é uma consequência imediata da essência do Reino: comunhão dos homens entre si, com a natureza e com Deus. Aqui aparece um elemento fundamental que exige imperiosamente dar testemunho das obrigações cristãs, discipulado-seguimento, porque esta em jogo o ser ou não ser da Igreja de Jesus.

O projeto da Conferência de Aparecida é ambicioso. Trata-se nada menos que de uma inversão radical do sistema eclesiástico. Há séculos que a pastoral da Igreja está concentrada na conservação da herança do passado. Todas as instituições foram adaptadas a essa realidade. O sistema foi instalado no século XII, desde esta mudança, mudou sensivelmente. De acordo com o projeto de Aparecida, tudo vai ser orientado e direcionado para a missão. A realização prática desse projeto vai exigir muitos anos. Os bispos foram sensíveis e lançaram esse projeto, porém um dos primeiros desafios consiste em convencer o clero, a presente geração no está preparada para a inversão de suas tarefas. A meu ver, vai ser necessário mudar radicalmente a formação e preparação das novas gerações de sacerdotes muito diferente da atual. Desse modo, os institutos de formação presbiteral devem inverter seu estilo de formação, deixando de lado uma formação para o exercício do culto e para o exercício do poder administrativo-burocrático-canônico, dando primazia à formação evangelizador-pastoral. Os religiosos vão ter que voltar assumir sua vocação original e deixar de serem administradores de paróquias ou de obras.

Para enfatizar como no passado houve pessoas que cumpriram com esta missão trazemos o exemplo de Dom Helder. Ele foi missionário e tinha um excelente colaborador para todas as tarefas administrativas, o que permitia a ele um tempo integral para se dedicar à missão. Sobre tudo depois de sua conversão em 1955 e sua nova conversão com a chegada à Recife, Dom Helder foi um homem de contato pessoal, homem que era capaz de atrair, capaz de transformar as pessoas com as quais entrava em comunicação, de modo que elas sentiam a necessidade de mudar de vida. Ele tinha o dom de despertar vocações de cristãos missionários. Para que isto aconteça temos que implementar urgentemente uma visão horizontal que gira em torno a comunhão eclesial, que conduz algumas aplicações concretas; como por exemplo: descentralização dos serviços, colegialidade em todos os níveis e base laical para que a Igreja e sua missão alcancem plenamente sua maturidade e objetivos apostólicos (AG 21, 1).

Atualmente, existem na Igreja cristãos semelhantes que convivem com o mundo dos pobres. Porém, eles são pouco conhecidos ou pouco valorizados, mais tolerados que apoiados, porque não correspondem ao esquema oficial. Geralmente são leigos e também bispos ou presbíteros que, que fizeram uma opção de vida deixando as estruturas em que

estavam envolvidos. No Brasil temos o exemplo de Irmã Dorothy Mae Stang, ela fazia parte das Irmãs de Nossa Senhora de Namur, que soube tão bem viver seu discipulado-seguimento-missão. Seu trabalho estava muito ligado às pessoas mais necessitadas, ela devotou sua vida, fez a opção pelos mais pobres, viveu com essas famílias, começou a organizar essas comunidades e as associações. Ela muitas vezes andou de repartição em repartição defendendo os interesses desse povo. No dia 12 de fevereiro de 2005 ela foi assassinada com seis tiros a queima-roupa, aos 73 anos de idade, em Anapu-Pará. Ela nos deixou um legado muito grande no sentido do seu profetismo, de mulher missionária, levando muito a sério o discipulado-seguimento-missão dentro da Igreja.

Pessoalmente acredito que os futuros missionários capazes de mudar a o rosto da Igreja serão os leigos (missionários leigos). Temos que seguir as pegadas do Concilio Vaticano II que nos fala da dignidade básica que iguala fundamentalmente a todos os membros do povo de Deus, que pelo batismo e demais sacramentos participam da missão profética, sacerdotal e pastoral de Cristo. Na caminhada atual da Igreja, se faz urgente, encontrar formas mais participativas, na direção de uma sinodalidade.

Entendo que a aplicação do projeto de Aparecida, não se realizará de cima para baixo. Não deve começar com um planejamento teórico. Começará com pessoas voluntárias, dispostas a entrar em uma aventura, e desta vez com o apoio da hierarquia. O Espírito Santo os mostrará o que podem fazer. A ação missionária deve proceder das próprias pessoas, pois se não for assim não terá nenhum efeito, porque não será um testemunho humano vivo, o único que pode tocar o coração dos ouvintes. A hierarquia tem um papel fundamental, que consiste em fazer o discernimento do Espírito a partir da tradição cristã, e estimular uma espiritualidade de espera e fidelidade ao que o Espírito diz. Compreendo, que um dos projetos mais urgentes que nos interpela a uma unificação de todas as forças vivas da Igreja na América Latina seria a grande missão Continental. O bom andamento deste projeto, encontrando formas mais participativas em todos os níveis, muito se contribuirá, para um despertar missionário e uma tomada de consciência que é próprio da natureza mesma de Igreja ser missão.

Na América Latina o apoio dos bispos dos sacerdotes e religiosos é fundamental. Porque, sobretudo no mundo dos pobres, os católicos são tímidos, inseguros, não confiam em suas próprias qualidades. É preciso apoiar, aceitar erros ou fracassos. Não se pode acertar tudo de uma vez, é um aprendizado permanente. Sabemos que existem muitos carismas e a hierarquia terá que organizar a harmonia entre todos eles para um serviço qualificado ao povo de Deus. A missionaridade exige uma Igreja nova e evangélica, que seja dinâmica que esteja sempre a caminho para encontrar o povo. Também se faz urgente fortalecer o ecumenismo, seria desejável, que no terceiro milênio todas as Igrejas cristãs se unam para exigir que a prioridade de todos os governos sejam regular a economia internacional, para acabar com a vergonha suprema de nossos dias que é a miséria, da maior parte da humanidade.

Finalizando, é fundamental um forte investimento na formação missionária. Primeiramente inclui uma profunda espiritualidade concentrada em geral na Sagrada Escritura, porém sobre tudo nos Evangelhos, isto é, na vida terrena de Jesus. Em segundo lugar, a formação consiste em multiplicar os encontros com pessoas, famílias, grupos. O missionário necessita aprender a estar presente em todos os lugares da vida social, como um sinal de vida renovada, animada pela fé, esperança e caridade. Não se trata de mostrar-se nos eventos sociais, mas sim de conhecer e descobrir as pessoas que são sensíveis ao chamado do Espírito, e saber dizer palavras que tocam o coração. É necessário aprender a linguagem popular. Alguns sacerdotes e bispos sabem fazer isso perfeitamente: são missionários que se tornaram assim pela graça de Deus, superando os esquemas de formação acadêmica que receberam.

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos fundamentar a importância do discipulado-seguimento de Jesus ressuscitado para os tempos atuais. Buscamos explicitar a experiência vivida pelos discípulos na presença de Jesus, presença física de Jesus, que os chamou e foi formando para o discipulado-seguimento-missão. Foi na convivência com o Jesus de Nazaré, o Jesus histórico, que como Mestre foi educando e formando o coração destes discípulos. Foi o período de aprendizado e discipulado. Todo este processo de formação encontra seu pleno sentido na experiência profunda com o Cristo ressuscitado. Essa nova iluminação para interpretar a verdade dos acontecimentos históricos, que tiveram em Jesus de Nazaré como sujeito e protagonista, é apresentada como um fenômeno extraordinário, que teve lugar na festa de Pentecostes.

O discipulado-seguimento de Jesus tem como eixo central uma espiritualidade encarnada na realidade. Portanto, está mal formulada uma espiritualidade quando se diz que o objetivo de tal espiritualidade é conseguir a perfeição espiritual do indivíduo. À medida, que elaboramos semelhante formulação inevitavelmente se pode desembocar num individualismo, espiritualismo e na privatização, atitudes que não têm nada a ver com um autêntico discipulado-seguimento de Jesus. São atitudes totalmente opostas ao discipulado-seguimento.

O discipulado-seguimento-missão se especifica e tem por definição as seguintes características: antes de tudo, a liberdade da pessoa, que quer seguir a Jesus. Esta liberdade tem razão de ser no discipulado-seguimento, pois significa aproximação, movimento: para estar perto de Jesus, o movimento do discípulo tem que estar na mesma direção em que avança Jesus. Portanto, o discipulado-seguimento-missão exige uma vigilância permanente, conversão contínua. O discípulo de Jesus não pode estar preso a coisas, a lugar e a pessoas, deve estar livre de situações que os torne prisioneiro do passado ou do presente. Por isso, uma das características de quem segue fielmente a Jesus, é ter sempre na mente e no

coração, uma abertura para o futuro. Esta atitude fundamental tem sua explicação, em última instância, em Deus mesmo: o Deus de Jesus, mesmo Deus de Israel, o Deus que peregrina com seu povo, que sempre o acompanha, que avança pelo deserto da vida, que conduz os seus, num grandioso êxodo, até a terra prometida. Por conseguinte, a opção fundamental do discípulo de Jesus é a opção pela liberdade. Essa liberdade é condição básica, para estar sempre próximo de Jesus e manter uma profunda intimidade com Ele. Esta liberdade não deve ser compreendida como um ato pontual, mas deve ser compreendida como uma meta que se alcança a partir do momento em que a pessoa se coloca no seguimento de Jesus. Portanto, a liberdade é algo dinâmico, evolutivo, é uma tarefa para toda a vida. É a primeira tarefa que identifica um autêntico discipulado-seguimento-missão.

Outra característica do discipulado-seguimento-missão é a disponibilidade. O discípulo que é disponível é uma pessoa livre. A disponibilidade é consequência lógica da liberdade. Antes de tudo é importante termos presente, que a relação fundamental do discípulo com Jesus se interpreta a partir do discipulado-seguimento-missão não da imitação. É abrir-se a um destino. E por isso, quando Jesus chama a alguém para que o siga, não deixa claro para quem o chama, nem apresenta um programa definido, nem aduz motivos, nem admite condições. É um chamado que compromete a pessoa a uma aventura, pois está aberta a todas as possibilidades e riscos. Em definitivo, é um chamado que interpela o cristão, para o mesmo destino que seguiu Jesus, que foi um compromisso sem limites, incondicional, um amor levado até as últimas consequências, até a morte de cruz. É esta disponibilidade, entrega de Jesus ao projeto de Deus Pai é que define e caracteriza o discipulado-seguimento de Jesus.

Como indicamos anteriormente a liberdade e a disponibilidade encontram seu fundamento e sua razão de ser na experiência fundante, que é o eixo central de todo o discipulado-seguimento-missão de Jesus. O encontro pessoal com Jesus, como pessoa vivente e atual é que denominamos como experiência fundante. Por isso, dentro dessa compreensão a concepção de amizade é a que melhor se enquadra na relação que deve prevalecer entre o discípulo e Jesus. Uma amizade que se compreende e se vive como entrega, fidelidade e confiança. Onde existem estas virtudes, de uma autêntica amizade

existe discipulado-seguimento de Jesus. Por outra parte, é bom recordar que a experiência fundante nos ajuda a discernir, é o único que pode libertar-nos autenticamente das alienações que às vezes conduzem a fé (mal entendida e mal praticada) dos “perigos” que muitas vezes nos levam ao fanatismo, a intransigência na fixação nas mediações religiosas e outras coisas deste tipo.

Porém, para a vivência do discipulado-seguimento-missão não basta à experiência fundante. Conjuntamente e além desta experiência, é necessário assumir um compromisso. O discipulado-seguimento-missão deve ser alimentado por uma autêntica mística cristã em que se expressa e se traduz em compromisso. Trata-se do mesmo compromisso que assumiu Jesus. Sabemos que a morte de Jesus não foi uma morte natural, Jesus foi assassinado. É decisivo compreender que Jesus questionou e rejeitou as instituições e poderes que escravizam e oprimem o ser humano. Podemos afirmar que a prática de Jesus foi um compromisso constante a serviço do povo. Ele abraçou, e viveu a radicalidade deste compromisso que o levou até morte. Não é sem razão que os evangelhos estabelecem uma relação fundamental entre discipulado-seguimento-missão, e a cruz. Portanto, para que haja um autêntico discipulado-seguimento, deve haver um compromisso incondicional a serviço do povo. Um elemento complementa o outro.

O discipulado-seguimento de Jesus orienta-se a um determinado objetivo: a libertação. Esta libertação, antes de tudo e sobre tudo, está voltada a libertação de todos os oprimidos: os pobres, marginalizados e em geral, os crucificados da terra. Esta libertação deve ser entendida como uma libertação integral, que se situa em três níveis: sócio econômico e político das causas que geram opressão; ao nível antropológico dos agentes que produzem a alienação cultural e ao nível mais profundo da libertação do pecado, que rompe a amizade com Deus e com Cristo. A libertação, que gera o autêntico discipulado-seguimento de Jesus, exige a libertação nos três níveis simultaneamente. Conforme o plano de Deus, esses níveis não se podem separar. Tudo isto nos leva afirmar que a tarefa essencial do discípulo de Jesus é um compromisso com a libertação, frente a toda injustiça e opressão.

No discipulado-seguimento de Jesus também é fundamental a alegria, pois somos seguidores de Cristo Ressuscitado. Em Cristo Ressuscitado temos vida nova. Toda a mensagem cristã é uma mensagem de alegria. Por isso, as renúncias que se implica no discipulado-seguimento-missão, não são um caminho sombrio, que precipita o cristão no conflito e na frustração. As renúncias que se impõe ao discipulado-seguimento-missão são o preço da liberdade e da libertação. Tudo isto significa, que na prática, o discipulado-seguimento-missão de Jesus tem uma dimensão essencialmente comunitária. Os discípulos, que seguiram a Jesus, viveram seu discipulado-seguimento-missão em comunidade, na comunidade de seguidores que o próprio Jesus reuniu. A única leitura aceitável da mensagem de Jesus é a que se faz com chave comunitária. De maneira que as renúncias e exigências do discipulado-seguimento-missão encontram sua compensação, em uma vida de comunhão com outros que encontra sua plenitude nas aspirações mais profundas do ser humano.

Um caminho, um projeto que implica tantas e tais renúncias e, ao mesmo tempo, tanta e tal plenitude de alegria, é obviamente um projeto utópico. Temos que levar em consideração, que o projeto de Jesus se orienta a realização de uma convivência em igualdade, fraternidade, solidariedade, liberdade e preferência pelos mais pobres e mais desprezados da sociedade. Um projeto assim é sem dúvida uma utopia. No entanto, aqui devemos compreender que, quando falamos de utopia, não falamos do impossível, pois Deus tem um projeto de felicidade para todo ser humano. É um projeto que antecipa um futuro melhor, quer dizer, a utopia assume as experiências e as aspirações mais profundas do ser humano e as organiza em torno de um projeto, que deve realizar em um futuro mais ou menos imediato. É dentro deste dinamismo que se deve interpretar e vivenciar o discipulado-seguimento de Jesus. No que diz respeito às opções concretas, em que tudo isto deve desencadear, cada cristão deve discernir, a partir de uma análise séria da realidade, do contexto em que vive e atua o que mais conduz para uma libertação integral dos oprimidos.

Como discípulos e seguidores, devemos prosseguir em diálogo com o mundo dos pobres, mas abrindo-nos aos diversos temas para contribuir em reforçar as motivações do compromisso pela transformação da realidade. Alentando a esperança, acompanhando e participando das lutas que o povo está desenvolvendo, sobretudo no que diz respeito à

criação de cidadania, o cuidado com o meio ambiente e a luta contra todo tipo de discriminação. O discipulado-seguimento-missão nos faz entender que Deus não é um conceito sagrado, abstrato, mas sobre tudo uma grande realidade que vai além da realidade histórica, gerando, sempre mais e melhor, o seu Reino como história nova e vida em abundância. O tema do discipulado-seguimento-missão pode ser uma excelente oportunidade para que a Igreja latino-americana mostre um rosto de discípula mais que de mestra. Uma Igreja, que sem deixar de sua missão essencial de ensinar e transmitir, é chamada igualmente a aprender.

O seguimento de Cristo consiste basicamente em um tratar de reproduzir a Cristo em nós, copiar seus traços até que já não sejamos nós, mas Ele quem habite em nós, até Esta cristificação equivale a ter a Cristo por Lei.

Em suma não existe mais uma Igreja, que vai em missão levando contigo tudo o que deve implantar em outra parte do mundo, a chamada *plantacio Eclesea*, convencida de já ter atingido a perfeição. A Igreja está em missão e não tem mais as missões, porque é próprio da natureza mesma de Igreja ser missão. A missionaridade faz com que toda a Igreja seja missionária, capaz de sair das próprias fortalezas e seguranças, para encontrar o povo e viver a mesma compaixão de Jesus de Nazaré: o encontro apaixonante salvífico entre Deus e a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

Fontes

1 BIBLIA

BIBLIA DE JERUSALÉN. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2009.

2 MAGISTÉRIO

CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1969.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A evangelização no presente e futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência em Puebla. Loyola, 1979. Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Petrópolis: Vozes, 1977.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio*. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____ *Discípulos Missionários de Jesus Cristo, para que n'Ele nossos povos tenham vida*. Texto Conclusivo V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida. Bogotá: San Pablo, 2007.

_____ *Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____ Pontificio Consejo Justicia y Paz. *Compendio de la Doctrina Social de la Iglesia*. Documentos Consecutivos - CELAM, No. 20. Bogotá: 2005.

_____ Río, Medellín, Puebla, Santo Domingo. Santafé de Bogotá: 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGUIRRE, Rafael. *Del movimiento de Jesús a la Iglesia cristiana. Ensayo de exégesis sociológica del cristianismo primitivo*. Navarra: Verbo Divino, 1998.

ALEGRE, Xavier. Ensayo sobre los orígenes del cristianismo. De la religión política de Jesús a la religión doméstica de Pablo. Navarra: Verbo Divino, 2001; 190 p.

_____ *Memoria subversiva y esperanza para los pueblos crucificados*. Madrid: Trotta, 2003.

ANTONCICH, Ricardo. “O seguimiento de Jesus, hoje, na América Latina”. In: *Itaici (Revista de Espiritualidade Inaciana)* n.52, (Jun. 2003); São Paulo: p.23-34.

BENEDICTO XVI. *Carta Apostólica. Deus Caritas Est*. Bogotá: Paulinas, 2006.

_____ *Carta Encíclica Caritas in Veritate La Caridad in la Verdad*. Bogotá: San Pablo, 2009.

_____ *Exhortación Apostólica Postsinodal*. Bogotá: San Pablo, 2010.

_____ *Homilia durante la Hora Tercia de la primera Congragación del Sínodo de los Obispos* (6 de octubre 2008): AAS (2008).

BENEDICTO XVI (JOSEPH, Ratzinger). *Jesús de Nazaret: Desde el Bautismo a la transfiguración*. Bogotá: (Traducción: Carmem Bas Álvarez), Planeta Colombiana, S.A., 2007.

BEOZZO, J. O. “Medellín: vinte anos depois (1969-1988)”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: n. 192, 1988, pp. 771-805.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “Discipulado e missão na América Latina”. In: *Itaici (Revista de espiritualidade inaciana)* n.68, (Jun. 2007); São Paulo: p.73-86

BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998.

BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. Brasil: Vozes, 1984.

BONHÖFFER, Dietrich. Resistencia e sumisión, Cartas y apuntes desde el cautiveiro. Salamanca: Sígueme, 1983.

CABALLERO, Basilio Álvarez. *La Palabra cada día*. Madrid: San Pablo, 1990.

CABESTRERO, Teófilo. En Medellín a semilla del Vaticano II dio el ciento por uno. En: *Revista Latinoamericana de Teología* 46. San Salvador: enero-abril, 1999, p. 59-74.

CADAVID DUQUE. À. *El camino pastoral de la Iglesia en América Latina y el Caribe (Del Primer Concilio Plenario a Aparecida)*. Bogotá: San Pablo, 2010, 158 p.

_____ *Los signos de los tiempos. Perspectivas latinoamericanas*. CELAM, Bogotá: 1997.

CARRIQUIRY, Guzmán. *Globalización e identidad católica da América Latina*. México: Plaza & Janés, 2003.

CASTILLO, José María. *El seguimiento de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 1996.

Conferencia de San Vicente de Paúl a las Hijas de la Caridad (SVP, IX 1125).

CONGAR, Yves. *Journal* (15/10/62) Y. M.- J. Congar, 1962, p. 76.

DUNN, James D. G. *Redescubrir a Jesús de Nazaret. Lo que la investigación sobre el Jesús histórico ha olvidado*. Salamanca: Sígueme, 2006, 109 p.

ESPEJA, Jesús. *Jesucristo la invención del diálogo*. Navarra: Verbo Divino, 2001.

_____ *Jesucristo una propuesta de vida*. Madrid: San Pablo, 2010.

FLORESTÁN, Casiano. *Teología Práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sígueme, 1991.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología desde el reverso de la historia*. Lima: CEP, (Colección CEP, No. 19); 1977.

_____ *Teología de la liberación. Perspectivas*. Salamana: Sígueme, 1975.

HUMMES, Dom Claudio. “El Marco social y eclesial hoy de América Latina: 25 años después de Puebla”. En: Boletín CELAM n. 305. Septiembre, 2004.

JOÃO PAULO II. Carta apostólica *Novo millennio ineunte* (6 de enero de 2001). Bogotá: Paulinas, 2001.

_____ Carta Apostólica *Redemptoris missio*. Bogotá: Paulinas, 1991.

_____ “Discurso a los obispos del CELAM en la Inauguración de la XIX Asamblea Ordinaria”, Port au Prince, Haití, 9 de marzo de 1983. En: CEPAL, 1992.

_____ “Discurso inaugural Santo Domingo”, 1992, No 29.

JEREMIAS, Joachim. *Teología del Nuevo Testamento I*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 133-148.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Diccionario del Nuevo Testamento*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2002.

_____ Vocabulario de teología bíblica. Barcelona: Herder, 1965.

- LENAERS, Roger. *Outro cristianismo é possível: a fé na linguagem moderna*. São Paulo: Paulus, 2010.
- LIBÂNIO, J. B. “O Significado e a contribuição da Conferência de Puebla à Pastoral na América Latina”. Bogotá: v. 21 n. 81 (Marzo, 1995); p. 71-107.
- LOHFINK, Gerhard. *La Iglesia que Jesús quería. Dimensión comunitaria da fe*. Colección Cristianismo y Sociedad D.B., No.12, Bilbao: Desclée de Brouwer, 1986.
- LORSCHIEDER, Aloísio. *Mantenham as lâmpadas acesas. Revisando o caminho, criando a caminhada*. Fortaleza: UFC, 2008.
- MATEOS, Juan. *Los “Doze” e otros seguidores de Jesús en el evangelio de Marcos*. Madrid: Cristiandad, 1982.
- MATEOS, Juan. – BARRETO, Juan. *El Evangelio de Juan. Análisis Lingüístico y comentario exegético*, Madrid: Cristiandad, 1982.
- MENDES DE ALMEIDA, Luciano. “Missão da Vida religiosa. Epifania de Deus no Mundo” In: *Convergência*, Rio de Janeiro: a. 31, n. 295, (Setembro, 1996); p. 405-412.
- _____ A Eucaristia centro da comunidade eclesial. In: *Itaici*, Indaiatuba. n. 81-82 (Março/ Junho, 1997), pp. 5-16.
- MOLINA, Edmundo Omar. *El anuncio Misionero ante los retos actuales de la urbanización*. Trabajo de grado para optar por el título de Licenciatura Canónica en Teología con énfasis en Misionología. Universidad Pontificia Bolivariana – Consejo Episcopal Latinoamericano – CELAM – Instituto Teológico Pastoral para a América Latina – ITEPAL. Bogotá, 2009.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teología de la esperanza*. Salamanca: Sígueme, 1981.
- NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: 6ª ed. Paulus, 2007.
- OLIVEROS, Roberto. “Antecedentes da V Conferência Geral do Episcopado na tradição Latino-americana”. In: *Convergencia* 399, v. 42. Rio de Janeiro: enero-febrero, 2007, p. 23-36.
- OÑORO, Fidel - RAMIREZ, Hernán Cardona. *Jesús de Nazaret en el evangelio de San Lucas: comentarios bíblicos al ciclo litúrgico C*. Medellín: UPB, 2006.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesús aproximación histórica*. PPC, editorial y distribuidora, SA. Madrid: 2007.
- PABLO VI. Exhortación Apostólica *Evangelii nuntiandi*. Bogotá: Paulinas, 1986.
- RAD, Von Gerhard. *Teología del Antiguo Testamento II*. Salamanca: Sígueme, 1984.

- RAHNER, Karl. “Elemente der Spiritualität in der Kirche der Zukunft”. In: Schzth. Enseideln. Ed. Besinger. 1980, v. 14, pp. 375ss.
- RHODEN, Luiz Inácio. Experiência de Deus. Em: *Itaici (Revista de espiritualidade inaciana)* n.58, (Jun. 2004); São Paulo: p.24-32.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1997.
- SCHÖKEL, L. A. Dicionário Bíblico Hebraico-Português. São Paulo: Paulus, 1997.
- SELLA, Adriano. *Por uma Igreja do Reino: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial.* (Traduzido por José Vidigal) – São Paulo: Paulus, 2010.
- SCANNONE, Juan Carlos. “El comunitarismo com aternativa viable”, em Luciano Mendes de Almeida (et al), *el futuro de la reflexión teológica em América Latina*, Bogotá: 1996, pp. 195-241.
- _____. “El hombre en la época da la globalización como hecho y como ideología”. En: CIAS. Buenos Aires: No. 562-563 (marzo - abril 2007); p. 57- 63.
- _____. Juan Carlos. *La nueva cuestión social a la luz de la Doctrina Social de la Iglesia.* En: CIAS. Buenos Aires: No. 510 (marzo de 2002); p. 45-52.
- SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré.* Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados.* Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TAMAYO-ACOSTA, Juan José. “Significación teológica y eclesial de Medellín y Puebla. Desafíos a los cristianos del primer mundo en el siglo XXI”. En: *Revista latinoamericana de Teología, San Salvado:* n. 49 (enero-abril, 2000); p.37-50.
- TOPLER, P. Cavalini-A. “La relazione di reciprocità e l’altro nella psicologia contemporanea”, *Nuova Umanità* 26, 2004, 196-216.
- TOVAR, Cecilia. “Retomando el camino a Medellín: La V Conferencia General del Episcopado en Aparecida”. En: *Páginas* 206, a. 32. Lima: agosto, 2007, p.42-51.
- VAUX, Roland de. *Historia antigua de Israel I.* Madrid: Crisandad, 1975.
- VITÓRIO, Jaldemir. “Cidadania eixos do discipulado cristão”. In: *Revista Jesuítas-Brasil*, n. 266 (Abril/maio/Jun, 2010). Porto Alegre: p.24-32.

Fonte eletrônica:

BENEDICTO XVI, Rueda de prensa en el vuelo a Lisboa hacia la visita apostólica a Fátima. Recuperado de www.vaticana.va

BOFF Clodovis (2007). Recuperado de http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1035&secao=224

BRIGHENTI, Agenor (2008) A Opção pelos pobres e a urgência da missão 40 anos de Medellín. Recuperado de <http://www.missiologia.org.br/cms/ckfinder/userfiles/files/AgenorA2CMN.pdf>

CEPAL – pobreza na América Latina. Recuperado de www.eclac.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/prensa/...

LIBÂNIO, João Batista (2007). Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. Recuperado de <http://www.ihu.com.br/uploads/publicações/edições/1161895332pdf.pdf>

MIRANDA, França (2007). Recuperado de http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1035&secao=224

OLIVEIRA, Marcos Eduardo de (2009). Que sistema econômico queremos? Recuperado de <http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=15¬iciaId=1186>

Sobre a pobreza no mundo. Recuperado de http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27612

Wikipédia, a enciclopédia livre. Recuperado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Globalização>
Wikipédia, a enciclopédia livre. Recuperado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_greco-romana